

# WUNSCH 16

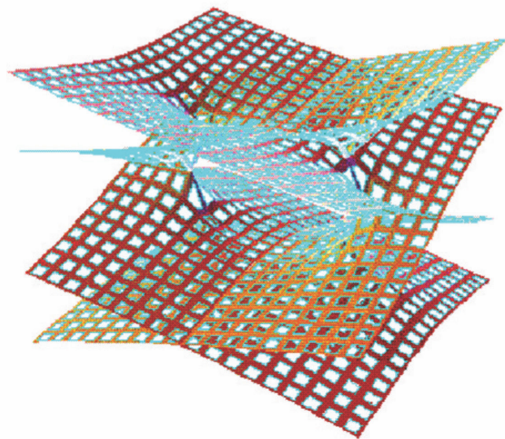
**Boletim Internacional  
da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo lacaniano**

fevereiro 2017



<b>EDITORIAL</b> , por Colette Soler .....	5
<b>O ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESCOLA, JULHO DE 2016:</b>	
<b>“O DESEJO DE PSICANÁLISE”, OU “A EXPANSÃO DO ATO ANALÍTICO”</b> .....	7
– Abertura, por Ricardo Rojas .....	7
<b>Intervenções dos dois AE nomeados em fevereiro de 2016</b>	
– Cor de passe, por Marie-Noëlle Jacob-Duvernet .....	9
– Dos confins de uma análise, por Vera Iaconelli .....	16
<b>Função do dispositivo do passe no desejo de psicanálise</b>	
– Passe, transmissão e desejo de psicanálise, por Pedro Pablo Arévalo .....	20
– Juri ou cartel?, por Sonia Alberti .....	21
– Cartel-passe-Escola, por Ramon Miralpeix .....	23
– O que dispõe..., por Maria Teresa Maiocchi .....	25
– O desejo de psicanálise: um desejo impulsor no dispositivo do passe, por Silvia Migdalek .....	28
<b>O desejo de psicanálise no tratamento</b>	
– O decantar do desejo de Psicanálise no Passe, por José Antonio Pereira da Silva .....	30
– De um testemunho ao outro, por Jorge Escobar G. ....	32
– O desejo de seguir após a “cura”, por Jean-Jacques Gorog .....	34
– O desejo de analisar-se, um desejo forçado. A propósito de um caso, por Ana Martínez .....	36
– Desejo de psicanálise versus desejo do analista, por Camila Vidal .....	38
<b>O desejo de psicanálise exterior ao tratamento</b>	
– Entre agalma e mais-de-saber: do desejo de psicanálise, por Sidi Askofaré .....	40
– O limite do lado de fora, por Marie-José Latour .....	42
– Fazer bonito no mercado premium?, por Diego Mautino .....	44
– O desejo de psicanálise fora do tratamento, por Martine Menès .....	46
– Um laço dos mais fundamentais, por Leonardo Rodríguez .....	48
<b>EXPERIÊNCIAS DOS CARTÉIS DO PASSE</b>	
<b>Contribuição da AE nomeada em novembro de 2016</b>	
– Esboço de um trabalho por vir, Elisabete Thamer .....	51
<b>Contribuições dos membros do CIG</b>	
– O que é nomear?, por Marie-José Latour .....	52
– O passador, seu AME, o passante, os cartéis... e seus impasses, por Sonia Alberti .....	55
– Via, por Nadine Cordova .....	58
– Vale a pena fazer o passe, ainda, por Maria Luisa de la Oliva .....	60
– Poesia e as línguas do passe, por Susan Schwartz .....	62
– Visto dos cartéis do passe, por Colette Soler .....	64
– Traço de gozo, interpretação e final, por Ricardo Rojas .....	72
– Experiência CIG, por Maria Teresa Maiocchi .....	74
– O Passe e a clínica: A questão sobre a “hystorização”, por Gabriel Lombardi .....	77
<b>PRODUTOS DOS CARTÉIS DO CIG</b>	
<b>Cartel “O passo de entrada / A não entrada”</b>	
– A hystorização de entrada em análise, por Colette Soler .....	80
<b>Cartel “O saber que passa”.</b>	
– Uma difícil relação com o saber, Sol Aparício .....	82
– O saber adquirido/para quem, por Jean-Jacques Gorog .....	85
– O saber-fazer do analista e o toque, por Maria Luisa de la Oliva .....	88
– Ler uma carta não é saber encontrar seu caminho, por Marie-José Latour .....	90
<b>EVENTOS MARCADOS</b>	
– Simpósio Interamericano (09/2017): “Sexuação e identidades” .....	96
– Encontro Internacional da IF-EPFCL (09/2018): “Os adventos do real e o psicanalista” .....	98





## WUNSCH

Número 16, fevereiro de 2017

APÓS O ENCONTRO  
INTERNACIONAL DA IF E O  
ENCONTRO  
INTERNACIONAL DE  
ESCOLA DE 2016, EM  
MEDELLÍN

### Boletim Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo lacaniano

#### EDITORIAL

Esse *Wunsch 16* será, conforme *Ecos 8*, a última contribuição de um CIG, o de 2014-2016, cujos membros, creio poder dizê-lo, se vão tristes, em razão do tanto que o trabalho feito em conjunto no curso desses dois anos, com laços estabelecidos, a multiplicidade das questões levantadas, as tentativas de cada um de responder na sua medida, conseguiu sustentar um desejo de contribuir com essa Escola de psicanálise que justifica nossa associação.

Para esse número, retivemos, além dos trabalhos dos membros do CIG, as apresentações do Encontro internacional da Escola em Medellín em julho de 2016, sobre o tema “O desejo de psicanálise”, assim como as contribuições dos três AE nomeados em 2016.

As apresentações das Jornadas europeias de 21 e 22 de janeiro de 2017 sobre “O saber do analista e seu saber fazer” serão publicadas em *Wunsch 17* pelo CIG recentemente eleito, com exceção das contribuições de um dos cartéis do CIG precedente, que escolheu para tema “o saber que passa”.

As duas próximas grandes datas que nos aguardam são agora setembro de 2017, o Simpósio Interamericano, “Sexuação e identidades”, no Rio de Janeiro, e setembro de 2018, o Encontro da IF e o Encontro internacional da Escola, “Os adventos do real e o psicanalista”, em Barcelona, dois acontecimentos que apresentaremos no final deste número.

Desejemos agora a nossos colegas do CIG atual, dois anos tão revigorantes quanto o foram os nossos, até o próximo Encontro internacional da Escola em Barcelona, em 2018.

*Colette Soler, Secretária do CIG 2014/2016.*



## O ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESCOLA, JULHO DE 2016.

### O desejo de psicanálise, ou “A expansão do ato analítico”.

Esse tema, “o desejo de psicanálise” visa a presença da psicanálise no discurso atual, o que chamamos habitualmente “a extensão”. Mas é necessário precisar, conforme a definição dada por Lacan, que não se trata da difusão do discurso sobre a psicanálise, nem mesmo da multiplicação dos psicanalistas auto-declarados, mas “da expansão do ato”. É a condição para que haja falantes que se analisam. Dito de outro modo, trata-se da psicanálise “em intensão”, inseparável de seu “horizonte” de extensão, pois é em ato que ela deve fazer a diferença em relação às psicoterapias polimorfos.

## OS TEXTOS DO ENCONTRO INTERNACIONAL

### Abertura

Ricardo Rojas, Medellin, CIG 2014-2016

Como representante da Zona da América Latina (Colômbia-Venezuela e Porto Rico) no CIG, tenho a honra de abrir este 5º Encontro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Ele faz parte de uma série iniciada pelo primeiro Colegiado de Animação e Orientação da Escola (CAOE) em 2009, constituído então por Antonio Quinet, representante do Brasil, Florencia Farias, da Argentina, Josef Monseny, da Espanha e Colette Soler, da França. A ideia desses encontros, nos diziam eles, foi motivada pela “necessidade de dar um impulso renovado ao nosso trabalho” e o tema proposto para Buenos Aires: “Como a Escola orienta a prática e a comunidade analítica?” era uma maneira de voltar a perguntar o alcance e o sentido de uma Escola de psicanálise. O segundo encontro, em Roma 2010, teve duas sequências centradas sobre o dispositivo do passe: “Um problema crucial da psicanálise” e “Experiências do dispositivo”. Em Paris, em 2011, nos congregou o assunto: “A psicanálise, fins, continuidades”, título que nos convidou, primeiramente, a testemunhar, questionar e desenvolver um tema de imensa atualidade para nossa Escola, além de ter centrado uma jornada de trabalho a pensar “A Escola diante da prova do passe”. O último Encontro da Escola teve como tema “Nossa experiência de Escola”, centrado ao redor da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, que hoje tem 15 anos de fundação.

Jacques Lacan, psicanalista francês, funda em 1964, um novo modelo institucional chamado Escola que tem por funções: 1- sustentar “a experiência original” em que consiste a psicanálise e permitir a formação de analistas, 2- discernir a garantia desta formação graças ao dispositivo do passe e dar garantias aos analistas “que deram suas provas”, 3- sustentar “a ética da psicanálise que é a prática de sua teoria”. Assinala em seu texto “Ato de Fundação” que o termo “Escola” deve servir de refúgio contra o “mal-estar na Cultura” e ser o lugar onde se elabora a lógica do Ato analítico.

Estamos assumindo esta proposta de Lacan com o tema de nosso 5º Encontro, ao redor do “Desejo de psicanálise ou expansão do Ato psicanalítico”. É um sintagma novo, proposto por Colette Soler ao Colegiado Internacional da Garantia (CIG), que o acolheu. Visa a

presença da psicanálise no discurso atual, a expansão como “*expansão do ato*”, o qual é a condição para que haja analisantes com os quais estamos do lado da psicanálise em “*intensão*”.

Lacan em sua *Proposição do Passe* nos apresenta o psicanalista em intenção como intimamente ligado ao saber referencial. Por esta época, Lacan introduzia uma nova dimensão do saber, deduzida da experiência ou da práxis psicanalítica, o não-sabido que se ordena como marca do saber, um saber sem sujeito que só se comprova por ser legível, um inconsciente real que será o que orientará seu ensino em seus últimos anos. Tudo isto é apresentado junto com sua genial proposta do dispositivo do passe, uma criação de Lacan para tentar obter esse saber do real surgido da experiência analítica. Uma forma de garantia para os psicanalistas, inimaginável até esse momento. A oferta de um procedimento para todo aquele que queira dar provas de ter finalizado sua análise. Dando ao passe a estrutura do chiste, aquele que decide tentar fazê-lo não o faz diretamente diante de um Juri mas, ele, que se chamará o passante, sorteia de um chapéu dois de seus chamados “passadores”. Diante deles, testemunha, no tempo que considere necessário, com o qual temos uma particularidade, que é a de construir duas versões da *histero-historização* {*hystorisation*} de sua análise. Uma historização de seu próprio tratamento, convocando novamente sua palavra face ao agente do discurso histérico, quer dizer, como sujeito dividido que busca seus significantes mestres para tentar de recolher um produto intimamente relacionado com o saber. Logo os passadores, “*les passeurs*”, que na língua francesa quer dizer barqueiros que levam sua mercadoria para o outro lado do rio, tentarão levar a carga para o outro lado, quer dizer, entregá-la ao Cartel-Juri do Passe, perante o qual cada um dos dois constrói sua versão do testemunho, ficando o Cartel com a possibilidade de elaborar o saber do que foi escutado, mas fazendo-se de Jurado, pois a escuta desse testemunho terminará sempre com SIM ou NÃO, conforme a convicção do juri que o testemunho demonstra, ou não, que essa análise produziu um analista, e no caso de a resposta ser positiva, uma nomeação: a de Analista da Escola (AE), segunda nomeação que a Escola garante, como diz Lacan, “que um psicanalista dependa de sua formação”, não só que dependa da Escola, mas sim da ex-sistência da psicanálise, pois em nossa Escola não somente são nomeados analisantes de analistas desta, mas também de outros analistas, que, além da nossa, fazem ex-sistir a psicanálise no mundo.

Mas no dispositivo do passe não há somente o discurso do histérico, por estrutura estão os outros três, incluído o discurso analítico como o que faz girar e produz a roda dos discursos. Trato de apresentar alguns elementos para que aqueles, que apenas se aproximam da psicanálise, tenham uma ideia do dispositivo do passe, pois este será um vetor muito importante que ocupará nossas reflexões sobre a Escola durante esta manhã, por exemplo, na continuação escutaremos os chamados testemunhos, diria eu, de pós-passe, das duas últimas pessoas nomeadas como analistas de Escola (AE) pelos Cartéis de passe que funcionam no interior do CIG, na *Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo lacaniano*. Igualmente, para terminar a manhã, teremos umas reflexões e uma discussão sobre o tema: *O dispositivo do passe e o desejo de psicanálise*. Quer dizer, estaremos francamente do lado da psicanálise em intensão e do saber textual que ela implica, esse saber legível no texto do inconsciente e que aponta para o real.

Serão de importância central durante esta manhã, as relações entre o desejo de psicanálise e o desejo do psicanalista. Não é por acaso que Lacan utiliza a expressão “*expansão do ato*” em seu texto *Discurso à EFP*, que foi escrito como resposta às opiniões que havia produzido sua *Proposição* no interior de sua Escola. Sabemos que o ato está intimamente ligado à passagem de analisante a analista, precisamente esse passo do passe que o dispositivo examina e que se espera, esteja cheio de consequências.

A primeira parte da tarde dedicaremos ao desejo de psicanálise no tratamento, quer



dizer, de um lado, as relações entre o desejo do analisante e o desejo do analista, suas vicissitudes no tratamento para dar *ex-sistência* ao desejo de psicanálise. E, finalmente, ao terminar a jornada, o desejo de psicanálise fora da Escola, que eu apresentaria como as relações entre o desejo de psicanálise e o desejo de Escola, quer dizer, como manter a *ex-sistência* da psicanálise conservando sua especificidade, no que me refiro à Escola e a seus objetivos, “sustentar a ‘*experiência original*’ em que consiste a psicanálise” e sustentar “a *ética da psicanálise que é a práxis de sua teoria*”. Por isto claramente se assinalava que no desejo da psicanálise não se trata “da *difusão do discurso sobre a psicanálise, nem sequer da multiplicação dos psicanalistas autodeclarados, mas sim, da ‘expansão do ato*’”. Recolho aqui uma tese de uma colega, quando da Jornada de preparação deste Encontro, em 5 de junho deste ano, no Fórum de Medellín: o desejo de psicanálise é a escrita de uma estrutura borromeana constituída por três anéis: o desejo do analisante, o desejo do analista e o desejo de Escola, todos esses três desejos em sentido genitivo subjetivo e implicando uma Escola e um saber textual furado.

Antes de declarar aberto o 5º Encontro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, quero agradecer à Comissão Organizadora do IX Encontro, seus esforços para que todos os aspectos logísticos estivessem no ponto para o bom desenvolvimento de nossas atividades e agradecer também a meus companheiros do CIG, com os quais participamos da construção dos elementos capazes de produzir uma reflexão, e como diziam os que criaram esta atividade, esperamos ter dado um impulso renovado ao nosso trabalho de Escola. Finalmente agradecer à Universidade EAFIT, sua hospitalidade e a seus diretores por não terem duvidado em nenhum momento, desde que o propusemos, em nos acompanhar nesta empreitada do Encontro de Escola que nos reúne hoje e do Encontro da Internacional dos Fóruns que começa amanhã, nesta cidade de Medellín.

*Tradução de Bruna Americano.*

## INTERVENÇÕES DOS DOIS AE NOMEADOS EM FEVEREIRO DE 2016

### Cor de passe

Marie-Noëlle Jacob-Duvernet, Angers, França

*Fundos de um jardim no centro da França, o avô a leva correndo, rindo, para provar groselhas espinhosas. Este pequeno fruto verde range na boca, espalha uma acidez fulgurante, um prazer inaudito. Deixa-se levar, não entende, mal sabe falar. É tão jovem, na idade em que se é atravessado pela água da linguagem escutada. A avó os segue, finge brigar, é hora da missa, não se come antes de comungar. Mas o avô ri, uma risada por nada, é assim para ela, muito antes de entender, uma risada que surge na vida para gozá-la.*

*E isso é tudo, não voltou a vê-lo. Morreu uns meses depois, sem uma palavra. Ficou, assim, pronto para o esquecimento até a análise, quando um dia voltou, seguido de novo esquecimento.*

Não foi dito no passe, mas hoje está aí, no momento em que meu passe termina, nesse tempo final em que o transmito à Escola. Hoje e aqui na Colômbia, o outro país dos avós, é o que me foi evidenciado, no país do “Papalelo” de Gabriel García Marques.

As marcas nem sempre são cingidas, mas algumas vezes podem ser sentidas.

Não posso lhes esconder minha alegria, a de ter terminado minha análise, a de estar

com vocês, para transmitir isso ao som da risada de meu avô.

E nesse momento de novidade, em que as coisas nem sempre estão asseguradas, guardo também esta pequena nota de Gabo, e a cito: “O mundo era tão recente que muitas coisas, portanto, não tinham nome e para mencioná-las, era preciso apontá-las”.<sup>1</sup>

Então, se as palavras faltam, deixe o riso explodir<sup>2</sup>, se não há nada mais a encontrar, ele testemunhará o caminho percorrido.

O riso como Um sonoro, impregnado de alíngua, se une ao corpo em um gosto inaudito pela acidez. Esse gosto pela acidez teria sido o condimento<sup>3</sup> real de minha vida?

Possivelmente, a acidez brilha na boca com o risco da impaciência, de um pouco de insolência, de um dedo de rebelião totalmente feminina.

### No refúgio de nada

*No entanto, o que foi necessário atravessar durante esses anos de análise foram os efeitos sintomáticos opostos.*

*Se houve impaciência sempre foi a de partir. Nem corpo, nem voz para dar, a menos que estivesse abrigada. Isso retardaria notavelmente sua entrada efetiva em análise, já que não fala no divã para ser escutada.*

*Em outro lugar, foi a busca constante e mais bem-sucedida do refúgio, determinando a vida profissional, amorosa e filial. O próprio sintoma – mesmo se limita as opções – não é sem eficácia.*

*Certeza sintomática de não estar protegida de nada, nem dos outros, ou, no fundo, de quê?*

*Mas essa pergunta não se faz imediatamente, faz falta certo tempo que não se pode encurtar tão facilmente: o tempo da demonstração do sintoma e de sua necessidade. O próprio analista incluído no sintoma é chamado a garantir o mundo em seu refúgio.*

*Tratava-se, pois, de uma convocação forte ao analista, porque não havia saída do refúgio sem angústia, justificando, no retorno, a divisão significante e espacial do mundo entre o que causa e o que não causa medo.*

*É a construção desmedida da fobia<sup>4</sup>, já que está sempre a recomençar, para fazer borda a um gozo que resta desconhecido e não tratado.*

*A fragilidade paterna e seus estouros terríficos se transformaram em significante fóbico, forma paradoxal de dar consistência ao pai, temendo-o. Como o cavalo de Hans, sempre temido e sempre ali, o pai não cessava de sê-lo.*

*Com o medo, ela não irá passar sem o pai, o que não é tanto uma fixação amorosa, quanto uma fixação fóbica, muito sólida.*

*Mas, para que enigma? Aquele “prontamente atualizado de seu sexo e de sua existência”<sup>5</sup>, em particular, as condições de sua chegada ao mundo e do desejo materno.*

1 GARCÍA MARQUEZ, Gabriel. *Cent ans de solitude*. Paris: Éditions du Seuil, 1967. p.17[«le monde était si récent que beaucoup de choses n’avaient pas encore de nom et pour les mentionner, il fallait les montrer du doigt»].

2 LACAN, J. De la psychanalyse dans ses rapports avec la réalité. *Scilicet*, n.1, p.51-59, 1968. p.57: [le] «rire éclate du chemin épargné» [o riso irrompe do caminho salvo].

3 Lacan, no Seminário sobre o Sinthoma, a propósito de alíngua, distingue «condiment» («condimento») de «ce qu’on dit ment» (“o que se diz-mente”) (LACAN, J. *Le Séminaire, Livre XXIII: Le sinthome*. Paris: Seuil, 2005. p.17).

4 Lacan situa a fobia no resumo do “Ato psicanalítico”, como: “construção incomensuravelmente avançada” (LACAN, J. L’acte psychanalytique. In: \_\_\_\_\_. *Autres écrits*. Paris: Editions du Seuil, 2001. p.376). (“construction démesurément avancée”).

5 LACAN, J. L’instance de la lettre dans l’inconscient. In: \_\_\_\_\_. *Écrits*. Paris: Editions du Seuil, 1966. p.519.

## O final de um estrago

*O medo de desaparecer, atribuído ao Outro materno, constituiu, durante todos esses anos, certo saber sobre o traumatismo de sua existência. Foi por culpa dela, da mãe. Aquela que a havia posto em perigo de morte através de um acidente doméstico, pontuado com um “eu a matei”. Um saber sobre um traumatismo duro como ferro, daqueles que provocam raiva, evocando a devastação mãe-filha, cujo sentido vai evoluir durante a análise.*

*Por muito tempo, acreditou que a devastação fazia parte do explícito, quer dizer, do acidente. Mas acabaria no lugar do implícito, uma estrutura furada pelo ilimitado e a desrazão.*

*Terá de reconhecer que é uma ausência ao mundo de sua mãe que provocou o acidente e não a intenção, uma ausência similar ao que não pode explicar nem de sua vida, nem de suas escolhas. Como eco da ausência de falo (phallus) para limitar o gozo feminino. O inexplicável faz estrago já que provém do insensato, da borda que não há, enigma insolúvel.*

E eu diria que haveria devastação mãe-filha se, no lugar do enigma, elas estivessem presas juntas. Cativas uma da outra pelo que nunca pôde ser dito por nenhuma delas. Coladas juntas, mãe-filha, elas são legião de duas?

O grande giro da análise, ainda que faltassem mais de quinze meses para acabar, é certamente a passagem de certo saber sobre o traumatismo, ao reconhecimento do não saber como traumático. O que não sei sobre ela e sobre mim mesma me deixa só, sem ela, fim de uma devastação.

## As uvas do fantasma

*Esta solidão se amansa ao longo de uma análise, transformação silenciosa dos analisantes, pontuada por experiências que causam evento, como a perda em um trem que a fará sentir e escrever que se pode estar perdida por um instante, sem pânico de não ter, do lado feminino<sup>6</sup>. Mas é um sonho que a fará ceder ao saber sobre o traumatismo. Um sonho que introduz um cálculo e revela a fantasia. “Quando o sentido cede ao número” – diz Lacan. É precisamente isso, é por um cálculo que o saber virá a ceder e fazer abertura ao real.*

*O cálculo do sonho diz 36: “Uma mulher está grávida. Perde 36 e dá à luz 64. E lhe retiram os bebês como bagos de um cacho de uva. Mas finalmente não fica com nenhum”; 36 e 64 são dois números que cifram a perda. Mas não é a mesma perda. O sonho introduz a distinção esperada entre o medo de perder a vida e a parte de vida perdida que constitui a causa do desejo.*

O objeto *a* é um buraco nos três registros e, no nível do real, é este objeto perdido, a parte de vida subtraída ao ser que acede à linguagem. Mas, no lugar do buraco da estrutura, se põe o objeto mais-de-gozar, o que substitui e tampona o buraco. Assim, o objeto é, ao mesmo tempo, objeto falta e o que não falta, mais-de-gozar. Dessa forma, o sujeito se vira para não faltar, nem para que o Outro falte. A fantasia é o suporte dessa montagem, ficção imaginária que põe um objeto na falta do Outro.

Aqui as uvas condensam os dois aspectos do objeto *a*, as uvas que, como a parte de vida, são perdidas – 36, perdidas de toda maneira. E as 64, aquelas que o Outro não guarda porque não as quer. Estas últimas são resíduos, uvas rejeitadas, outro nome possível do objeto mais-de-gozar como dejetivo. É porque não se guardam que não faltam ao gozo, instituindo a permanência do Outro rejeitado.

6 Experiência descrita em «Aqueles que tomaram o trem estão perdidos» (LACAN, J. Celles-là qui auront pris le train se perdent. *Revue de Psychanalyse du Champ lacanien*, n. 17, nov. 2015. p.79).

7 LACAN, J. *Séminaire RSI: 13 mai 1975*. [Inédito].

O Outro da fantasia está, aí, consistente pelo fato mesmo de ser rejeitável. O algoritmo, inscrevendo o laço entre o sujeito e seu objeto mais-de-gozar, protege o buraco do real e da castração do Outro.

Quanto ao sintoma de inscrever a necessidade que tem de ser protegida da recusa do Outro, tem parte ligada ao imaginário da fantasia.

Poderíamos tê-las dito verdes, essas uvas, como na fábula de *La Fontaine*. Quando não queremos padecer da castração, quando a Raposa não quer alcançar as uvas que estariam boas para comer, fica a opção de declará-las verdes. De dizer que estão verdes, boas somente para os estúpidos, mas não para si mesma, permite escapar à castração de não poder alcançá-las. Fantasia como opção, fantasia como ficção para não faltar **realmente**.

Quanto ao desejo, está inscrito do lado da causa perdida, os 36 perdidos. Porque 36 é também  $6^2$ , seis elevado à segunda potência, que se pode escrever: seis potências de pura perda. O desejo é designado, nesse sonho, como potência da falta que deixará avistar, novamente e sem demora, o que quer.

Esse sonho faz a travessia da fantasia revelando, por meio de um cálculo, o real mascarado. Com um efeito sobre o desejo e um alívio maior posto que cessa o “é por sua culpa”, quer dizer, a intenção atribuída ao Outro. Este giro suspende o que até então era realidade.

#### “A *Erre de fim*” (A errância do final)<sup>8</sup>

*A relação com a verdade se transforma, a verdade da fantasia deixa de ser motor e fazer obstáculo ao reconhecimento do real. Se há esta mudança que ela sente como determinante, por que não é o final do tratamento? E como explicar isso?*

*O que ela sente nesse momento é seguir ainda sem saber fazer sem o analista, nem se haver com o sintoma.*

Esse período de quinze meses, até o fim, escolhi chamá-lo de “erre” do fim.

O “erre” como escreve Lacan, com duplo “r”, “esse algo como o impulso, quando se para o que a propulsiona, e ainda continua correndo”<sup>9</sup>.

No vocabulário marítimo, é a velocidade restante de um navio quando para de ser propulsionado; o impulso quando cessa a propulsão da: verdade. Cessa, mas uma coisa segue correndo, então, há de se deixar passar o tempo, há de se consentir para não romper a “erre” por uma interrupção prematura do tratamento.

Este impulso não é a viagem itinerante, da liberdade suposta, que é o erro – diz Lacan – daquele que quer permanecer não crédulo. Em *erre*, não se trata tanto de um sujeito no controle, se não de que se faça crédulo do inconsciente.

Trata-se de deixar toda sua possibilidade na *erre* de alcançar um dizer mais além dos ditos da verdade. É a *erre* que vai em direção ao Um sozinho na separação. Da “erre” ao R (grande R) do real.

#### O corpo verde e humanização

*Abre-se, assim, o período da “erre” sem relação com a verdade do sujeito, um trabalho de identificação*

8 N. do T.: preferimos manter a palavra “erre” no original, a traduzir por errância limitando o jogo com as letras e o sentido. Em português, errar tem entre outros o sentido de andar sem rumo certo; vaguear; percorrer.

9 LACAN, J. *Séminaire Les non dupes errent*: 13 novembre 1973. [Inédito].

ao gozo; o real da erre, “que começa no número três<sup>10</sup>” o três do nó borromeano. É, com efeito, o tempo do sujeito Real, o que tem um corpo para gozar.

Uma primeira denominação de gozo se efetua através da cor verde fluorescente como o pirilampo. É outro sonho que irá reunir um gozo sexual com um nome vindo da infância; o que lhe atribuía seu pai e que significava ‘verme de maçã’, em patoá. O verme que sai da fruta, com seus óculos sobre o nariz, como ele o desenhava, se move por curiosidade. Nunca gostou desse apelido? Aí está de volta, amarrado ao corpo gozante. Os gozos, assim como os nomes, não são tão fáceis de suportar, gerando um horror de saber singular. Com efeito, esse nome não é banal, esconde a questão da destrutividade do desejo. O verme está na fruta e leva em si o gérmen da destruição.

O que vai permitir cercar esta inumanidade do desejo<sup>11</sup> e fazer “litter”<sup>12</sup> são três letras sonhadas sem outro discurso. Três como o nó. Somente três letras neste sonho: “TNT” ou “te ene te” (“t’es haine t’es”). Três letras no lugar dos dois prenomes que grafava MN “aime-haine” (amor-ódio). O laço do binário sem fim do amor e de seu reverso.

O novo T de TNT, que se duplicando faz três, não agrega nenhum sentido suplementar e se reduz ao que é apenas uma letra. Isso a nomeia em um flash, **n’homear**, que se pode escrever com um “h”, como o faz Lacan<sup>13</sup>, já que é o gozo real, a di-mensão associada, a que diz a singularidade de homem, em fim do falasser.

Poderia ser o “this is my name” do Doutor Livingstone em sua simplicidade, como única resposta no momento distante no qual, em fim, se encontra.

Há, portanto, um efeito de ato nesse dizer, que é um dizer vazio.

O explosivo TNT, reduzindo-se a sua letra, perde seu alcance de sentido. Tornado vazio, é um petardo molhado. Uma redução que faz despojar as promessas de ódio e serve, por isso, à humanização. O gozo que se disse fica desvalorizado.

Depois do passe, eu me apoiei sobre este esclarecimento maior de Lacan em relação ao advir do gozo no tratamento: “Não há despertar que por este gozo [...] gozo opaco de excluir o sentido [...] não seja desvalorizado<sup>14</sup>”.

Essa desvalorização marca um efeito, um momento tragicômico do tratamento, já que o nome encontrado é tão importante quanto sem valor. A análise é isto, diz Lacan. “É a resposta a um enigma [...] e uma resposta completamente besta. É justamente por isso que é preciso conservar a corda”<sup>15</sup>.

Outro paradoxo é que este momento de despertar, essencial para o fim da análise, é ao mesmo tempo intransmissível. Como dizer no instante e a seu analista em primeiro lugar a importância do que se apresenta fora de sentido?

É uma denominação nova, sentida como radical, mas como dar testemunho disso? Ela sente, no instante, que é impossível de transmitir, mas sabe que é isso. Mais tarde, articulará com o “o que se sabe consigo” de Lacan<sup>16</sup>. Exatamente sua, intransmissível, portanto, sobretudo porque ela não dura. Com esses instantes de emergência do inconsciente real, não há amizade. Não há tempo necessário para se instalar em amizade. Aqui a emergência é fugaz e indizível, “só há que prestar atenção para poder sair”.

10 LACAN, J. *Séminaire RSI*: 18 mar. 1975. [Inédito].

11 De referência ao curso de Colette Soler: *Humanisation?* (2013-2014). Paris: Editins du Champ lacanien, 2014.

12 *Litter* é um termo usado por Lacan em *Lituraterra* que advém do equívoco de James Joyce a partir do deslizamento de a *letter* para a *litter*, de letra/carta para lixo.

13 LACAN, J. *Séminaire RSI*, op.cit.

14 LACAN, J. Joyce le symptôme II. In: \_\_\_\_\_. *Joyce avec Lacan*. Paris : Ed. Navarin, 1987. p.36

15 LACAN, J. *Le Séminaire, Livre XXIII: Le sinthome*, op. cit., p.72.

16 LACAN, J. Préface à l’édition anglaise du séminaire XI. In : \_\_\_\_\_. *Autres Écrits*, op.cit., p.571

*Então, essa nomeação não lhe permite terminar seu tratamento nessa sessão. O que pode parecer paradoxal, me parece hoje lógico, pois uma certeza decisiva nem sempre é uma certeza decisional. E distinguir o decisivo do decisional lhe deixa o tempo do après-coup que trará, desta vez, a decisão do fim da análise.*

### Uso do sintoma e separação

*Ela retornou uma vez com a questão última de sua análise que é, no fundo, a da separação. O analista, chamado em complemento ao sintoma de construir o refúgio necessário, presentifica até o final a questão da separação.*

Eu diria, agora, que essa separação se tornou efetiva pela transformação de “o que se sabe seu” em “o que se sabe só”. **Seu** e **só** não são, absolutamente, a mesma coisa. O que se sabe seu é furtivo, como vimos, epifânico, intransmissível.

O que é sozinho?

É o só da separação que não se efetua de uma vez. A interpretação do analista aponta para esse ponto durante todo o tratamento.

Penso, em particular, em uma palavra do analista que ela julgou errônea, fazendo da interpretação uma contrariedade. Uma contrariedade para que cesse a relação e que ela coloque sua voz. Há também a separação no ato de dizer o gozo.

*E, na sessão conclusiva, o que vai “promover o resultado” da separação é uma amarração a um uso do sintoma encontrado. Dizer como fazer com o sintoma, como se desembaraçar<sup>17</sup> dele, impõe a evidência da separação.*

*Isso foi o que se passou, e aqui também é uma surpresa. Quer dizer, um uso, um uso do sintoma, julgado suficiente, satisfatório, que leva a colocar em ato a separação. O uso do sintoma é o que ela encontra sozinha, radicalmente, como se falasse só pela primeira vez. Algo que pode enunciar-se e, neste momento, levar à decisão.*

O que se sabe sozinho (a), pode ser dito. Um dizer sem Outro, que acarreta consequências.

*Ela dirá desta forma quanto ao uso encontrado do sintoma: A partir daí, ela pode ir, se porventura isso não lhe convém, siga seu caminho para ir mais longe.*

### Do erre ao objetivo

Apesar de seus tempos lógicos, uma análise é longa e, ainda assim, eu tive pressa. *Desse modo, ela se apresenta ao passe imediatamente após o fim da análise. Algo continua correndo mais rápido que ela. E, durante essas últimas semanas do testemunho, para descrever a aceleração sentida, utiliza essa imagem: “Eu me sinto como uma flecha lançada”, disse sobre um objetivo que falta precisar.*

O objetivo é o que vai ser definido no passe, uma transformação que qualificaria de orientação.

“Não é porque um significante se escreve em signo, que é menos verdade – disse Lacan –. Uma flecha, por exemplo, que designa a orientação, é um signo”.

Assim, o desejo de estudar psicanálise hoje é minha orientação.

*Essa orientação é o que vai emergir do sonho que faz, na noite seguinte, a sua demanda de passe. Mais precisamente, foi um pesadelo pondo, em cena, o homicídio dos pais e, finalmente, um cara a cara com seu pai que lhe diz o seguinte: “Marie-Noël, seja boa, você vai deixar fazer, vou cortar suas unhas”. Despertada angustiada em plena noite, acreditou que teria de anular seu pedido de passe e voltar à análise.*

17 Lacan *Séminaire L'une bève* de 16 de novembro 1976 inédito.

*Em uma grande perturbação, ela escreve esse pesadelo e, coisa excepcional, ela volta a dormir como um bebê.*

*Pela manhã, sabe que é um sonho para o passe, o que permite a resolução da angústia. E, com seus efeitos de escritura, orientará o passe para a Escola com uma claridade nova, um passo a mais.*

Relembrando alguns elementos:

*Uma parte de seu nome, Noël, seu pai o escrevia como a festa, Noël/Natal, N-O-E-L, apesar de sua reivindicação para uma feminização. Ela queria L.L.E. Mas, no sonho, as letras não estão sobre Noël/Natal, senão em gentil: G-E-N-T-I-L-L-E.*

O que há para reter aqui é a letra e não o sentido que poderia se dar a gentil. Uma letra que se presentifica por seu deslocamento, sua mobilidade<sup>18</sup>. As letras se deslocam diferentemente das palavras, que ficam imóveis, lastradas pelo peso de seu sentido. As letras vão e vêm de Noël a *gentille*.

*Carente de sentido e não para ler como o verdadeiro escrito<sup>19</sup>, o sonho reúne a letra, gozo opaco de excluir o sentido, um gozo, por isso, desvalorizado e sua condição, que é recordada aqui, de se fazer juguete do pai<sup>20</sup>. Sob a forma do sonho de se deixar fazer, no lugar do Um encarnado com a unha.*

O escrito não está feito para ser lido, mas na nota ficam as letras da destinação, Lemberg, Cracóvia, ou aqui mesmo, Medellín (M-E-D-E-L-L-I-N).

Assim é como esse sonho se recupera no passe como um jogo de palavras risível:

[*Du véreux au vers eux, bien sûr!*]

– Dos vermes para eles, é claro!

[*Du véreux (vert de la groseille et du raisin et ver de pomme) au vers eux soit vers vous*]

– Dos vermes (verde da groselha e da uva passa e do verme da maçã) para eles ou para você.

O terceiro tempo da “erre» do fim que proponho:

O que se sabe seu (Inconsciente real);

O que se sabe só (uso do sintoma);

O que se sabe para (transmitir para você: ‘vers-vous’).

Para concluir, a análise é um largo rio atravessado como o corpo gozado por um saber que lhe horroriza. Mas as águas sombrias têm de ser desmistificadas para a margem aberta, desconhecida, para ser povoada alegremente com a capacidade de um *ultrasseu* como um *ultramar*.

Meus agradecimentos.

#### Referências:

LACAN, J. *O seminário, Livro XXIII: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LACAN, J. O ato psicanalítico. In: \_\_\_\_\_. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 372.

18 LACAN, J. L'instance de la lettre. In : \_\_\_\_\_. *Écrits*, op. cit., p.501.

19 LACAN, J. Post-Face au Séminaire XI. In : \_\_\_\_\_. *Autre Écrits*, op. cit., p.504.

20 LACAN, J. Joyce le Symptôme II. In : \_\_\_\_\_. *Joyce avec Lacan*, op. cit., p.36.

LACAN, J. Instância da letra no inconsciente. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998/1966. p.523.

LACAN, J. *Seminário RSI:1975*. [Inédito].

LACAN, J. Prefácio a Edição Inglesa do *Seminário XI*. In: \_\_\_\_\_. *Outros Escritos*. RJ: Zahar, 2003. Pp.503-507.

Medellín, 14 de julho de 2016.

*Tradução de Ida Freitas. Revisão de Solange Fonseca.*

## Dos confins de uma análise

Vera Iaconelli, São Paulo, Brasil

A primeira formulação de meu sofrimento me levou a iniciar uma “análise” que se mostrou desastrosa. Foi aos dezessete anos, três anos após a morte trágica de meu irmão mais velho, peça chave em minha história. Levaria mais alguns anos, de fato dezesseis, para que passasse de uma sequência de psicoterapias (junguiana, psicodramática, reichiana...) para uma análise, passagem que se deu em função do nascimento da minha primeira filha. A partir daí, já com 33 anos, seguiram-se sete anos de análise com um excelente profissional *winnicottiano*. Nestas quase duas décadas e meia, entre psicoterapia e psicanálise, eu contava com uma coisa: *que a análise fosse interminável*, que eu seguiria dizendo e dizendo, sobre esta morte, sobre meu pai e mais “algumas coisinhas sobre minha mãe”, homônima a mim, Vera Iaconelli como eu. Dizendo de forma cada vez mais elaborada, mais acurada, mais inteligente e, claro, sofrida.

O fim da análise não era uma questão assumida como tal, embora a questão dos fins, tanto o fim dado pela morte, quanto a finalidade de uma análise, sempre estivessem lá.

Passei por um divórcio muito sofrido, minha segunda filha tinha apenas nove meses. Considero esse um dos efeitos da minha neurose. E seguia dizendo em análise de forma cada vez mais elaborada, mais acurada, mais inteligente e sofrida.

Ainda levaria muitos anos, para eu ler em *Televisão* (1993): *O bom senso representa a sugestão, a comédia, o riso. Quer dizer que isto basta, além do fato de serem pouco compatíveis? É aí que a psicoterapia, qualquer que seja, estanca, não que ela não faça algum bem, mas ela conduz ao pior.* (LACAN, p.21, 1993)

No entanto, devo ter melhorado, pois “apenas” um quarto de século depois, começo a me cansar de dizer inúmeras versões sobre os ocorridos de minha vida. Duas vezes por semana, 50 minutos, entra ano, sai ano... um dia escuto de meu analista: *Winnicott levava um baile das hísticas*. Acho que ele também estava cansado de nossa *patinação*. Eu disse a vocês que ele é um excelente analista e não estou sendo irônica.

Tendo escutado a fala de meu analista, formulo outra aposta analítica: passar da escola inglesa para a lacaniana. Medo e, claro, *frisson* inconfesso de imaginar “o corte” da sessão, um fim inesperado. Uma grande amiga me indica uma analista francesa. Duplo *frisson*, o estrangeiro. O Fórum, o movimento lacaniano, o “quem é quem” institucional não faziam parte da minha vida. Tripla estrangeirice. Detalhe: meu nome em francês soa *Verra*. Recuperarei este “detalhe” depois. Veremos.



As entrevistas em análise lacaniana dão uma amostra nada grátis do que se trata esta opção. O dizer sem fim, ou seja, sem se escutar, começa a ser desmascarado logo de cara. Que se diga *não* fica esquecido por trás do que se diz no que se ouve, pelo menos, não pelo analista.

Então, vamos a *uma* versão de *minha* história:

Meu pai era alcoolista e um tanto louco e minha mãe submetida a ele. Eram apaixonados, humildes, mas com o tempo construíram um grande patrimônio. Depois de alguns anos de casados e já com três filhos, tentando recuperar um casamento já abalado, tiveram mais três filhos temporãos, seis no total. Claro que estes nascimentos não ajudaram a questão do alcoolismo, da violência e a família dostoiévskiana mostrava todo seu espectro de horrores. Fui a quinta filha deste casal sofrido e desajustado. Mas havia meu irmão mais velho, dócil e presente. Nós o adorávamos. Quando eu tinha treze anos, ele sofreu um infarto e morreu, tendo apenas vinte quatro anos na ocasião. Minha mãe e meu pai colapsaram, perderam os bens, fomos morar de favor no apartamento desocupado de uma tia no centro de São Paulo. A ruptura me emancipou precocemente. Aos quinze anos comecei a trabalhar, aos dezessete podia pagar minha “análise”. A interminável. A família chafurdava num trabalho de luto impossível. À tragédia contingente veio se alocar num drama familiar que a precedia e que transformava o luto em melancolia. A busca por tratamento vinha da esperança de dizer para sempre sobre estes irmãos, sobre este pai e “algumas coisinhas sobre minha mãe”.

Mas havia a possibilidade de perder a esperança. Possibilidade sem a qual não estaria aqui hoje. Há uma decepção necessária, há uma desesperança necessária, pois não há o que esperar.

Desta busca que se inicia num luto impossível emergem alguns pontos centrais de giro nesta análise, que não haviam sido possíveis até então. Elenco alguns, entre outros, por entender que foram momentos cruciais:

A primeira memória que conta de mim é referida ao reconhecimento da existência de minha irmã, vinte meses mais nova, como rival absoluto. Trata-se de uma cena construída em análise, na qual dou-me conta de que ela já sabia escrever o próprio nome, antes de sermos formalmente alfabetizadas. O mesmo momento é de reconhecimento de que antes disso, eu habitava a *mãe-nuvem*. Uma entidade com quem compartilhava algo de não existir completamente, ainda, de *completadamente* não existir. Desta luta de vida e morte, enquanto alienação e separação, formularam-se como sintomas: uma dificuldade excruciante de aprender a ler, a impossibilidade de decorar palavras e usá-las corretamente, a convicção na minha absoluta falta de inteligência, momentos de ausência, isolamento, medo constante, crises de angústia. Por sorte, não eram os tempos dos diagnósticos fáceis de dislexia ou déficit de atenção. Porém, tampouco eram os da escuta do sintoma como forma de subjetivação.

Supus dar conta do desejo de meu pai e de meu tio, irmãos rivais, hora errando, hora aprendendo. Demorou para que me desse conta de que supunha acima de tudo saber o desejo do Outro. E ainda, de supor o Outro. Enquanto pulava para alcançar a linha do olhar destes homens com meus feitos e defeitos, não admitia que olhavam alhures. Bela decepção, quando pude reconhecê-la. O Outro é enigma, pois não existe, e não poderia, portanto, saber de si mesmo. Tampouco minhas ações poderiam dar conta do que emerge do inconsciente, incansável em sua produção de efeitos.

*Não acredito na minha histórica* é uma frase que ouvi sair da minha boca em análise fruto do duro reconhecimento de que defendia sempre uma versão melhor, em busca d’“A” versão, que explicaria a morte, o sexo, a mãe, a mulher. A operação fundamental que se dava nestas sessões era o corte preciso, palavra que em português conjuga as ideias de acurado e necessário. Não há lembrança de interpretações perspicazes ou retumbantes da analista, apenas um ato

que apontava para o dizer, para a repetição. Que se sustente, diante de tamanho sofrimento, o vazio de sentido que a profusão de sentidos das versões busca cerzir; que se sustente em ato, desde o primeiro momento que inaugura o dispositivo analítico (e certamente desde antes, posto que advém do desejo de analista que o antecede) é crucial. Sustentação sem garantias, que implica em risco considerável, mas sem o qual a espera(nça) desnecessária não cede. É neste giro ético que entendo que minha análise saiu do eixo infernal da demanda. Demanda de *cerzido*, que significa “disfarçar o tecido puído”, cujo ideal é o cerzido invisível, aquele que não deixaria rastro do furo. Se o sentido da volta no Grafo do Desejo/Sujeito já está dado de saída, só cabe ao analista propor a mudança de direção. Apontar para o mais além do sentido enfrentando os confins da análise. Lugar de confinamento e borda que poderá ser preterido em direção ao que aponta para o real. D’A” versão passei à Aversão, por meio da subversão e por fim, passei ao reconhecimento das diversas versões. Diversões não reconhecidas como tais em vinte cinco anos de psicoterapia.

Próximo ao fim, uma urgência não me permitia ir às sessões nos mesmos horários pré-estabelecidos. Algo se impunha e eu aparecia no consultório de minha analista a qualquer momento. Não esperava ouvir nada, mas ainda precisava testemunhar o que acontecia. Um dia, não mais precisei voltar. Sai avisando que não viria mais e dizendo *thank you very much*. Depois ri por encerrar anos de análise com uma frase tão fora de contexto. Obrigada ou *mercy beaucoup* não seria mais apropriado? Mas talvez o *very* me concernisse. Chego em casa e me dou conta de que deixei de pagar uma parte do dinheiro da última sessão. Nada mal para minha obsessividade. Constrangimento e riso. No fim, o último ato foi falho, como sempre o foi. Voltei para pagar o resto e compartilhar que no fim é isso que fica, ou melhor, é o Isso. Não me dei ao trabalho de interpretar este ato, pois se tratava justamente de assumir o que está para além da interpretação, o ato analítico. Não nos curamos de nosso inconsciente, com sorte, o desfrutamos.

### No só depois:

Depois da queda da transferência e do fim da análise, passei por um período de grande entusiasmo, mas que desembocou num vazio tremendo. Descubro inesperadamente que não poderia me valer do entusiasmo do fim da análise, nem do fato de já atuar como analista, não de forma inercial. Afinal, se me invento, não poderia fazer outra coisa de minha vida, em outro lugar, com outras relações? Mandar minhas filhas viverem com o pai, morar em outro país, trabalhar com outra coisa e ter outro marido? Ou ainda, nenhum lugar, nenhum trabalho, nenhuma relação. Poderia. Em nenhum momento deste período desejei voltar para análise, não havia para o que voltar e ainda por cima havia uma estranha convicção na minha desolação. Continuei pela via dos sonhos. Gravava-os de madrugada e os escutava de manhã.

Aos poucos fui escolhendo cada coisa de novo. De novo, ou seja, pela primeira vez. Fui descobrindo um entusiasmo diferente, sem garantias. Mesmo as que seriam supostamente dadas pelo fim da análise. Decepção necessária, não sem luto.

Na minha clínica houve um ponto de virada. Ainda temia assumir todas as consequências de uma mudança de escuta, que evita entender e que aponta para o real. Mas num dado momento, dei-me conta que só poderia escutar meus pacientes se pudesse perdê-los, todos, sem exceção, pois se este fosse o preço, então que fosse. Porque a concessão em nome do “bem” aponta para o pior, eu sei. O resultado de assumir este lugar, sustentando o discurso analítico foi que os pacientes passaram a vir mais vezes, e vieram muito mais pacientes. E o meu desejo de escutar para além do entendimento subverteu o caráter aversivo da minha clínica, ou seja, de versões infundáveis rumo ao pior. Hoje há muito mais diversão,

ainda que não sem sofrimento. Pois é o melhor que podemos oferecer. E esta é a aposta que me anima.

Entre os sonhos que tive, há um me que trouxe aqui hoje. Na véspera de tê-lo, conversava com uma colega durante uma aula do Forum e ela me perguntava o porquê eu não era membro, ao que respondi que começara a estudar Lacan há pouco e que me dedicava intensamente a outra instituição, não achando possível contribuir como membro. Naquela noite, tive o sonho a seguir:

*Saio de uma aula do Forum conversando com minha analista e buscamos uma palavra para explicar algo. Ela me diz uma palavra em alemão e eu respondo que temos uma palavra para isto em português: ERRÁTICO. Ela repete a palavra em alemão e eu insisto, **im-paciente**, pois é, RANDÔMICO.*

Acordo curiosa e me ponho a escrever estas palavras.

ERRÁTICO - E R R A t I C O - ERRA IACO - VERA IACO

ERRA meu sintoma desde a infância

VERA IACO meu apelido para os amigos, que me diferencia de minha mãe que também se chama Vera Iaconelli

VERRA meu nome pronunciado com o sotaque da minha analista

VERA ERRA: Motivo de vergonha fora de casa, mas de graça para meu pai, que ria de meus erros, ainda que sobre o preço de negar meu sofrimento na vida escolar e, posteriormente, na vida acadêmica.

TIO: Irmão de meu pai que me incentivava fortemente a estudar e com quem meu pai tinha brigas homéricas.

Ao pensar neste sonho na ocasião, imediatamente lembro, com forte emoção, que Lacan me capturou com sua ênfase, recuperada de Freud, na relação entre ERRO e VERDADE, esta última palavra sendo o sentido do nome VERA. Daí depreendeu-se o reconhecimento do desejo de analista. De não recuar diante do erro, mas de escutá-lo, de alça-lo à dignidade de ato. Desejo que re-novo depois do período inercial do fim da análise e que o sonho vem nomear.

RANDÔMICO - de onde se pode extrair: o nome de minha analista DOMINIC, de meu primeiro irmão morto RICARDO, e de meu segundo irmão morto NIC (começo esta última análise, me referindo a este segundo luto impossível, de um irmão que morre em decorrência de uma cirurgia com 45 anos). Em uma palavra, RANDÔMICO, o “arco” que fecha os lutos, incluindo o do final de análise. Randômico também tem o sentido de errático em português. A morte é inescapável e aleatória. Não há versão possível da morte. A morte é erro verdadeiro.

Tendo recolhido deste sonho o nome com o qual fiz a marca da minha identificação *sintbomática*; o destino dado ao desejo de analista como permanente busca por escutar o erro/verdade do inconsciente e o investimento em novos laços só possível a partir da realização dos lutos, apostei que valia a pena tentar transmitir esta experiência. Não o fiz sozinha, uma vez que o passe, como diz Gláucia Nagem em seu prelúdio a este encontro, é *telefone sem fio*, jogo infantil de soprar no ouvido do outro uma mensagem e descobrir o que chega no final. Neste final, não foi sem surpresa que me dei conta de que a escola transmite algo ao AE, quando de sua nomeação. Algo muito desafiador e que causa. Este sonho também me colocou frente ao desejo de testemunho do passe, ou seja, ao laço a que me disponho fazer no espaço da Escola e que responde ao desejo de contribuir com a transmissão. Quanto a isso, veremos.

## FUNÇÃO DO DISPOSITIVO DO PASSE NO DESEJO DE PSICANÁLISE

### Passe, transmissão e desejo de psicanálise.

Pedro Pablo Arévalo, Venezuela, A.E. (2014-2017)

Depois de quase dois anos como AE queria compartilhar algumas reflexões a respeito da incidência do passe e a transmissão no desejo de psicanálise. Com relação ao meu próprio, este se sustentou durante a análise na transferência, no desejo de analista e no gozo do deciframento do inconsciente. Foi potencializado com a travessia da fantasia, a escritura da estória e as entrevistas do passe. Isto coincidiu com o final de análise, com a destituição subjetiva e o surgimento do desejo do analista, quando o desejo de psicanálise acabou por ancorar-se na certeza da eficácia do tratamento simbólico do real, e nos tremendos efeitos de uma análise levada até sua conclusão lógica.

A transmissão como AE significou um intenso intercâmbio presencial e virtual com colegas de todas as partes e se estendeu ao processo de elaboração, em transferência com a Escola, com efeitos analíticos incalculáveis. Paralelamente certas ocorrências de gozo revelaram como as pulsões e o gozo podem se manifestar para o analisante e também evidenciaram e puseram a prova as ferramentas que este tem para enfrentar o futuro e a eficácia da transferência com a Escola e para elaborar o gozo por mais intenso e persistente que este possa ser. Em conjunto isto tudo produziu um novo e substancial esvaziamento do gozo e uma percepção geral do gozo particular. O desejo de psicanálise deste analista, que em sua origem se sustentava puramente no imaginário, na análise e nos elementos do dispositivo, agora se encontra fortemente vinculado com o gozo, o real e a certeza do tratamento do real pelo simbólico.

Com relação a incidência do passe no desejo de psicanálise de outros, devemos começar pelo efeito nos passadores, que pelo visto e lido é apreciável, devido fundamentalmente ao fato de que esse encontro usualmente toca o real.

Quanto às apresentações do testemunhos, com elas se abre um espaço no qual o real entra em jogo na articulação do saber acumulado da psicanálise e o saber do inconsciente, tanto do AE como de cada assistente que se abre a essa interação “de inconsciente a inconsciente”. Isto de alguma maneira envolve o real do sintoma, ali onde o analisado reconhece sua diferença absoluta. De certa forma é uma maneira de sustentar o desejo de psicanálise, tanto do AE como dos assistentes, ancorado no real. Isto marca uma diferença com relação aos efeitos que podem ter outras formas de transmissão da psicanálise como são as apresentações de textos e casos e as elaborações teóricas que vão mais pela via do simbólico.

Penso que esta forma de transmissão não é exclusiva dos AE's, mas está ao alcance de qualquer analista que tenha se submetido ao dispositivo do passe e o tenha assumido analiticamente. A esse respeito menciono o evento “A Escola a viva voz” realizado em Buenos Aires em agosto de 2015. Cito a Gabriel Lombardi que em uma resenha comenta que entrevistaram onze...

colegas [...] que passaram pela experiência do passe e se beneficiaram de tê-la realizado ainda que não tenham sido qualificados como AE. Eles extraíram dessa experiência

algo mais que uma decepção: a experiência lhes deixou ensinamentos e fortaleceu esse desejo de analista que é difícil de adquirir, difícil de transmitir e impossível de explicar e que permitiu a cada um deles promover o desejo de psicanálise. Este elemento, apenas levou em conta até agora a conexão intensão-extensão que é logicamente inerente ao passe, se fez evidente desta vez.<sup>21</sup>

Outro exemplo interessante que conheço foi o de uma intervenção no V Encontro da Zona ALN da EPFCL em maio de 2015 em Caracas, na qual uma analista apresentou um testemunho dos efeitos que lhe produziu ter passado pelo dispositivo sem ser nomeada... Esta intervenção se destaca por ser uma iniciativa pessoal e não um convite Institucional. Em todo caso, em ambas ocasiões as intervenções do público evidenciaram o forte impacto desse tipo de transmissão no desejo de psicanálise do coletivo, algo que tem a ver com a articulação intensão-extensão da qual nos fala Gabriel Lombardi.

Com relação aos efeitos de outro aspecto da transmissão, as publicações no desejo de psicanálise do coletivo, minha experiência se baseia em ter publicado como AE vários artigos em meios vinculados à Escola com numerosos comentários recebidos. Também fiz circular por correio textos escritos de pronto, assim como várias notas de corte teórico, algumas certamente muito polêmicas, mas que tiveram bastante êxito no sentido de intercambiar opiniões com colegas de múltiplos Fóruns.

É preciso dizer ainda que salta aos olhos como algo positivo que analistas com um grande domínio de saber acumulado da psicanálise troquem ideias com um AE pelo saber particular que ele tem como analisado. A transcendência deste saber não é percebida por aqueles que só valorizam a psicanálise teórica e sua aplicação. Voltando ao intercâmbio escrito, este pode ter efeitos no desejo de psicanálise do coletivo através da incidência destes colegas a nível local ou internacional.

Um último aspecto a mencionar é que ainda que em todos os Fóruns e universidades onde fui convidado se dê um alto valor ao passe e se dê esse notável efeito da transmissão no desejo de psicanálise, sei que não é assim em todos, apesar de fazer parte de uma Escola centrada no passe. Isto certamente depende da posição dos analistas de maior peso em cada localidade, a qual penso pode relacionar-se diretamente com um ponto de onde cada um terminou sua análise. Quem não teve um final verdadeiramente conclusivo dificilmente pode captar a enormidade da conclusão lógica de uma análise. Essa é outra razão pela qual penso que deveríamos fazer acontecer uma Escola centrada no passe... e no final de análise. Muito obrigado.

*Tradução de Elisabeth da Rocha Miranda.*

## Juri ou cartel?

Sonia Alberti, Rio de Janeiro, Brasil, CIG 2014/2016

1. Algum motivo deve ter havido para Lacan, ele mesmo, propor essa articulação paradoxal entre a função de Juri e a promoção da surpresa de uma nomeação.

<sup>21</sup> Tirado de *Wunsch* no.5 disponível em <http://www.camplacanian.net/public/docu/3/wunsch15.pdf>

2) A proposta de Lacan, de 9 de outubro, é a de que, diferentemente da terapia – que só distorce a visada da psicanálise no que tange o rigor – a psicanálise implique a *impossibilidade* de um retorno a um estado primeiro, devendo ser conduzida até o ponto que permita com que, no só depois, *seja verificado um término tão radical que impossibilite, justamente, tal retorno*.

3) O Cartel do passe estuda os testemunhos para verificar se a psicanálise foi conduzida até esse ponto radical para contribuir, com seu estudo, na construção do que seria tal ponto de não retorno a um estado primeiro, aquele em que pode surgir um psicanalista efeito desse tratamento. Ora, ano que vem, a *Proposição* faz meio século! e desde sua divulgação, elaboração e utilização, muitos cartéis já deram contribuições, a partir de muitos testemunhos, muitos debates e muitas experiências em diferentes Escolas. Sabemos que houve de tudo – ou seja, também já houve desfuncionamentos –, mas certamente houve avanços.

4) Levanto duas ordens de elaborações: a primeira, aprofundando a elaboração do que seria esse dispositivo; a segunda, listando características apresentadas por passantes ao longo das décadas da experiência.

5) No primeiro tipo, sobressai a função do cartel como não-saber – É o não-saber que promove o desejo – e, diante deste, a do trabalho de elaboração que poderá produzir uma surpresa, “no tempo do ato” (Colette Soler em *Wunsch*, 11), tempo esse que suponho ser aquele a surpreender o cartel em seu trabalho de elaboração, pela precipitação do *é isso!* Precipitação aqui tomada na equivocidade do significante que leva à lalange do que se *pré-cipita*: de um lado, subvertendo o tempo de compreender que pode ser infinito. E de outro lado, remetendo à chuva de traços que caem num mesmo lugar (Lacan, *Lituraterre*), os traços que são rasura de nenhum traço que ali estaria antes e os traços isóbaros, outros traços que já não são aqueles; os traços que são tão só traçado na erma latitude, e os traços que acabam por aparecer como buquê de traços... héteros, domínios que não têm nada em comum, como é o litoral – aqui entendido como isso que demarca o impossível retorno ao estado anterior, aquele no qual o passante teria iniciado a sua análise. Nesse sentido então, a posição inicial do cartel que se põe a trabalho para exercer, na Escola, a elaboração do que seria um final de análise a partir de uma experiência a ele testemunhada, ou seja, a posição inicial do cartel que quer saber – porque não-sabe –, é a contingência dessa precipitação que “explica porque não há critério no passe, mas autentificação possível de um passe singular a partir de certos pontos vivos que vêm à luz no procedimento e que, regularmente, são mantidos na sombra”<sup>22</sup>. Clarão (*éclair*) esclarecedor mas, sobretudo, uma luz que se precipita no trabalho do cartel e que, de forma alguma impõe um saber *a priori* e sim, um antes e um depois fazendo litoral. Impossível, portanto, buscá-los em outro passe.

6) No segundo tipo de elaboração do cartel do passe, poderíamos buscar características apresentadas por passantes ao longo das décadas da experiência – traços já coletados na precipitação dos traços. O risco aqui é, justamente, o de se partir de um saber, ao contrário do que se propunha no primeiro tipo. Para exercer a função de Juri, é preciso que se tenha referências que permitam discutir em cartel quais as condições para que se nomeie um AE, a cada caso.

22 “Première discussion de la passe dans l’ECF” ([http://www.valas.fr/Patrick-Valas-Premiere-elaboration-sur-la-passe-a-l-Ecole-de-la-Cause-Freudienne-en-1985,169#outil\\_sommaire\\_0](http://www.valas.fr/Patrick-Valas-Premiere-elaboration-sur-la-passe-a-l-Ecole-de-la-Cause-Freudienne-en-1985,169#outil_sommaire_0))

A função do cartel como Juri é exigível tanto para que a experiência tenha sentido diante da instituição<sup>23</sup> quanto para que se verifique a seriação das nomeações na Escola, única maneira de nela cingir a) de que aposta se trata quanto à ex-sistência do analista; b) que nela não há apenas um analista – mas que qualquer um pode vir a sê-lo se assim emerge de uma análise –, e c) que essa instituição se centra no discurso dele (do analista). Se não se parte de um saber, então é um ato do cartel? que, na experiência deste CIG se constitui sempre efêmero, para um ou dois passes, funcionando apenas o tempo de escutar, elaborar e concluir? Aposta verificável no *a posteriori*, ou seja, no que apresentam aqueles tendo sido nominados e, aqui, a novidade que vejo se descortinar em nossa comunidade, não o tendo sido necessariamente. Wunsch 15 é o testemunho de que também dentre aqueles passantes que não foram nominados nos últimos anos, há os que têm o que transmitir quanto à experiência.

7) Havendo divergências no Cartel, é preferível não votar, pois isso diminuiria a função do cartel como elaborativa, ao mesmo tempo em que exporia a impossibilidade de observar os precipitados, que mencionei acima, por haver diferenças de opiniões. Para os sujeitos que estão reunidos pode haver precipitados diferentes conforme a relação de cada um deles a lalange. Traços que são rasura de nenhum traço – até que ponto não dependem também de uma cultura? A decisão é de um cartel e não de cada um de seus integrantes, de forma que não basta que um ou outro deles se proponha a correr o risco de fazer a aposta. É preciso que o cartel chegue a ela, como produto de um trabalho e, por isso é fundamental a cada um, como sujeito, estar desperto. Eis também porque não é possível simplesmente preencher uma *check list* na tentativa de verificar nos ditos do passante que puderam ser transmitidos pelos passadores, se determinados Rubicões foram atravessados, burocratizando o dispositivo. Certamente, então, a experiência não estaria, de forma alguma, a serviço de um desejo de psicanálise... Seria este também, eventualmente, determinado pela cultura? Acredito que sim! Até porque, é preciso a oferta para promover sua demanda...

8) A aposta é que os cartéis multilingues do passe em nossa Escola contribuam para uma maior interação de nossas zonas e, em consequência, para o desejo de psicanálise nas diferentes culturas. Por outro lado, que essa interação nos próprios cartéis do passe possa contribuir para que cada sujeito membro de um cartel verifique sua possibilidade de fazer a aposta na nomeação, testemunho sobretudo de que o cartel, ele mesmo, comporta sujeitos com suas relações modificadas para com o saber inconsciente (cf. Soler, *idem*).

## Cartel-passe-Escola

Ramon Miralpeix, Barcelona, Espanha, CIG 2012/2014<sup>24</sup>

A Escola nasce atada ao cartel. Uma e outro se assentam em que “O ensino da psicanálise só se transmite de um sujeito ao outro por caminhos de uma transferência de trabalho”<sup>25</sup>.

Por outro lado o dispositivo do passe, inicialmente formado pelos passadores e o júri do passe, tinha a função de verificar – ou não – no passante o ponto em que se produz o passo - salto que há do analisante ao analista, extraindo-se um saber, pois desde o principio

23 Idem.

24 Trabalho produto de elaboração no cartel “Cartel, Passe, Escola”, cujos outros componentes foram: Cora Aguerre, Vicky Estevez, Lydie Grandet (Mais-um) e Beatriz Zuluaga.

25 Lacan, J. *Ata da fundação*. 21 de junho de 1964.

Lacan esperou deste dispositivo algo mais que essa verificação: deixou claro que “O júri em funcionamento, portanto, não pode abster-se de um trabalho de doutrina, para além de seu

funcionamento como selecionador”<sup>26</sup>. Esta razão seria suficiente para que este júri tornasse um cartel – que é esperado, sempre, um produto de “produção própria” a partir de uma elaboração de saber coletivo em seu interior.

No entanto, na experiência nos encontramos com um des-enlace do cartel do passe, se não constante bastante habitual, entre cartel e passe, frente à função de selecionador, a função do cartel como tal encontrara serias dificuldades. Em um debate em Barcelona me perguntava sobre isso, e acrescento que “se a resposta a esta dificuldade é a divisão do trabalho em duas modalidades de cartel, os do passe (“efêmeros”) e os do CIG (“permanentes”), poderia parecer ir além da função de “selecionador” nos primeiros responderia a uma dificuldade estrutural, mais que conjuntural.” É uma pergunta semelhante a que foi formulada Colette Soler em 2006: “O que impediria hoje que um cartel do passe, cuja função do júri é efêmera, poderia permanecer durante os dois anos de cada CIG como cartel de elaboração?... A falta deste esforço de transmissão, como o conjunto de membros se encontraria concernido, e a perspectiva do passe final presente em cada análise?”<sup>27</sup>

Temos então um nó entre cartel e Escola, outro entre cartel e passe. O terceiro nó, entre passe e Escola, constitui o próprio coração disso porque a segunda função de nossa Escola é “discernir a garantia da formação dos analistas pelo dispositivo do passe e a habilitação dos analistas que têm dado suas provas”<sup>28</sup>.

Retornando ao cartel do passe, podemos deduzir uma primeira função, a de ser placa sensível do momento desse passo, dessa descontinuidade que - se ocorre no encontro - o passador transmite entre o que diz - sem ser o que diz - ou seja, pelo que foge em um dizer e que afeta aos membros do cartel, quer dizer, os toca em “seu” real. É esta afetação que pode se tornar em índice de que algo aconteceu, e de que o passo, o salto, foi transmitido. A marca do que afetou aos membros do cartel do passe não é a de um saber sabido, mas, ao contrário, efeito do encontro com um real, algo singular que vem de fora que, contudo ressoa... eticamente. Possibilidade de ser placa sensível, caixa de ressonância, é uma condição previa com o que cada membro do cartel sabe que teve “a posteriori”, uma vez sentido tocado. Outra condição para que este encontro possa ocorrer, é que o cartel do passe como tal contenha o furo onde pode estar localizado um saber não articulado por ser real.

Uma segunda função é determinada pela posição analisante do cartel que deve permitir conectar este saber real no saber acumulado como doxa... a condição que isto é permeável a sua própria modificação. Isto não é fácil porque há uma tensão constante, entre o saber sabido e o saber por saber, e entre a doxa e a “produção própria”.

Quiçá acontece ir mais além da função de “receptor-selecionador” constitui uma dificuldade estrutural determinada pelo “real em jogo”, que encobre a junção desta descontinuidade, a passagem, aquela em que o analisante passa a psicanalista. A resposta de Lacan é que é essa sombra “que a nossa Escola pode empenhar-se a dissipar”<sup>29</sup>. Mas, como?

Também percebemos esse salto entre os textos que nos orientam: no primeiro, a “Ata...” de 64 e a “Proposição...” de 67 encontramos plenos de esperança no simbólico, e não sei muito bem como poderia responder à ideia de dissipar esta sombra a partir do

26 Lacan, J. *Proposição de 9 de outubro de 1967* (quer dizer, já nesse momento inicial, entre as funções do júri estava a elaboração de saber).

27 Soler, C. *Soirée des cartels du 29 novembro 2006*.

28 *Princípios diretivos para uma Escola orientada pelos ensinamentos de Sigmund Freud e Jacques Lacan*.

29 Lacan, J. *Proposição de 9 de outubro de 1967*.



“Prefácio da edição inglesa do Seminário XI” (17-05-76), mas é evidente que a posição não é a mesma quando “não há amizade alguma que este inconsciente (real) suporte” quando se

presta atenção. É a mesma “inimizade” que há entre ato e interpretação/sentido. É a mesma “inimizade” responsável do im-passe entre o ato de nomear um AE e a elaboração em cartel de um saber que pode ser dito?

Estamos, aqui mesmo, no campo que abarca o simbólico. Como transmitir isso que é oposto, não só a palavra, mas inclusive a simples atenção? Não se pode improvisar um lapso ou um ato falho para dar conta disso. Entretanto, o compromisso para transmitir ainda existe.

Resta-nos ser poema, não sei se muito mais. Sabemos que o poema, se for um – e isso dependerá igualmente da caixa de ressonância do receptor – transmitido, além da intenção do poeta, que este não sabe que transmite. Nessa ordem das coisas podemos pensar o AE como poema, lido e reconhecido, que no passe passa o testemunho ao cartel do passe e a seus membros através dos passadores. Em seguida, aos membros do cartel do passe que são responsáveis para que funcionem como passadores, transmissores, como poemas. Poema, existe, mas para que se produza um poema, este um não é suficiente, é apenas entre outros. Sem ir mais longe, estar aqui reunidos abre a possibilidade de poema. Às vezes em forma de inquietude, de mal estar, de enigma. Então, deve ser... também falando: não há outra forma.

Julho de 2016.

*Tradução de Glória Justo Martins.*

## O que dispõe...

Maria Teresa Maiocchi, Itália, CIG 2014-2016

“... um franqueamento... com certeza encontramos o ato  
na entrada de uma psicanálise...”

Jacques Lacan, 1967

O termo “dispositivo” me interroga, é algo que nos engaja. O dispositivo do passe se reforça na CLGAL, nos Dispositivos Locais de Escola, que indicam fatos, lugares, nomes das práticas até mesmo bastante variadas e, no entanto, organizadas todas conforme um *ethos*.

Dispositivo é uma palavra forte dos anos setenta, empregada em múltiplos contextos, ampliados ainda com as derivas foucaultianas. A ideia de dispositivo indica uma organização que – para Foucault – visa a esvaziar e controlar os perigos, os perigos do dizer, é a “rede que se estabelece entre elementos heterogêneos” e, ao mesmo tempo, o que interroga a “natureza do que os associa”<sup>30</sup>, para chegar a constatar-contrastar o rasgo entre saber e poder...<sup>31</sup>

Sempre fui tocada pela polissemia desse termo, por sua pretensão, e mesmo, pela operatividade que atribuímos a esse “se dispor” enquanto Escola: alguma coisa que dá lugar, faz um lugar, enquadramento, mas que, ao mesmo tempo, aposta num dinamismo de contingência, que visa a tornar operativa a “diferença absoluta”<sup>32</sup>, para levar à operatividade

30 G. Agamben, *Che cos'è un dispositivo*, Roma, Nottetempo, 2006.

31 Cfr. M. Strauss, *La déchirure*, prélude pour ce même *Rendez-Vous*,

32 J. Lacan, *Le séminaire, le livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse (1964)*, Paris, Seuil,

a hiância que daí deriva, nos testemunhos como no andar da vida de nossos Dispositivos Locais de Escola.

Mais do que procedimento, esse dispositivo tem a ver com o que, nas práticas 1) compreende elementos que diferem numa lógica, sem daí violar a heterogeneidade, o héteros precioso...; 2) mostra o vivo daí decorrente. Então, para além dos usos atuais, da informática, nosso ‘dispositivo’ implica uma outra aposta, responde – mas pelo avesso – pelo, e frente ao, temor do heteróclito indômito que visa a eclipsar a potência dispersiva do particular, organizando-a e reduzindo-a, apesar do sujeito, para nela incluir o apagamento inevitável de uma liberdade da ação...<sup>33</sup>

A questão que nosso ‘dispositivo’ coloca em ato é, antes, aquela da passagem desse “particular” que é o sintoma, o impossível a repetir na história do sujeito, para a singularidade irreduzível que “vale a pena”<sup>34</sup> extrair, alcançando a particularidade, singularidade do sintoma<sup>35</sup>, que nenhuma reeducação social, nenhum discurso dominante terá podido cingir: contingência do encontro inédito, advento do real. *Sur-pres*a.

Daí, “dispositivo” fica mais ligado a sua tradição mais antiga do que às derivas contemporâneas, do “sistema operativo” até mesmo jurídico ou militar, de voltar à eficácia, mesmo que complexa, de um mecanismo, engenho, *congegno* em italiano, quer seja mecânico ou social. Para além do *automaton* ... é a tiquê que pode sur-preender, prender de nova forma.

Quanto à minha tese, volto-me para a etimologia desse termo atrativo: atrás da evidência do posi-tivo, do ‘por’, do *ponere* latino, do qual deriva, há um “levare” (Miguel Angelo), retirar, esvaziar, descolar..., conforme o sobressalto de intuição com o qual Freud, diante de Moisés, tendo enfim franqueado o passe de Roma, cinge na escultura o parentesco direto com o processo analítico<sup>36</sup>. *Poser* – apesar do positivo, do apoio, do sólido, do dar lugar, dar moradia – toca/vela de forma surpreendente um ar semântico que, ao mesmo tempo, é de separação: *ponere* se associa em latim com *sinere*, assinalando que terá havido um momento de queda, de largar e, mesmo, de lançar... Momento de queda. Dis-positivo implica certamente elementos que se ordenam, colocando-se e recolocando, *mas enquanto deixados cair, deixados partir, de alguma forma perdidos, e somente nesse ponto dis-postos conforme o achado de uma organização nova* que está no fundo de suas *diferenças*. *Wiederfindung*, diríamos em analogia com o Freud dos *Três ensaios* (1905), um encontrar em relação ao objeto que é, na realidade, um re-encontrar. Dito de outro modo, o que está *posto*, *posi-tivo* e até mesmo *disposto*, implicara numa perda inicial, o risco assumido de uma queda, de uma dispersão. No dispositivo, portanto, visivelmente há regramento, regulação, mas, ao mesmo tempo, abertura de contingência. Sorte lançada! *Aléa jétée!*<sup>37</sup> E isso torna ainda mais extraordinária a escolha lacaniana de uma *Pro-posição*, bastante crucial.

1978.

33 Veja também: G. Deleuze, “Qu’est-ce qu’un dispositif” in *Michel Foucault philosophe*, Paris, Seuil, 1989, p. 185-195.

34 J. Lacan, *Intervention à la suite de l’exposé d’André Albert (1975)* Journées d’étude de l’École freudienne de Paris, Maison de la Chimie, in *Lettres de l’École freudienne*, n° 24, 1978, pp. 22-24.

35 *Ibid.*, p. 24

36 S.Freud, *Lettre à Marthe*, de Rome, 1901: “Saisi soudainement, à travers Michel-Ange”. Voir meme *Über Psychotherapie (1904)*, en citant d’ailleurs Léonard, qu’on sait bien pouvoir partir de la moisissure des murs ... En suivant Freud: “...sans superposer ni introduire rien de nouveau, ou plutôt enlever, faire sortir. Et à partir de là il se préoccupe de la genèse des symptômes.”

37 “Aléa” vient elle meme d’une racine *As*, pour ‘jéter’, elle meme liée à *sinere*, voir *supra*.

Na dita *Pro-posição*, Lacan visa a particularidade do significante da transferência como o que marca a entrada no dispositivo analítico. Mas o que orienta esse dispositivo e, portanto, seu hesitar, seu *exit...*, vimo-lo hoje. O que faz passar o decisivo ao decisório? Marie-Noëlle nos apresentou seu encontro no nome, um nome novo: *decisão, ela*, mostrando o *ethos vivo* pelo qual “vale a pena que esse singular o estreite”<sup>38</sup>... Não se trata de um saber a mais sobre o particular para melhor alojá-lo no discurso, “ornando-o com alguns vasos suplementares”...<sup>39</sup> Ao contrário, trata-se da via de uma referência *singular*, pelo estiramento específico que estreita o nó, atando-o pela via – não sem rigor – do bom encontro, que não seja repetição de destino mas destino real.<sup>40</sup>

Um fim nesses termos seria pensável somente se o “particular” do início já incluísse a tensão do singular, um caminho orientado, o passo para concluir, o ato de saída da prisão, a espera de um novo? Espera, afeto analítico, “forma de desejo” diz Colette Soler. Esse primeiro movimento decisivo já não estaria na dobra da estrutura e do saber para o qual o sujeito tende? O dispositivo analítico, sua lógica, já não implica qual passe poderia/deveria ter sido projetado? Fim que visa atravessar um limiar para reencontrar seu início num tempo de retroação, futuro anterior, limiar do qual o Lacan do início diz que ele “começa a verdadeira viagem”<sup>41</sup> e um Lacan mais avançado na experiência diz: “a questão não é a descoberta do inconsciente que tem no simbólico sua matéria pré-formada, mas a criação do dispositivo no qual o real toca o real, ou seja, o que articulei como o discurso analítico”<sup>42</sup>.

Minha tese visa o dispositivo (do passe) como condição do desejo de cada psicanálise. Aconteceria ele de fato já não fosse captado – se ele já não tivesse sido captado – por esse lugar “não turístico” e no entanto irresistível de “aí se reencontrar”? pelo furo da estrutura em relação ao qual o dispositivo é ato? Não é no fim que “o sujeito aí se acha”<sup>43</sup>, o gaio *sçaber* é atraente mesmo no início. “Os psicanalistas fazem parte do conceito do inconsciente por constituírem nele o endereçamento”, nos diz Lacan de *Posição do inconsciente* (1960). Dito de outro modo, o desejo de psicanálise, se ele vem apenas do inconsciente, da transferência que é “a colocação em ato” do inconsciente, deve incluir-se no *dispositivo* por equivaler a esse *discurso*. “Discurso sem palavras”, capaz de fazer ato, laço entre a história do sujeito – a fatualidade heteróclita na qual está – e seu “destino”: hysto-histerização, singularidade... O dispositivo, nesse sentido, assegura lugares e modalidades de extensão do ato, eficácia a fazer sentir que a psicanálise é interessante, produz um “decidir-se” que é ato, pois “ela faz alguma coisa”<sup>44</sup>. Como “querer o que se deseja”, se não porque a mobilização do desejo já se encontra inscrita no *ethos* de uma estrutura, “que não se aprende toda partir da experiência”<sup>45</sup>.

38 “Si quelque chose se rencontre qui définit le singulier, c’est ce que j’ai quand même appelé de son nom, une destinée, c’est ça, le singulier, ça vaut la peine d’être sorti, et ça ne se fait que par une bonne chance, une chance qui a tout de même ses règles. Il y a une façon de serrer le singulier, c’est par la voie justement de ce particulier, ce particulier que je fais équivaloir au mot symptôme.” (J. Lacan, *Int. À la suite de l’exposé d’A. Albert*, cit., p. 24)

39 J. Lacan, *Note italienne* (1973), in *Autres écrits*, cit., p. 310.

40 J. Lacan, *Int. à la suite de l’exposé d’André Albert*, *ibid.*

41 J. Lacan, *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je* (1949), in *Ecrits*, Paris, Seuil, 1966, p. 100.

42 J. Lacan, *... ou pire* (1975), in *Autres écrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 548, n.s.

43 J. Lacan, *Télévision* (1973), in *Autres écrits*, cit., p. 526.

44 J. Lacan, Séminaire XV, *L’acte psychanalytique* (1967-68), leçon du 15 nov.1967

45 J. Lacan, *L’étourdit* (1972), in *Autres écrits*, cit., p. 461.

Nessa chave, a insistência de Lacan desde o início sobre um tempo retroativo<sup>46</sup>, como o futuro anterior, tempo do *Wo Es war*, é tempo da identificação inconsciente do sujeito. O desejo de psicanálise se implica num “terá sido” chamado pela estrutura: se há desejo de psicanálise, se há “regra fundamental” (im)possível a ser seguida, é porque terá sido *passé*... ao menos o *passé* da invenção freudiana, incontestavelmente passado... pelo fato de um passador que disse deu/fez testemunho pagando com seu próprio “*Kern unseres Wesen*”.

Nesse tempo paradoxal, o *passé* é “dispositivo” de Escola.

A responsabilidade do “desejo de psicanálise” convém aos psicanalistas, a seu plural se... singular: sós, mas não *os sozinhos*<sup>47</sup>... Dispersos desparatados e, ao mesmo tempo, solidários “para subsistir pelo laço social que emerge pela primeira vez”: “o cartel retomado da fundação da Escola”<sup>48</sup>. Seu conjunto está ‘disposto’: implica outros, lugares, funções... e é por isso que terá sido disposto ao desejo de psicanálise. A invenção de uma Escola “dos Fóruns” diz *intensão* na medida que se anoda a uma extensão que faz desejo, extensão sendo – e isso foi lembrado – “extensão do ato”.

*Tradução de Sonia Alberti*

## O desejo de psicanálise: um desejo impulsor no dispositivo do *passé*.

Silvia Migdalek, Buenos Aires, Argentina, CIG 2012/2014

Em meu país há uma canção de culto à história do rock nacional cujo protagonista se chama “Tanguito”. É uma canção que se tornou uma espécie de hino da época. Seu refrão repete “porque o amor é mais forte, porque o amor é mais forte”. Pensando no que gostaria de dizer hoje, apresentava-se a mim, insistentemente, a frase musical “porque o desejo é mais forte”.

O desejo de psicanálise, de acordo com nossa música, a de nossa comunidade, poder-se-ia dizer que foi atonal, tanto que ninguém o havia escutado-lido. Mesmo que isso tenha sido o que Colette Soler propusera como tema para um encontro de Escola que teríamos em Buenos Aires, todos tivemos o mesmo lapso de leitura e escutamos uma música mais conhecida, lendo, “erroneamente”, o desejo de analista quando, na realidade, propunha-nos abrir uma interrogação acerca do desejo de psicanálise. Isso quer dizer que operou uma espécie de lapso coletivo despertador que, claro, nos fez mais que redobrar seu interesse. Lacan disse alguma vez que “a anedota sempre esconde um fundo de estrutura”.

46 Voir le tout récent séminaire de B. Nominé, *Il tempo dell'identificazione*, donné à Milan, juin 2016, auprès de ICLeS.

47 J. Lacan, *Discours all'EFPP (1967)*, “Il n'y a pas d'homosémie entre le seul et seul. - Ma solitude, c'est justement à quoi je renonçais en fondant l'É- cole, et qu'a-t-elle à voir avec celle dont se soutient l'acte psychanalytique, sinon de pouvoir disposer de sa relation à cet acte?”, p. 263

48 JL, *D'écologie* (11 março 1980).

Para mim, na ocasião, ter decidido pedir à admissão a esta Escola foi um momento de inflexão e de renovação do meu desejo de psicanálise, e minha participação no dispositivo do passe foi, indubitavelmente, outra.

Não dá no mesmo tê-lo por escutado do que por vivenciado, dizia Freud aludindo a uma dimensão ineludível da psicanálise, a da *Erlebnis*, a experiência do vivido que constitui a análise para cada um. Aquilo apreendido aí torna-se uma espécie de inesquecível fecundo que deixa como resultado contingente a emergência de um desejo de analista.

A experiência de participar do dispositivo do passe, de desejar ser parte, é um passo que não pode se não estar impulsionado por um desejo de psicanálise já consolidado com anterioridade, mas que é transformado pelo encontro com outros com os quais se compartilha esse traço. Todos aqueles que integram um cartel de passe estão animados por algum desejo de psicanálise. No meu caso, essa era a primeira vez que iria me encontrar com isso, de modo que o afeto era de entusiasmo, pelas expectativas que isso me gerava, e também a sensação de uma grande responsabilidade frente ao que posso definir como uma dupla tarefa: primeiro, a de *estar aí* logo depois de ter atravessado uma “ponte de nuvens”, colocando a orelha de um modo muito particular; e também, por aquilo que implica o trabalho, um cartel do passe deve se pronunciar, há uma espera por esse pronunciamento e pela transmissão de seus resultados à toda comunidade. No meu caso, ademais, somava-se o fato de que a viagem era muito longa e não esperava chegar a uma cidade coberta de neve na qual eu não estava de modo algum acostumada a me deslocar.

Nós, os integrantes do cartel multilíngüístico, nem bem nos conhecemos já começamos a trabalhar, muito rapidamente e sem preâmbulos. Nessa primeira reunião do cartel, escutamos quatro testemunhos e houve duas nomeações de AE. O momento imediatamente posterior ao término do testemunho de um passador e no qual o cartel fica sozinho com as ressonâncias ainda muito próximas do testemunho pelo qual foi afetado, é um momento de uma temporalidade singular. Em termos da lógica do tempo, poder-se-ia pensar: ver compreender concluir, o tempo de compreender é muito breve e intenso. Cada palavra pronunciada por algum dos companheiros do cartel ressoa nesse espaço de um modo singular e impulsiona a um trabalho de elaboração comum. Às vezes, a unanimidade na conclusão não deixa de ser surpreendente, assim como a surpresa com alguma leitura absolutamente díspar que se apresenta.

Lembro, especialmente, um debate surgido em nosso cartel. Quando um segundo passador se retirou após ter terminado de dar seu testemunho, um dos colegas do cartel, frente à surpresa dos demais, talvez por uma conclusão tão certa que não parecia evidente aos demais, precipitou um “houve passe”! Essa não unanimidade foi estimulante, propiciadora de um debate produtivo e que não podia ser postergado. Mas, afirmemos mais o argumento. Obviamente, não se trata de que a unanimidade seja um ideal, mas o cartel do passe, como afirmávamos anteriormente, tem a particularidade de que deve se pronunciar. Produz-se, então, certa urgência elaborativa em que o matiz que a escuta de cada um de seus integrantes aporta torna-se decisivo para o funcionamento do dispositivo. A escuta do testemunho dos passadores é amável, atenta e deixa marcas afetivas diversas. Em alguns casos, o segundo passador esclarece o testemunho do primeiro, o completa, o contradiz, o verifica, mas, por essas hiências, se filtra o que poderíamos chamar o estilo do passante. Não há *standard* ou, ao menos, podemos aspirar a que isso não se instale. Parece-me muito difícil imaginar que a experiência pudesse se reduzir a isso, a um “modelo” de passe, a uma ritualização ou burocratização em seu funcionamento, mesmo que saibamos que essa é uma via possível, a qual, felizmente, não é a de nossa Escola.

Penso que na transmissão da produção dos cartéis do passe, tanto das nomeações quanto das não nomeações, e assim mesmo na elaboração da experiência, residem os pontos mais vivos e candentes da psicanálise. Essa é nossa responsabilidade e é nisso que poderemos contribuir com a perduração do desejo de psicanálise e sua expansão.

Para concluir, uma anedota que, como lembrava no início, sempre tem um fundo de estrutura: finalizado o trabalho dos cartéis, toda CIG se reuniu e, quando nosso cartel anunciou que ao cabo dessa primeira rodada de testemunhos nossa Escola tinha dois AE, todos os colegas aplaudiram entusiasmados a boa nova. O afeto de entusiasmo era compartilhado, o que, para mim, não deixava de ser original e contagiante. Penso que minha participação no dispositivo do passe foi uma espécie de renovação de um pacto e me deixou uma lição expansiva do desejo de psicanálise.

Junho 2016.

*Tradução de Maria Claudia Formigoni.*

## O DESEJO DE PSICANÁLISE NO TRATAMENTO

### O decantar do desejo de Psicanálise no Passe

José Antonio Pereira da Silva, Salvador, Brasil

Para falar sobre o decantar do desejo de Psicanálise no Passe, recorri à etimologia dessa palavra, que vem do latim *decantare* – que significa passar suavemente um líquido de um vaso para o outro, a fim de separá-lo do sedimento ou depósito; pode ser ainda, celebrar; exaltar em cantos ou em versos; engrandecer. Então, nos perguntamos o que se passa, o que se separa, se celebra ou se exalta em cantos ou versos quanto ao desejo de Psicanálise no Passe? Na leitura do texto de Freud ([1912]1980), constatamos que ele já dizia algo sobre isso, alertando que o analista precisava passar por uma purificação psicanalítica para poder conduzir uma análise, e a falta de análise pessoal do analista o desqualificava para ocupar essa função.

O passe, enquanto dispositivo de Escola inventado por Lacan ([1967]2003), tem a função de verificar a passagem de psicanalisante a psicanalista, ocorrida na experiência pessoal da análise de um analista. É assim, de acordo com os textos da Escola elaborados por Lacan, que o psicanalista só se autoriza de si mesmo e poderá, por sua própria iniciativa, dar provas dessa passagem através do seu testemunho, colhido por um passador, que é um analisando indicado pelos analistas membros da Escola para a sua lista de passadores, pelo fato de estarem nesse passe, ou, ainda, estar ligado ao desenlace de sua experiência pessoal. A Escola, enquanto instituição, garante assim que ali há um analista, certificando que um analista depende de sua formação, que é, primordialmente, tornar-se psicanalista da própria experiência.

Lacan ([1966]1998) propõe, nos *Escritos*, que devemos colocar algo de nós mesmos sobre a causa analítica para a comunidade analítica, então, relatarei aqui alguns aspectos da

minha experiência de análise que apontam para o desejo de psicanálise. Até chegar aí, em um primeiro momento, escolhi um profissional psicodramatista, por supor que a invenção de Moreno poderia sustentar o desejo de saber sobre o meu inconsciente e sobre as questões e sintomas que lhe trazia. Após determinado período no qual foi trabalhado o desenvolvimento dos diversos papéis na vida, percebi que faltava algo a saber sobre o inconsciente, e que, com aquele método, tinha chegado a um limite. Decidi, então, atravessar literalmente a rua e buscar o analista que supunha ter as condições e características de me levar ao encontro deste saber.

Passei pela entrevista preliminar e nesta me deparei com uma essencial diferença com a outra experiência, a partir do ato de implicação com aquilo de que me queixava, com minhas escolhas e, conseqüentemente, os sintomas que me representavam. Deu-se início ao processo de análise, que durou quatorze anos, no qual foi possível atravessar as diversas alienações ao outro; atravessar as fantasias, superar o medo de desamparo, a insegurança, e restabelecer a autoconfiança; tratar a relação de rejeição e vergonha com o nome próprio, em função das diversas “gozações” dentro da cultura que havia com o nome; e, por fim, destituir o analista do lugar de trabalho de transferência para a manutenção da transferência de trabalho com a psicanálise, na Escola e na clínica.

Essa passagem foi marcada por dois episódios: o primeiro, um sonho em que haviam roubado a minha carteira e identidade, um sonho de angústia, que me assustou; este sonho enigmático foi trabalhado em análise e, então, dei-me conta de que era preciso construir uma nova identidade. No mesmo período, surge um nódulo na mão, que aparecia e desaparecia, como se fosse um nó a ser desfeito. Verbalizo, então, o meu desejo ao analista de concluir a análise. Ainda nesse período, recebo a ligação de que fui sorteado como passador, escuto o testemunho do passante e as diversas passagens da sua análise, transmitindo essa experiência ao cartel do passe. Pergunto: o que realmente foi transmitido? Será que fui fiel na transmissão do testemunho do passe? Para minha surpresa, fui novamente sorteado, aceito ser novamente passador, realizo nova escuta, noto diferenças nas experiências e as transmito ao cartel do passe, fico sabendo depois que uma AE foi nomeada pelo cartel do qual participei. Constatei, naquela época e ainda hoje, que a experiência do passe não foi sem conseqüências para a minha análise, a formação enquanto analista e a prática clínica.

Quanto ao decantar, é possível perceber, com a construção paulatina de um estilo, a sustentação do meu nome, que agora pode ser de-cantado, com satisfação: “E agora, José,... José, para onde?” – como se perguntava Carlos Drummond de Andrade (1942) no poema “José”:

E agora, José? A festa acabou, a luz apagou, o povo sumiu, a noite esfriou,  
e agora, José? e agora, Você? Você que é sem nome, que zomba dos outros,  
Você que faz versos, que ama, protesta? e agora, José? [...] José, para onde?

Diferente, entretanto, do José do poema de Drummond, este José que lhes fala sabe qual sua direção, reconhece suas limitações e seu desejo, sabe lidar com o não-sabido, com o impossível, com a falta-a-ser do analista, abdicando do seu ser, escolhendo sustentar o desejo de analista e o desejo de psicanálise. Disposto a pagar pela causa analítica, reduzindo-se, juntamente com seu nome, a um significante qualquer, para poder sustentar, ocasionalmente, o semblante de *objeto a* para o analisante.

Para finalizar esta pequena reflexão sobre o decantar do desejo de psicanálise no

passe, é importante ressaltar, para que o desejo de psicanálise continue existindo, torna-se necessário que o ato psicanalítico inventado por Freud como um ato que institui uma análise, e retomado por Lacan como estando também referenciado ao final de análise, mais precisamente à passagem de analisando a psicanalista, é preciso haver, primeiro, a ocorrência de um ato sustentado por um analista, constituindo, então, um verdadeiro ato inaugural de análise de um novo analista. Isso implica um engajamento acerca dos seus desejos inconscientes, talvez o começo de uma análise daquele que pode vir a ser um psicanalista e, assim, sustentar as novas demandas e desejos de psicanálise.

Portanto, a proposta do dispositivo do passe na Escola de Lacan visa garantir, para a comunidade, que há analistas que podem responsabilizar-se em ocupar essa posição e, a partir de uma posição ética, dar ao psicanalisante a possibilidade de escolha e responsabilização pelo seu desejo e pelo que o causa.

#### Referências:

ANDRADE, Carlos Drummond. José. In: \_\_\_\_\_. *Poesias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

APARICIO, Sol. Verificar um desejo. *Wunsch: Boletim Internacional da EPFCL*, n.10, p.47-48, jan. 2011.

FREUD, Sigmund. Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise [1912]. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v.XII, p.149-159.

LACAN, Jacques. Abertura desta coletânea [1966]. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 9-11.

LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 248-264.

## De um testemunho ao outro

Jorge Escobar G., Colombia, AE (2014-2017)

Depois de errar, lentamente e por anos, pelas águas turbulentas e por vezes infernais da associação livre, o que constitui o curso de toda análise, deparei-me com “o som do inominável”<sup>49</sup>, nas palavras do poeta de fala castelhana. Eu girava sem cessar sobre isso. De forma paradoxal, regia a ordem do enunciado. Esse encontro deixaria como marca uma mudez que ressoou durante várias sessões, em sequência ao deslizamento quase infinito no universo das palavras. Ao percebê-lo, estremei ante o mais ensurdecido de todos os silêncios, mas ao final da análise deparei-me com uma sonoridade musical que veio a marcar, por sua vez, o tempo de uma nova vida e uma nova relação com a Escola e a psicanálise. Momento sem precedentes no qual se deu a cura e em que pude perceber, sem sequer ter-me proposto a isso, que havia me tornado analista.

---

49 \_\_\_\_\_  
*Poema*, Manuel Abreu Adorno.



A partir desse instante, fui assaltado de modo tão insistente pelo desejo, que em poucos meses este se converteria na inevitável decisão de enfrentar o dispositivo do passe. Como nunca, apoderei-me de valor, confiança e desprendimento para fazer esta aposta, a de submeter ao julgamento e ao controle da Escola o resultado da cura, com a firme convicção de haver conquistado um único ponto de certeza. O mesmo em que se assenta, muitos não o sabem, o tesouro do descoberto por Freud, um tesouro ao qual não se pode olhar sem cair nas garras do assombro.

Eu desejava testemunhar essa experiência enriquecedora e única, fazer ao Outro institucional participante: essa “joia”, enquanto buscamos preservar a herança freudiana, era de sua radical incumbência. Contribuí para “reanimar, no campo da psicanálise, suas justas consequências”<sup>50</sup>, consequências advertidas sobre o sintoma, os efeitos de assumir a castração, a nova relação com a pulsão, mas sobretudo enfatizar essa boa novidade: que uma cura, na e desde essa Escola, em algum e por um de seus membros, havia resultado didática a partir dali, havia assumido o novo destino, o de analista.

Minha relação com a psicanálise começou cedo, quando ainda criança. Freud faz sua súbita aparição na minha vida despertando em mim uma curiosidade do saber. Recorrendo a algumas livrarias, fui capturado pela oferta da semana “As teorias sexuais de Freud”, da mão dos mais reconhecidos poemas do autor de “A amada imóvel”<sup>51</sup>, um dos poetas mais significativos da língua espanhola no século XIX.

Dois textos, eu o saberia muitos anos depois, tratam do mesmo, do real que habita o amor, da perda e o inevitável da não proporção sexual. O primeiro par de textos, comprados com minhas próprias posses, anunciavam a resposta com muita antecipação, buscada em uma neurose que, instalada nos primeiros anos de infância, haveria de provocar sua eclosão e seu grito clamoroso através da urgência que estabeleceria a angústia.

As perdas no amor e a pergunta pelo sexo precipitaram essa manifestação do real, de modo que se fez inadiável a entrevista com um analista. Estava diante do fracasso da consistência fantasmática, que eu julgara estar em segurança, e da irrupção o mais próximo da loucura. Não deixava de ser curioso que um médico (profissão na qual me formei) buscasse na psicanálise, com férrea segurança, a única possibilidade de resposta, não considerando outra, nesse pedido mais que urgente, quando demandou um analista. Essa primeira sedução pela minha leitura “esquecida” de Freud, me incitou sua busca.

Quando me encontrei a primeira vez com o analista, sem conhecer a teoria nem os textos instituintes, nem a ideia de escola, nessa primeira entrevista, em condições muito especiais, era uma visita domiciliar, dada a condição crítica e delirante em que me encontrava, e antes de entrar propriamente no dispositivo de demandar uma cura, apontar o motivo para procurar um analista: testemunhar a ele, através dele, a sua instituição, que o estado de insanidade que me invadia, que afetava meu sentido, inclusive a percepção do mundo e o corpo de maneira tão dramática, era um fato demonstrativo que confirmava o descoberto e o dito por Freud e Lacan. Um primeiro testemunho, hoje o chamaria de um “passe selvagem”, que indicava uma transferência à psicanálise, iniciada nos primórdios, quando o dizer de Freud deveria gerar ressonância no futuro analisando.

50 Lacan, J. Discurso na Escola Freudiana de Paris (1967). Em *Outros Escritos*. Rio de Janeiro Zahar, 2003. pp.265-287

51 Amado Nervo

A cura propriamente se definiu dentro dessa transferência prévia ao saber da psicanálise. Percebi, rapidamente, que meu primeiro analista pertencia a uma forma institucional antecessora de nossa Escola, o que foi realmente significativo. O analista era alguém, não era qualquer um e gerava confiança.

Mais tarde a instituição e a curiosidade pela teoria, assim como a participação, ainda que passiva, a seminários, mesas de leitura e diversas formas de trabalho, apareceram rapidamente. Logo surgiram a participação em cartéis e a preocupação pelo coletivo dos analistas. Percebi que os analisandos tinham um lugar no institucional e a eles cabia, de maneira radical, o discurso. Quando os efeitos sobre o sintoma foram atenuados, tornou-se possível certa elaboração do saber e demandar ser membro da instituição como médico interessado.

Uma transferência ao discurso e ao saber do inconsciente sempre esteve presente antes e durante a cura. Quatro tentativas de análise evidenciam isso. As três saídas iniciais me deixaram o sabor amargo da incerteza e o retorno em uma quarta tentativa se tornou imperioso. Eu nutria realmente o desejo de análise. A última tentativa foi com um membro da Escola. Era alguém reconhecido por sua experiência de A.E. e seu pertencimento ao Colégio da Garantia.

Dois analistas A.M.E, fundadores, com compromisso institucional, participaram de toda engrenagem do dispositivo do passe, como passantes, membros dos cartéis, transmissores dessa paixão infecciosa: a peste mágica do desejo.

O título proposto “De um testemunho ao outro” assinala então o espaço e o tempo da cura entre o testemunho inicial de um desejo de psicanálise, e a emergência fora de todo cálculo, do desejo de analista. As vicissitudes da mesma cura não deixaram de indicá-lo. O espaço assinala a espera que ali se situou, um espaço reduzível ao final, quando as formações do inconsciente deram os frutos possíveis e a perda de sentido se impôs ante a emergência do real do inconsciente.

*Tradução de Bela Malvina Szajdenfis*

## O desejo de seguir após a “cura”.

Jean-Jacques Gorog, Paris, França, CIG 2014/2016.

Por que o tratamento psicanalítico não encontra seu fim com o desaparecimento ou a redução daquilo que o havia motivado?

Necessita-se resumir a questão à dimensão didática? De fato pode-se pensar que eu sigo minha formação para além daquilo de que me queixo porque eu quero me tornar psicanalista. É uma eventualidade que existe, que encontramos e que é dada como razão quando o problema surge, quando a questão se coloca. Esta ideia é sem dúvida partilhada pelo psicanalista e seu analisando mas se revela enganadora.

Para demonstrá-la basta tomar o exemplo desses analisandos que não são de forma alguma do nosso “meio” e que estranhamente vão seguir para além daquilo que poderíamos considerar como um fim “satisfatório”. Curiosamente, surge muito habitualmente nesse

momento, seja qual for a formação ou o meio, o desejo de se tornar analista, demonstrando de passagem que toda análise é bem didática. Nossa exigência de fim não corresponde sempre àquela dos nossos pacientes e se, claro, acontece mais frequentemente que a análise se interrompa cedo demais ao nosso critério, o inverso também existe.

Para tratar a questão é necessário retornar àquilo que define o sintoma. Aquele do começo, da queixa inicial, mas também o sintoma do fim, aquele ao qual a gente se identifica. Lacan o propõe em seu seminário<sup>1</sup>, frequentemente comentado, com sua versão concreta, saber se virar com seu sintoma, supõe-se que saibamos nos virar no fim do tratamento. Não há dúvidas, ele não desaparece. Mas na realidade, havia um momento do percurso lacaniano onde o sintoma era suposto desaparecer? A resposta é não, e essa resposta é muito claramente articulada com a crítica da norma genital dos seguidores de Freud, que é inatingível, e por causa, uma vez que não há relação sexual. Desde o começo é então necessário supor um tal saber se virar a ser adquirido na análise, caso contrário dificuldades nos aguardam, como a perversão transitória, para me ater aos exemplos que atravessam o ensino de Lacan.

A confrontação ao real da relação sexual que não há, coincide com o real do sintoma. O sintoma não é de fato outra coisa que a modalidade própria a cada um onde esse real se inscreveu após sucessão de acontecimentos contingentes. Durante um certo tempo desse ensinamento, esse real, que o analisante se aproxima em sua análise, recebeu o nome de angústia, e para permanecer freudiano podemos restituir a ele seu nome completo e um pouco pomposo de angústia de castração. Mais tarde haverá outros nomes. Essa aproximação da angústia constitui um progresso da análise. É, aliás, talvez o único, aquele que é decisivo, e aquilo que designa a meu ver o saber se virar com o sintoma. Vocês me dirão que ele aparentemente diz respeito sobretudo ao obsessivo, é verdade, mas é a seu propósito que Lacan e mais claro. Deixarei de lado a histeria que por ser um discurso coloca o problema de outra maneira.

A fobia, que nós estudamos este ano, é muito notável nisso que a resolução do sintoma fóbico parece anedótico ao olhar daquilo que é decisivo, a angústia, a ser restituída e que a fobia protege. É a essa falta de restituição da angústia que persistirá em Hans, segundo Lacan, uma dificuldade de se colocar como homem diante de uma mulher. O que não impedirá Hans, no momento mesmo onde Lacan dá seu seminário, na primavera de 57, de encenar Don Giovanni em Salzburg, dando ao princípio da encenação da ópera uma força nova. Mas talvez ao contrário é esta posição que o autoriza a brincar com corpos com uma maior liberdade que antes nesse gênero e cujos testemunhos afirmam que ele havia permanecido muito petrificado até então.

Mas os sintomas propostos no início de uma análise se revelam frequentemente “renegociáveis” quando as primeiras queixas são transpostas e que essa nova aposta se apresenta. Este é o caso especialmente se essa eventualidade foi levada em conta no princípio, no momento das sessões preliminares. Elas estão aí para isso, sacar alguma coisa para além das queixas e que tomam a forma do sintoma.

À uma exigência desse tipo correspondem essas prolongações da análise na direção desse sintoma-mistério do qual de forma alguma devemos nos livrar. Além do mais, não aparece algum “trait d’esprit” nessa fórmula que faz da mulher o sintoma – mesmo se Lacan não o diz isso vai de si – o sintoma do homem? Podemos imaginar que se trata de se livrar dele? Não é certamente a ideia de Lacan. Resta então saber se virar com seu sintoma.

É que, como para Hans, alguma coisa para além dos limites que mascaram o real, falta expandir aquilo que funda nossa ação no que Lacan mistura da ética com a diferença sexual. A psicanálise tem às vezes virtudes que não são inscritas no bilhete da partida.

É sem dúvida porque Lacan lembra como, para Freud, os acontecimentos da vida tornavam útil um retorno à análise a cada cinco anos. Vejo aqui também a razão daquilo que Lacan chama no *L'Étourdit* a segunda volta do tratamento e que justifica o título no seu equívoco, *as voltas do dito*.

A continuação da cura implica com frequência a materialização dessa segunda volta. Ela retoma o circuito realizado e ela é ornada de acontecimentos que terão se produzidos nesse meio tempo. Esse momento corresponde, aliás, também a eventualidade de um passe. É por essa razão nosso desejo de que a demanda de passe seja mais precoce, deve, acredito eu, ser revisada em razão dessa segunda volta, às vezes pouco trabalhada.

*Tradução de Fernando Silverio Alves.*

## O desejo de analisar-se, um desejo forçado. A propósito de um caso.

Ana Martínez, Barcelona, Espanha, CIG 2014-2016.

A reflexão que aqui lhes apresento é um produto de trabalho do Cartel de CIG intitulado “Le pas d’entrée dans une psychanalyse”, enunciado que em francês equivoca entre: “o passo de entrada em uma análise” e “a não entrada em análise”. Portanto, é um tema extremamente vinculado ao título que nos reúne nesta mesa, a emergência do desejo de análise na cura.

Pessoalmente, optei por uma orientação clínica do meu trabalho, pois partia de um prejuízo. Cria que tudo o que se podia pensar e formalizar sobre a entrada em análise estava dito, formalizado e inclusive matematizado por Lacan em A proposição de 9 de outubro. Ignorância de minha parte, da qual felizmente me resgataram meus companheiros de Cartel. Não tenho tempo agora de me deter nas múltiplas referências à entrada em análise, às entrevistas preliminares, à diferença entre psicoterapia e psicanálise, etc., que se encontram na obra de Lacan mais além de 1967. Fica para outra ocasião.

Retomo, então, a estrutura da entrada em análise, tal como Lacan a apresenta em A proposição. Ela se produz quando se instala a transferência ao Sujeito Suposto Saber a partir da emergência de uma formação do inconsciente que se dirige ao analista, abrindo, assim, a via para o trabalho analisante. Denomina-se, também, processo de histerização do discurso do sujeito. Mas para que isto se produza, faltam duas coisas: em primeiro lugar, um analista, capaz de sustentar uma entrada em análise, e por outra, um analisante decidido.

Da minha parte, permaneci na orientação clínica do meu trabalho dentro do Cartel, pois uma coisa é teorizar a estrutura da entrada em análise e outra é constatar as entradas no caso a caso e tirar o ensinamento disso. Dois casos me permitem ilustrar algo a respeito. Um é de minha prática<sup>52</sup> e o outro foi uma contribuição de outro membro do Cartel<sup>53</sup>.

52 “Passar do terapêutico ao psicanalítico”, Ana Martínez, *Ecos* 6, Boletim do CIG 2014 – 2016.

53 “Au pas de la porte...”, Nadine Cordova, *Ecos* 6, Boletim do CIG 2014 – 2016.

No primeiro caso, trata-se de uma mulher que veio me ver uma primeira vez quando contava 29 anos, porque sofria de angústia e confusão devido à descoberta da infidelidade de seu parceiro, e uma segunda vez quatro anos depois. O problema agora era sexual. Em ambas ocasiões se instaurou um trabalho aberto ao inconsciente e à rememoração, que comportou efeitos terapêuticos, que satisfizeram tanto à paciente como à terapeuta. Trinta anos depois, a paciente regressa. É impactante seu aspecto e situação, muito envelhecida, obesa e mancando. Tem o estatuto de invalidez e não trabalha. Está deprimida desde há muito tempo, mas não queria voltar comigo porque teria que pagar, quer dizer, teria que aceitar perder para entrar.

O que se passou durante este largo intervalo? Do lado da paciente, ela esgotou o recurso aos “meios baratos” onde não encontrava lugar para alojar seu sintoma e, do lado do analista, eu havia feito meu percurso pessoal para discernir com clareza entre a psicanálise aplicada e uma entrada em análise.

Como dar prova da passagem ao discurso analítico neste caso? Isolei três índices que considero testemunhas disso. Em primeiro lugar, nesta ocasião não se produziu o milagre terapêutico e sem dúvida ela continua vivendo. Em segundo lugar, é capaz de confessar lembranças e desejos muito difíceis de dizer para ela, como por exemplo seu desejo de assassinar o pai, um pai dominante, ao qual ela sem dúvida está identificada em vários traços odiados. Em terceiro lugar, surge uma manifestação do inconsciente sob transferência: frequentemente pede para ir ao banheiro justamente depois da sessão. Um ato sintomático em relação ao qual ela se pergunta o que pode querer dizer, relacionando-o com o que se desenvolve nas sessões. Reconheço aí um passo de histerização na paciente.

No segundo caso, trata-se de um sujeito supostamente histórico, aparentemente muito comprometido com a análise, que durante as entrevistas preliminares chegou a produzir um singificante sintomático que implicava a transferência ao Sujeito Suposto Saber. Portanto, parecia reunir as condições requeridas para uma entrada em análise. A analista marcou a entrada deitando-a no divã, ato em princípio bem aceito pelo sujeito. Sem dúvida, para surpresa da analista, o sujeito abandonou o processo ao cabo de algumas sessões. A analista se colocava uma dupla hipótese: por um lado, pensou que o dispositivo se tornou insuportável para a paciente, uma vez que se retirou a dimensão do olhar, e por outro lado se colocou também que quicá houve uma precipitação por sua parte e um momento de horror no sujeito. Temos portanto aqui o caso de um sujeito que foge da análise no momento mesmo em que acaba de entrar nela.

O que nos ensinam estes dois casos?

Que cada entrada é diferente, mas sem dúvida, há um traço comum: surpreende o analista. No primeiro caso, a surpresa foi quando um antigo paciente que fizera uma terapia, retornou pedindo análise, forçado por um sintoma que insistia. Podemos dizer que este sujeito desejava análise? Em absoluto, mas sabia que só através dela poderia encontrar uma via para seu mal-estar insuportável, é por isso que falo de desejo forçado, neste caso forçado pelo sintoma.

No outro caso, o sujeito aparentemente desejava a análise, inclusive havia chegado a estabelecer uma transferência ao Sujeito Suposto Saber, mas na hora da verdade saiu fugindo de si mesmo. Aqui o sujeito parece pressentir “A destituição subjetiva inscrita no bilhete de entrada...”<sup>54</sup> da qual nos fala Lacan em *A Proposição*.

54 Jacques Lacan, “Proposição de 9 de outubro de 1967 para o analista da Escola”, In *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar.

Porém, mais além da variedade clínica das entradas, pensamos que cabe postular como traço generalizável da emergência do desejo de psicanálise na cura sua manifestação como desejo paradoxal, um desejo indesejável, forçado, contra a corrente, ao qual só com dificuldade o sujeito consente.

*Tradução de Luciana Piza.*

## **Desejo de psicanálise versus desejo do analista.**

Camila Vidal, Espanha, AE, 2015-2018

Vou começar por uma pergunta que eu estava descrevendo na medida em que eu estava pensando sobre o que eu queria dizer hoje aqui neste Encontro.

A pergunta que parece óbvia, mas que na verdade eu nunca a havia formulado antes verdadeiramente, é a seguinte: por que queremos fazer existir a psicanálise? Ou para dizê-lo com Lacan: por que queremos evitar que a psicanálise desapareça?

Embora a pergunta seja simple, sua resposta não é.

Por um lado, a resposta é clara, não queremos que desapareça porque acreditamos que é boa, nos tem ajudado, ou nos ajuda a suportar a existencia, a dor de existir, é uma boa terapêutica, também nos dedicamos a isto, queremos ter pacientes, temos que viver de nosso trabalho e portanto, estamos muito interessados em mantê-la. São boas razões e legítimas também porém, acredito que todos estaríamos de acordo em dizer que não é “únicamente” por isso.

O fato de que a psicanálise ajude a suportar a existencia não faz a sua especificidade, posto que há formas diferentes que os humanos encontram para isso, entre outras e muito precisamente a religião, por isso, tanto Freud como Lacan insistiram em tratar de elucidar o poder da religião e estabelecer a necessidade de fundamentar que a psicanálise não é uma religião.

Então, por que não queremos apenas que não desapareça, mas também que não seja uma religião?

Há duas razões pelas quais a psicanálise poderia desaparecer. Uma é mencionada por Lacan e tem a ver com o êxito da psicanálise: se a psicanálise tivesse êxito em “reduzir” o real, em passá-lo todo para a conta do significante, então já não teria sentido e desapareceria porque já não seria necessária. A outra, a expõe Colette Soler quando nos diz que o verdadeiro perigo para a psicanálise não é que deixe de haver pacientes, posto que como é óbvio que não há nenhum perigo de que morramos de êxito, sempre virá um as nossas consultas, mas o verdadeiro problema pode chegar a ser que não haja ninguém disposto a sustentar o lugar de analista, nisso sim você pode se tornar.

Então a pergunta que podemos nos formular é: o que tem conduzido cada um de nós a psicanálise?

Eu não sei o que tem conduzido vocês, mas acredito poder formular algo que foi o que me conduziu. O que eu encontrei, quando li Freud pela primeira vez, não foi exatamente a percepção de um saber, mas encontrei essa obscura parte cotidiana habitada pela rejeição

mais radical ao que se é, convertida em algo digno. Algo desse êxtimo convertido em algo digno, que não se chega a conhecer ou a poder pensar de nenhuma maneira e que no entanto, se sente no corpo, quer dizer, se goza. Que absolutamente repreensível, com o que eu não sabia o que fazer e que se apresentava como obstáculo intransponível me apareceu ali transformado na dignidade do sujeito.

Claro eu não sabia dizer assim naquele momento, foi apenas o longo processo analítico que me permitiu fazê-lo, mas sem dúvida o que encontrei ali, hoje posso dizer, foi “um amor mais digno”, como nos diz Lacan.

Encontrar uma certa dignidade nisso que é rejeitado, modifica substancialmente a posição no mundo para cada um.

Mas isso encontrado muito cedo nos lança outra pergunta: de que dignidade se trata nesse encontro no final de análise?

Se continuo com meu raciocínio, isso que forma a maior particularidade do falasser e que efetivamente não faz laço com os outros, posto que é absolutamente singular a cada um, isso mesmo foi o que fez laço com a psicanálise, portanto, nos encontramos aqui agrupados em torno de uma Escola, espalhados incompatíveis cada um com um laço singular, a psicanálise.

Portanto, estas singularidades são muito difíceis de reduzir, e certamente o trabalho da Escola o requer de alguma forma em várias ocasiões. Eu digo que são muito difíceis de reduzir, na medida em que não somente está o que a cada um tenha custado para chegar até ali, até essa redução ao ponto de singularidade irreduzível ou às diversas modalidades que isso vai tomando ao longo de um tratamento analítico, não somente também a certeza que se tem de que é somente contando com “isso” que pode-se fazer algo na vida, mas também transportam o laço que cada um estabeleceu com a psicanálise, cada um tem também suas boas razões para não ceder sobre eles.

Esse amor mais digno do qual falamos no início tem uma contrapartida ética: o gozo no qual o falasser encontra o resto da marca de seu advento como tal, tem de ser tomado ao seu cargo, nenhum discurso irá então ordená-lo.

Esta é a força da psicanálise, é o verdadeiramente subversivo que traz à humanidade, e o que, ao mesmo tempo, desperta uma rejeição radical ali onde se põe em evidencia, também entre nós.

Pois a dignidade da qual se trata é a possibilidade de separação do sujeito de seu ato.

A direção do tratamento e sua finalização têm me permitido verificar como o ponto no qual se constroi a neurose é ao mesmo tempo o ponto da separação. Ali onde a contingência do meu nascimento coloca em evidencia a dificuldade de minha mãe com o nome, constituindo o nó da neurose mesma, é o mesmo ponto que produz esse desencontro muito cedo entre ambas e me obriga a buscar fora, produz um ponto de separação radical que possibilitará mais adiante o encontro com a psicanálise. Quer dizer onde a operação de separação possibilita o advento do sujeito, ali mesmo se constroi a neurose, por isso a análise permite a esse sujeito separar-se de seu próprio ato, não confundir-se com ele, no reverso da posição cristã resumida em: a demonstração “por seus atos os conhecereis”.

A psicanálise nos fornece então não a dignidade do ato, mas a separação do mesmo.

Recordemos então a pergunta, posto que dependendo da resposta que lhe damos articularemos maneiras muito diferentes de tentar produzir um desejo de psicanálise.

*Tradução de Maria Helena Martinho.*

## O DESEJO DE PSICANÁLISE EXTERIOR AO TRATAMENTO

### Entre agalma e mais-de-saber: do desejo de psicanálise

Sidi Askofaré, Toulouse, França, CIG 2012/2014

O título que propus para minha intervenção – na precipitação, é verdade – testemunha suficientemente meu embaraço. Ele se deve ao fato de que se creio saber o que é uma «demanda de análise» ou o «desejo do analista», o «desejo de psicanálise» permanece, até hoje, enigmático ou mesmo opaco para mim. E isso, mesmo depois de ter tentado elucubrar alguma coisa, aqui mesmo em Medellín, durante o mês de maio último, numa intervenção intitulada: «Extensão do domínio do ato».

Então reformulo minha questão: como entender «desejo de psicanálise» se o dito desejo se distingue tanto da «demanda de análise» quanto do «desejo de ser psicanalista» – sempre suspeito – ou do «desejo do analista» tal que procuramos estabelecer a partir dos testemunhos do passe? E como esse «desejo de psicanálise» se manifesta no exterior do tratamento?

Me limitarei a formular alguns elementos para a reflexão, algumas associações.

Minha experiência de ensinante-pesquisador em psicologia confrontou-me muito cedo ao que constitui o exato oposto do que poderíamos imaginar como sendo o «desejo de psicanálise». E isso, duplamente. De um lado, pelo destino que era dado ao saber psicanalítico, admitido exclusivamente para se tornar «inofensivo», dissolvido na psicologia geral, «lagachisado» para ser curto. De outro lado, pela rejeição violenta da psicanálise, de seu saber e de sua clínica, em nome dos ideais de um certo cientificismo. É essa segunda determinação que, atualmente, se generaliza sob o impulso da Internacional neurociência cognitiva.

Nessa conjuntura – que, aliás, só vem se degradando cada vez mais –, a questão já não era aquela que Freud enunciava em 1919: «Devemos ensinar a psicanálise na Universidade?», mas: como ensinar a psicanálise na universidade – notadamente aos psicólogos em formação?

Retomada nos termos de nossa mesa redonda, a questão era de saber como suscitar um «desejo de psicanálise», uma transferência para com a psicanálise, como fazer disso uma figura agalmática que possa conduzir o psicólogo em formação a se orientar no pensamento clínico a partir de seu saber e da ética relativa a seu discurso?

A partir do que se vê que não há resposta universal e definitiva para essa questão, nem mesmo aquela de Freud que pensava principalmente no ensino da psicanálise nas Faculdades de medicina, donde é necessário ajustar a resposta à conjuntura e, muito particularmente, ao estado das relações entre os discursos. Vincennes não era Budapeste nem mesmo Paris-Sorbonne do tempo de J. Laplanche ou P. Fédida, e a situação é tão diferente hoje conforme estejamos em Bogotá, Rio, Buenos Aires, Milão ou Toulouse. Resta uma coisa: a universidade permanece um lugar de encontro com a psicanálise, um dos lugares em que pode operar o «Scilicet» – «você pode saber» – o que disso pensa ou diz a psicanálise.

Chego à minha segunda reflexão. Frequentemente observei que a cada vez em que nos interrogamos sobre a contribuição de Lacan à psicanálise, temos a tendência de convocar suas invenções epistêmicas e conceituais – sujeito suposto saber, objeto *a*, gozo, discurso etc – ou institucionais: cartel, passe, Escola. Certamente que isso não é falso e é mesmo incontestável



que a psicanálise enriqueceu com essas contribuições. Ora, o acontecimento Lacan, se posso me expressar assim, não se reduz a isso. Diria que, se Lacan se distingue de todos os analistas que seguiram Freud, é também e sobretudo porque ele trouxe, como nenhum outro desde Freud, a preocupação da manutenção da psicanálise, a preocupação de uma propagação do discurso analítico. E isso só foi um voto frustrado, um desejo faltoso. Com efeito, quer seja pelo seu «retorno a Freud», o desenvolvimento de seu ensino, suas intervenções institucionais, Lacan não apenas restaurou o gume cortante da descoberta freudiana, promulgando o «desejo do analista» como o operador do qual depende a experiência e a «fabricação» de novos analistas, mas ele sustentou e ilustrou a responsabilidade que compete aos analistas, com a presença do inconsciente no campo científico e, acrescentaria, no campo cultural, no laço social. Como é que isso foi possível? O que, em seu ensino, seu estilo, sua prática, conseguiu produzir tamanho efeito? Não se justifica identificar aqui um «desejo de psicanálise» que escede o «desejo do analista» propriamente dito?

No momento histórico em que vivemos, me parece que somos confrontados à seguinte constatação : o trabalho doutrinal e os investimentos institucionais que levaram ao desejo do analista e ao passe, por mais que tenham sido importantes, estão chegando a seus limites. E atingindo esses limites, sua função motora na propagação do discurso analítico ficará, igualmente, afetada. A razão disso é simples.

É que o desejo do analista, assim como o passe, o dispositivo do passe que visa extrair-lo e colocá-lo a trabalho no seio da comunidade de Escola, é centrado na análise em intensão. Desse ponto de vista, enquanto houver análise, a questão do desejo do analista e, portanto, o dispositivo de seu *aggiornamento*, devem permanecer ativos.

No entanto, esse diagnóstico faz emergir uma nova questão, e somos convidados a responder: qual desejo, homólogo ao que o desejo do analista é para a psicanálise em intensão, é necessário mobilizar na psicanálise em extensão, a fim de que respondamos ao que é também nossa responsabilidade de analistas, ou seja, a de manter a ex-sistência do inconsciente no mundo?

Seria nada ou tão pouco se o «discurso do analista» fosse apenas um vulgar sinônimo do termo psicanálise. Com efeito, essa nomeação devida a Lacan, traz consequências tão consideráveis e produz tais mexidas conceituais e práticas que abrirá um segundo canteiro para aqueles que se sentem responsáveis pela ex-sistência do inconsciente.

Donde, poderíamos chamar de *desejo de psicanálise*, esse desejo a suscitar, a propagar e a entreter esse «desejo do analista» e sua função nos tratamentos, mas isso não basta mais para assegurar a existência da psicanálise na cultura e no laço social.

Evidentemente, não se trata tanto de tornar amável a psicanálise com esse *desejo de psicanálise* – missão impossível! –, mas de torná-la desejável, *agalmática* enquanto promessa de um saber outro, de um mais-de-saber que pode interessar, para parodiar Freud – «O interesse da psicanálise» –, os outros discursos. E isso implica, sem dúvida, em uma outra operação, diferente daquela de fazer de conta de escabelo. Trata-se, me parece, de suscitar uma transferência para com a psicanálise enquanto tal, quer dizer, como discurso. E essa transferência passa, como Lacan soube fazer valê-lo, pela colocação em relevo do saber outro que só pode ser atualizado pela psicanálise e, eventualmente, em uma psicanálise.

*Tradução de Sonia Alberti.*

## O limite do lado de fora

Marie-José Latour, Tarbes, França, CIG 2014-2016

Se o tratamento psicanalítico é um lugar, este não poderia restringir-se ao consultório do analista. Seria preciso considerar igualmente o seu avesso, ou seja, do lado do analisante: a sala de espera, os deslocamentos, os atos falhos, os sonhos e todos os pequenos incidentes endereçados ao analista, e do lado do analista: a supervisão, os cartéis, a escola, o colégio clínico, os seminários, os encontros internacionais etc.

Então, o lado de fora do tratamento não é simplesmente o avesso do lugar onde ele se desenvolve. Este fora do tratamento é a extensão da psicanálise, portanto, o que é sempre da ordem da psicanálise, mas quem ou além de **uma**<sup>55</sup> psicanálise.

O lado de fora do tratamento convoca precisamente a presença da psicanálise no mundo. É tarefa dos psicanalistas pensar o modo desta práxis estar presente no mundo, a única que trata os sintomas enquanto formações do inconsciente. Foi com esta finalidade que Lacan criou a Escola de psicanálise.

Para que a psicanálise conserve um lugar na civilização é algo que não depende apenas do que é passado de um psicanalista para outro. Não basta nem uma psicanálise, nem um psicanalista, ambos não bastam para que haja desejo de psicanálise.

\*

Se falar é frequentemente entrar, uma análise torna possível avaliar o que falar deve à ressonância do que nos acolheu de fora. O inconsciente foi considerado durante muito tempo como um monstro escondido no buraco, bem lá no fundo, lá dentro! Freud vai mostrar que o inconsciente é mais questão de superfície que de profundidade. Isso fala, mas do lado de fora do sujeito. Este “fora do sujeito” é um dos nomes que Lacan dá ao inconsciente.

Há quem faça derivar a etimologia de “fora” do latim *fores*, “a porta”. Para apreender o “fora”, é preciso então um batimento. Sabemos o quanto a questão de abertura e fechamento é congruente com o inconsciente, com o que Lacan chama de sua posição. A simples oposição dentro/fora mostra-se ineficaz para situá-lo e para que nos orientemos nele. Antes, seria preciso considerar, entre os dois significantes, seu corte em ato, o inconsciente seria então o que em inglês recebe o nome de *slash* (a barra oblíqua).

Lacan convocará bem cedo em seu ensino a figura topológica do toro, para mostrar a insuficiência de uma distinção binária e para nos afastar dessa intuição indecisa quanto à distinção dentro/fora. Considerando a ex-sistência como situada (do latim *sistere*) fora (em latim: *ex*) de alguma coisa que, ao mesmo tempo, permanece ligada a ela, Lacan propõe o fora como aquilo que nos escapa, justamente enquanto está se situando, mas este fora não é um não-dentro<sup>56</sup>. O inconsciente ex-siste ao discurso analítico, mas é no tratamento analítico que ele pode ser verificado.

\*

Em seu “Discurso à EFP”, Lacan nos traz um pequeno apólogo que põe igualmente em questão a oposição dentro/fora: durante a noite, rondando as grades que, em Paris, circundam o Obelisco, alguém se mostra perturbado: “Safados, eles me trancafiaram”. Aquele que está tão preocupado com os limites do fora, esquece que está no centro da ampla praça da Concórdia, e, agindo assim, consegue ficar preso do lado de fora!

55 Grifo da autora.

56 Jacques Lacan, *O seminário, livro 22: R.S.I.*, 14 de janeiro de 1975. Não publicado.

Esse apólogo leva Lacan a dar uma preciosa definição topológica do desejo do analista: “é o lugar de onde se está fora sem pensar nele, mas no qual encontrar-se é ter saído para valer, ou seja, não ter tomado essa saída senão como entrada, e não uma qualquer, já que se trata da via do psicanalisante.”<sup>57</sup> Parece-me que Lacan busca uma exterioridade absoluta, aquela que está sempre de fora, que se sustenta fora da oposição significativa, na dissimetria.

Lacan topologizará a função da transferência sob a forma do oito interior, que nos faz crer, à primeira vista, que há dois campos que se recobrem (d/D, Realidade sexual/ICS), e que o desejo seria aquilo que pertenceria aos dois. Como se o ponto extra-linha fosse este ponto fora do alcance, por estar fora das linhas sem pontos do plano projetivo ou *cross-cap*.



Este ponto é, ao mesmo tempo, a experiência do fora e a experiência do fora da experiência. O tratamento também é este fora. “Extra análise”<sup>58</sup> equivaleria portanto a estar fora deste lado de fora, o que no entanto não é estar dentro, a linha do desejo sendo uma linha sem pontos, cada ponto do seu direito anula o ponto do seu avesso.

\*

Uma menininha de 7 anos conta um sonho durante sua sessão. O sonho a faz lembrar de um livro: *Schmélele e a Eugénie das lágrimas*<sup>59</sup>. Este livro de Claude Ponti, célebre escritor francês que brinca com as palavras como outros com o piano, traz à cena *Schmélele* que vive com os pais em uma casa tão pobre que as paredes, o teto e as janelas foram embora não se sabe para onde. Se não tivesse sobrado Bâbe, a porta, se poderia crer que existiria apenas o lado de fora, o exílio radical. Ora, como indica a epígrafe do livro que Clara trará para a sessão: “Quando se abre uma porta, a gente sabe o que ficou para trás, mas não o que está lá dentro”. De um lado de Bâbe, há o exterior, mas, do outro, o que há? Pergunta Clara.

Os pais de *Schmélele*, exauridos pelo trabalho cansativo, vão ficando cada vez menores até desaparecem. Bâbe, infeliz, vai embora. Sem porta, já não há casa e *Schmélele* vai atrás dela. A sequência da aventuras gira em torno da função desta porta.

Uma porta sem casa, seria esta uma forma de dizer o lugar da análise? De todo modo, pensar o umbral, este lugar fértil, não é precisamente o que temos em vista quando interrogamos o desejo de psicanálise fora do tratamento?

\*

Não acho pertinente o termo “conexão” que usamos para falar de nossas atividades com outras disciplinas. De acordo com o dicionário, o termo “conexão” indica uma relação estreita entre determinadas coisas, ideias, campos etc.. é portanto um lugar de encadeamento. Mas não seria antes o ponto de descontinuidade, o ponto em que não há concordância, o ponto de corte, que teria de ser pensado?

57 Jacques Lacan, “Discurso na Escola Freudiana de Paris” in *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.270.

58 N. do T.: Outra tradução possível seria: “Fora do tratamento”.

59 Claude Ponti, *Schmélele et l'Eugénie des larmes*, Paris, l'école des loisirs, 2002.

Pelo fato de que há linguagem, o sujeito está ex-cluído da sua origem. Está fora logo de saída! Isso talvez nos dê uma indicação sobre a causa da dificuldade de sair!

Não é fora de uma psicanálise, na margem exterior que ela contribui incessantemente a interrogar, que se delinca o desejo de psicanálise?

Medellín, 14 de julho de 2016.

*Tradução de Vera Pollo.*

## Fazer bonito no mercado premium?<sup>60</sup>

Diego Mautino, Roma, Itália, CIG 2010/2012

«Partimos de que a *raiz* da experiência no campo da psicanálise situado em sua extensão, única base possível para motivar uma Escola, deve encontrar-se na experiência psicanalítica mesma, queremos dizer, tomada em *intensão*»<sup>61</sup>.

*Elegi como título para essa breve intervenção uma expressão de Lacan na Carta aos italianos [Note italienne<sup>62</sup>], pontuando-a com um sinal de interrogação: “faire prime sur le marché?” [fazer bonito no mercado premium]. A respeito do futuro da psicanálise nesse ponto de onde extrai a expressão, parte da afirmação que quem trabalha para a árvore genealógica “não terá nunca tempo de contribuir com o saber, sem o que não há chance de que a análise continue a fazer bonito no mercado premium, isto é, de que o grupo italiano não fique fadado à extinção”<sup>63</sup>. Seguindo as elaborações de Colette Soler que precisa: “Esta tese é de uma atualidade temível”. Todavia nota-se o que implica mais além, na relação entre o que Lacan mesmo chamava a psicanálise em intensão e em extensão<sup>64</sup>. Considerando que a tese de Lacan em exergo é que a psicanálise em intensão condiciona a extensão, ou seja a difusão da psicanálise no mundo e também sua aplicação à terapêutica, interrogará brevemente aquela que na Carta Lacan coloca como condição para a sobrevivência da psicanálise: “contribuir ao saber”. De qual saber se trata?*

60 Jacques Lacan, « Qu'il ne s'autorise pas d'être analyste, car il n'aura jamais le temps de contribuer au savoir, sans quoi il n'y a pas de chance que l'analyse continue à faire prime sur le marché, soit: que le groupe italien soit voué à l'extinction », *Note italienne* dans *Autres écrits*, Seuil, Paris, 2001, p. 310.

61 « Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École », première version parue dans *Ornicar ?* n° 8, 1978; in *Autres écrits*, cit., p. 577.

62 Jacques Lacan, « Note italienne » dans *Autres Écrits*, cit, p. 307-311.

63 *Ibid.*

64 Colette Soler, *Commentaire de la Note italienne de Jacques Lacan*, Edizioni Praxi del Campo Lacaniano, Roma, 2014, p. 93.

*Fazer bonito no mercado premium*, ou “o ser melhor no mercado”, esta tese é de uma atualidade tão potente quanto temível e que na *Carta aos italianos* vem em seguida a uma consideração sobre a árvore genealógica em referencia ao que se transmite pela linha do um e não sobre a linha do saber. Ademais há uma tese implícita : o êxito terapêutico do fim de análise, por si só é incapaz de assegurar o futuro de uma análise. Agora bem, para manter a “chance de contribuir com o saber, sem o qual se extinguirá”<sup>65</sup>, podemos colocar uma pergunta; “de que saber se trata?” porque saberes existem muitos. Quando Lacan escreve “contribuir ao saber”, o que implica como comenta Colette Soler, é uma maneira de evocar a produção em série de um saber que não é para ser entendido como um saber que se descobre todo de repente e por obra de uma só pessoa, mas sim em uma produção progressista e pluralista. Na expressão “contribuir ao saber” há subjacente a ideia de uma pluralidade de contribuintes na qual cada, um por um, pode contribuir ao saber<sup>66</sup>.

O que é contribuir ao saber? Partamos da afirmação que, no parágrafo precedente Lacan escreve como suposição: “não há relação sexual, relação aqui, quero dizer, que possa pôr-se em escrita”<sup>67</sup>. A partir dessa afirmação, que “tudo permite supor”, passa a considerar que a suposição não basta para assegurar a impossibilidade, e não procede confiando-a a uma possibilidade do tipo “talvez amanhã esta se escreverá”. Melhor, responde muito precisamente a questão de como superar a suposição – que ainda que com os melhores auspícios deixaria a coisa indemonstrável –, no parágrafo sucessivo. Escreve: “Sem tentar essa relação da escrita, não há meio, com efeito, de chegar ao que, ao mesmo tempo que afirmei sua inex-sistência, [não há relação sexual] propus como objetivo pelo qual a psicanálise se igualaria à ciência: a saber, demonstrar que essa relação é impossível de escrever, isto é, que é nisso que ela não é afirmável nem tampouco refutável: a título da verdade”<sup>68</sup>. Então, a título da verdade, não se pode nem afirmá-lo nem refutá-lo, porém se poderia demonstrar, por meio da escrita que é impossível escrever.

O saber em jogo[...] é que não há relação sexual, quero dizer, relação que possa ser escrita”<sup>69</sup>. Assim o saber em jogo: “não há relação sexual” é introduzido como saber suposto a partir da enunciação de Lacan, com a indicação que é necessário passar da suposição à demonstração. Ele não disse: não há relação sexual que possa ser dita, mas sim “não há relação sexual que se possa escrever”, porque em análise... se diz.

O que se diz em análise? Qualquer coisa que se diga, cada enunciado do analisante tem como significado a verdade, então não se produz nenhum saber assegurado acerca do que aqui está em questão, ou seja, que a relação sexual possa escrever-se. É nesse ponto que Lacan recorre ao escrito e ao que se escreve para contrastar as insuficiências daquilo de que se serve a psicanálise, ou seja a verdade. Através dessa passagem à escrita, a psicanálise “se igualaria à ciência”<sup>70</sup>. Graças à demonstração do que é impossível escrever, ela faria uma operação homóloga à da ciência. Então, em que ela poderia se igualar à ciência sem sê-la, senão pela demonstração de que é impossível escrever essa relação. Lacan avança com o emprego de um subjuntivo, o *fazer valer* em ato da ressonância da psicanálise em relação aos outros discursos: “fazer bonito no mercado premium?”

65 L'édition française de *Autres écrits* contient une erreur « savoir dans lequel vous vous éteindrez » (J. Lacan, *Autres écrits*, cit., p. 310). Voir à ce propos Colette Soler, *Commentaire de la Note italienne de Jacques Lacan*, cit., p. 98.

66 *Ibid.*, p. 98.

67 Jacques Lacan, « Note italienne » dans *Autres écrits*, cit., p. 310.

68 *Ibid.*

69 *Ibid.*

70 *Ibid.*

A *Carta aos italianos* termina com “tudo deve girar em torno dos escritos a serem publicados”. A propósito de nossa pergunta a cerca da condição posta por Lacan para a sobrevivência da psicanálise: “contribuir ao saber, de que saber se trata? Constatamos que não basta um saber crivado somente pela verdade é necessário no entanto, um passo para que mediante a escrita se demonstre, em cada caso, a impossibilidade da relação. Depois de ter posto o objetivo de demonstrar por escrito o impossível da relação, Lacan acentua os limites da verdade, porque nesse nível deixa a coisa incerta; ao mesmo tempo, esse limite dá lugar a um passo necessário até o saber da estrutura. Entre as questões pendentes, extraio uma, talvez para o debate; como e onde situar esta demonstração, na cura e fora da cura ou em ambas?

*Tradução de Elisabeth da Rocha Miranda.*

## O desejo de psicanálise fora do tratamento

Martine Menès, Paris, França, CIG 2014/2016.

Há muito tempo estou atormentada pela questão da relação entre o ensino da psicanálise e sua transmissão, visando a formação do analista. Dito de outra maneira, a relação entre extensão e intensão. Vou desenvolver esse ponto no Encontro, embora esteja incluído no meu tema atual. Para o debate de hoje, vou interrogar as condições para que um ensino orientado pela psicanálise sustente o desejo de psicanálise.

Com efeito, ensino não sem a psicanálise, escrevo com essa referência e me ocorre de escutar com essa orientação um ou uma dos que se prestam à aposta. Ora, em 1969, em Vincennes, Lacan colocava a questão “ Como fazer para ensinar o que não se ensina?”, maneira de declarar ao mesmo tempo a relação e a diferença entre ensino e transmissão, visto que propunha nessa ocasião um programa de seu próprio cunho no Departamento de psicanálise.

Freud se perguntava se devemos “ensinar a psicanálise na Universidade”<sup>71</sup>. Em seu artigo, Freud faz explicitamente a diferença entre ensino e formação do analista “que pode prescindir completamente da universidade”. Define as condições: análise pessoal, supervisão, orientação de psicanalistas reconhecidos, e mesmo participação a apresentações clínicas<sup>72</sup>, ou seja, ele descreve o papel de uma escola de psicanálise.

Para isso, a Universidade, em particular para a formação de futuros psiquiatras, teria necessidade da psicanálise, o que Freud distingue radicalmente da psicologia. Lacan também se preocupava com a formação dos residentes em psiquiatria e queria se dirigir a eles nas suas entrevistas de Saint-Anne, intituladas “ O saber do psicanalista”, onde inicia com esse desejo no dia 4 de novembro de 1971.<sup>73</sup>

71 Freud, S. (1919) “Sobre o ensino da psicanálise nas Universidades” in *Obras Completas*, Vol.XVII, Imago, Rio de Janeiro, 1966, p. 217-220. Ele mesmo obtém o título de Professor em 1902 na Universidade de Viena.

72 Ibid . p.219 : « Para a psiquiatria analítica, se deveria ter acesso a um departamento hospitalar de clientes externos ».

73 Lacan, J. *Je parle aux murs*, Paris Seuil, 2001, p.303. « Voltando a falar em Saint-Anne, esperava que houvesse residentes em psiquiatria ».

Freud concluiu que, se os futuros médicos não aprendiam a “prática efetiva da psicanálise”, aprendiam “algo *sobre* a psicanálise e algo *a partir* da psicanálise”. Lacan, pouco mais de 50 anos depois, declara que, com o ensino, “tentamos provocar nos outros o saber fazer”<sup>74</sup>. Seria uma maneira de fazer passar do desejo informativo ao desejo de saber inconsciente e de levar aqueles que poderiam estar “no umbral da psicanálise”<sup>75</sup> para o desejo de psicanálise? É a hipótese.

Isso quer dizer que a psicanálise não se aprende mas se pega<sup>76</sup>, embora sob algumas condições. Muitas vezes Lacan deu essencialmente uma condição: só se pode ensinar a psicanálise do lugar de analisante, de seu próprio dizer. E desse fato só ensinamos a nós mesmos: “(...) e professor (*enseignant*), já faz um tempão que todos sabem que isso é para eu me instruir”<sup>77</sup>. Podemos supor que foi o mesmo para Freud. Como Lacan declara explicitamente, como por acaso, em sua “Alocação sobre o ensino” em 1970<sup>78</sup>, Freud não preparava suas intervenções, falava espontaneamente, sem notas, até o momento em que, frente a um auditório maior, teve de escrever seus cursos antecipadamente, retomados nas conferências de *Introdução à psicanálise*.

Assim, o endereçamento vem do lugar do Sujeito barrado, cuja posição mais sincrônica é aquela do discurso da histérica, aquele de entrada em análise mas que pode estar nesse lugar em qualquer discurso de onde se produz S2<sup>79</sup>, saber não sabido, para um como para os outros. “O ensino não é a transmissão de um saber, no melhor dos casos, a transmissão de um desejo (de saber)”<sup>80</sup>. Acrescento os parênteses que Lacan colocará mais tarde, em 1969, no Seminário *De um Outro ao outro*<sup>81</sup> para significar que não há um desejo epistêmico isolado.

Desse fato, uma nova questão se impõe: o desejo não se ensina mas o desejo pode ser transmitido? Bem mais cedo, em 1957, Lacan dá uma indicação: “(...) a única formação que podemos pretender transmitir àqueles que nos seguem (..) é um estilo”<sup>82</sup>. Que quer dizer do um por um. Com efeito, o estilo traz consigo o desejo e não o sentido, expressão que não tem nada a ver com os ditos. O estilo, traço proeminente do saber fazer com seu sintoma, traz a marca da divisão do sujeito e da distância entre o que se pode ensinar e o que é transmissível. Dá o gosto (da psicanálise) e o gosto da psicanálise vai poder circular nas vias de uma transferência de trabalho.

74 Lacan J., « *Allocation sur l'enseignement* », *Autres écrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 303.

75 Lacan J., *Intervention à l'Évolution psychiatrique*, 23 de janeiro de 1962.

76 O autor faz um jogo de palavras entre *apprendre* e *prendre*, que, em português, tem o sentido de aprender e pegar. N.T.

77 « *Allocation sur l'enseignement* », *Autres écrits*, Paris, Seuil, 2001, p.300.

78 *Ibid.* p. 297 : « Nada preparei .... como se tornou hábito ».

79 *Ibid.* p. 303.

80 *Ibid.* p. 297.

81 Lacan J., Le séminaire livre XVI, *D'un Autre à l'autre*, Paris, Seuil, 2006, leçon du 23 avril 1969, p.274 : « ... porque se trata de um desejo inconsciente ».

82 Lacan J., « *La psychanalyse et son enseignement* », (1957), *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p.458.

Mas, para concluir, é preciso não esquecer que Lacan aconselhou de fazer como ele mas não de imitá-lo. Ou seja, de falar se deixando guiar por seu próprio saber, se deixar ensinar pelo seu próprio dizer, e não de recitar. Em 1978 declarou: “É bem entediante que cada psicanalista seja forçado a reinventar a psicanálise”<sup>83</sup>, aliando-se nisso a Freud que considerava que cada caso obrigava a colocar em questão os pressupostos teóricos estabelecidos. Não tão entediante assim se consideramos que o desejo do analista só pode ser singular, ou seja, que o analista é solicitado por sua própria análise a se reinventar ele mesmo, a partir daquilo que ele é. Lacan mesmo reinventou a psicanálise: “Fui levado a me colocar numa posição de ensino bem particular pois consiste em repartir... como se nada tivesse sido feito”<sup>84</sup>. Portanto é uma chance que cada analista seja obrigado a reinventar com seu próprio desejo de análise pois “um verdadeiro ensino (...) não para de se submeter ao que se chama novação”<sup>85</sup>.

*Tradução de Maria Vitoria Bittencourt.*

## Um laço dos mais fundamentais

Leonardo Rodríguez, Melbourne, Austrália, CRIF 2014-2016

Há cerca de sessenta anos, Lacan escreveu sobre o impacto da psicanálise no mundo, em termos muito relevantes para a nossa discussão:

... modificamos o curso de nossa história modificando as amarras de nosso ser.

É por isso que o freudismo, por mais incompreendido que tenha sido e por mais confusas que sejam suas consequências, afigura-se, ante qualquer olhar capaz de entrever as mudanças que vivemos em nossa própria vida, como constituindo uma revolução inapreensível, mas radical. Acumular os depoimentos é desnecessário: tudo que interessa não só às ciências humanas, mas ao destino do homem, à política, à metafísica, à literatura, às artes, à publicidade, à propaganda e, através delas, à economia, foi afetado por ela“ (Lacan, J., 1998 (1957), p.531)<sup>86</sup>.

Hoje a psicanálise continua a ter influência sobre numerosas disciplinas e discursos – apesar do anúncio periódico de sua morte, por aqueles que se perturbam com sua existência, e apesar do poder sempre crescente da indústria psicofarmacológica e do seu desprezo pelo laço social e pela palavra.

Por caminhos nem sempre tangíveis, porém que são entretanto verificáveis, o discurso psicanalítico continuou tendo sua presença em nossa parte do mundo, como Lacan previu em 1957. Digo ”nossa parte do mundo” referindo-me ao hemisfério ocidental, incluindo os países que estão geograficamente no Oriente Médio ou no Oriente, mas que se desenvolveram sob a influência ocidental, como Israel, Austrália e Nova Zelândia. Atualmente tem havido

83 Lacan J., 9<sup>o</sup> Congrès de l'École Freudienne de Paris sur « La transmission ». *Lettres de l'École*, 1979, n° 25, vol. II, pp. 219-220.

84 Lacan J., « Donc vous aurez entendu Lacan », *Conférence à la faculté de médecine de Strasbourg, Mon enseignement*, Paris Seuil, 2005.

85 Lacan J., « La chose freudienne » 1955, *Écrits*, op.cit., p.435.

86 Lacan, J., « L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud », *Écrits*, Paris, Seuil, p. 527.



também um desenvolvimento significativo da psicanálise no Oriente, como no Japão, China e Índia, assim como um desenvolvimento recente no Oriente Médio, o que nos toca mais de perto, na medida em que os amigos da Turquia e do Líbano juntaram-se a comunidade transcultural e trânslinguística que somos nós – os Fóruns do Campo Lacaniano.

A psicanálise está agora bem estabelecida em boa parte das grandes cidades do mundo, assim como em cidades menores e menos populosas, e até mesmo em contextos culturais que não lhe são favoráveis. O que tornou a sobrevivência e a expansão da psicanálise possível não é evidente por si mesmo, mais pode ser explicado.

Algumas poucas coisas são necessárias para o nascimento e a expansão da psicanálise em um dado local: analistas, escritores e leitores de textos psicanalíticos, professores e estudantes de tópicos da psicanálise, ou seja, a transmissão de nosso discurso através dos meios de formação adotados na primeira metade do século XX. Para que isto aconteça, uma massa crítica de pessoas se faz necessária. Por “massa crítica” me refiro a um número de pessoas que vivam em um “meio cultural sensível”, aberto às ofertas singulares do discurso psicanalítico. Isto implica nas modalidades dos outros discursos (do mestre, da universidade e da histórica) que sejam capazes de estabelecer um laço com a psicanálise e com os psicanalistas, ou pelo menos com pessoas para quem o desejo de e pela psicanálise as tenha transformado de algum modo.

Para muitas pessoas que nunca viram um psicanalista e que, provavelmente nunca em suas vidas verão, não há apenas o fato de que as palavras “psicanálise”, “psicanalista” e “Freud” significam alguma coisa, mas também o fato de evocarem uma experiência singular de discurso – que não se encontra em nenhuma outra modalidade de discurso – e a noção de que o inconsciente ex-siste, que há alguma coisa “em ti que é mais do que tu” (Lacan, J., 1979 (1964), p.249)<sup>87</sup>. É difícil ver como a psicanálise possa prosperar em um dado meio social, a menos que algum conhecimento sobre a existência da psicanálise e sobre o inconsciente esteja presente, e que não tenha sido obliterado pelos poderes dominantes da religião ou da ideologia. Isso significa que pelo menos algum conhecimento rudimentar tenha sido introduzido por alguém que atravessou a experiência analítica e que também seja um leitor. A história de nossos pioneiros mostra bem isto. Freud sabia que a coisa psicanalítica poderia ser reconhecida pelo cidadão comum. Embora *A interpretação dos sonhos* tenha levado anos para vender umas poucas cópias, em contraste, *A psicopatologia da vida cotidiana*, publicado apenas um ano depois do livro dos sonhos, foi uma espécie de *best seller* desde sua primeira edição. Havia nele alguma coisa de familiar para cada leitor. Também há algo de familiar para todos na *Interpretação dos sonhos*, mas este texto requer mais trabalho da parte do leitor – um trabalho para o qual os leitores de Freud foram preparados, pois em poucos anos o texto foi novamente publicado muitas vezes e traduzido em várias línguas. Mas nesta época já se falava da psicanálise na Europa e nas Américas. Falar da psicanálise não é o mesmo que a psicanálise em si, mas graças aos caminhos erráticos do desejo humano, uma coisa levou a outra. Não foram só os professores universitários que, para o bem ou para o mal, espalharam palavras sobre a psicanálise. Até agora, o “boca a boca”, como se diz, tornou-se uma mídia importante para nós. Este “boca a boca” não é eficaz apenas quando alguém está precisando desesperadamente de falar com outra pessoa, mas também quando aparece sob a forma de um comentário casual, aparentemente insignificante em seu conteúdo, mas cujos efeitos últimos o transcendem.

A cidade de Melbourne, onde vivo e trabalho, embora não seja a pior, não é particularmente simpática à psicanálise. Ao contrário do que acontece em outras partes do mundo, uma porção significativa dos pacientes que recebo não tem nenhuma ideia sobre a

87 Lacan, J., Le Séminaire, livre XI, *Les quatre concepts de la psychanalyse*, Paris, Seuil, p. 217

psicanálise. No entanto, eles têm uma ideia do inconsciente, e do fato de ele trabalhar através das palavras comuns, dos sonhos, e também de seus efeitos espantosos sobre os sintomas. Alguns desses pacientes avançaram até se tornarem, eles próprios, analistas.

Como também trabalho com crianças e adolescentes, tive, através dos anos, a oportunidade de escutar e falar com professores, grupos de pais e mães, profissionais de saúde e outros leigos que não eram meus pacientes. Fosse qual fosse o assunto da conversa – em geral começa com uma criança com problemas –, pessoas que não ouviram falar da psicanálise, e que até me perguntavam como se escreve a palavra, depois de poucas frases começavam a falar de um modo que não é o que se usa para falar com outras pessoas. Escuto delas histórias sobre encoprese e sobre repúdio à escola, sobre incesto e outras atrocidades em família. Não conto para elas histórias sobre o objeto *a* ou sobre o nó borromeano, mas ainda assim falo com eles como não falo com as outras pessoas. Pois o estilo de fala e escuta criado por Freud gera transferências, e toca mesmo aqueles que são mais intolerantes às manifestações do inconsciente.

Que nosso discurso tenha a capacidade de se reproduzir tem a ver com suas reverberações através de laços imprevisíveis, que ele gera de uma maneira bastante fortuita. Esses laços podem ser “intangíveis”, como dizia Lacan, mas eles são, apesar disto, efetivos. Pois as ressonâncias da criação de Freud continua a mover o âmago do nosso ser, de modo que o discurso analítico, como Lacan um dia formulou, “merece ser elevado à altura dos laços mais fundamentais dentre os que permanecem para nós em atividade”(Lacan, J., 1993 (1973), p. 31)<sup>88</sup>.

*Tradução de Maria Anita Carneiro Ribeiro.*

---

88 Lacan, J., «Télévision», *Autres écrits*, Paris, Seuil, p. 518.

## EXPERIÊNCIAS DOS CARTÊIS DO PASSE

### Contribuição da AE nomeada em novembro de 2016

#### Esboço de um trabalho por vir

#### Elisabete Thamer, AE 2016-2019.

O que trata uma análise? O inconsciente, o sujeito, ou os dois?

Colocar esta questão implica que deixemos para trás a ideia inicial de Lacan de um “sujeito do inconsciente” em proveito de uma outra, posterior, que separa *inconsciente* e *sujeito*: “Que haja inconsciente significa que há um saber sem sujeito<sup>89</sup>.”

Perguntar se a eficácia de uma análise age sobre o sujeito, sobre o inconsciente ou sobre os dois ao mesmo tempo é, a meu ver, uma questão legítima, especialmente se desejamos apreender o que é que permite o seu fim. É um fato que a análise exige, para seu desenrolar, a implicação do sujeito para com o seu inconsciente: o analisante lhe supõe um saber que ele se põe a decifrar. É a adesão à hipótese causal inconsciente dos sintomas que leva o analisante a ler o que diz seu inconsciente em suas diferentes manifestações. Porções de saber inconscientes decifrados e o deslocamento de alguns de seus sintomas mantêm no sujeito a esperança de que ele poderá, um dia, ter acesso a um saber último proveniente da decifração de seu próprio inconsciente. Mas, sobretudo, que este saber fará desaparecer, de uma vez por todas, aquilo do qual ele padece sintomaticamente. Os efeitos terapêuticos obtidos com a análise contribuem, em uma certa medida, para a manutenção dessa miragem. Sujeito e inconsciente estão assim, necessariamente, imbricados durante uma longa parte do processo analítico. Porém, podem eles ainda sê-lo no final?

Ora, tanto Freud quanto Lacan concluíram, todos os dois, sobre o caráter inesgotável do inconsciente. Freud o tinha exprimido através de noções como o “umbigo do sonho” (*Nabel des Traums*)<sup>90</sup> ou de “recalque originário” (*Urverdrängung*)<sup>91</sup>. Lacan, quanto a ele, falava de um “trabalhador ideal<sup>92</sup>”, “*der Arbeiter*”<sup>93</sup>, “um saber que não pensa, não calcula e não julga<sup>94</sup>”, até mesmo em suas elaborações sobre o inconsciente real<sup>95</sup>. São muitos desenvolvimentos que dizem, por vias diferentes e com consequências teórico-clínicas distintas, que o inconsciente é inexaurível, não se cala. Ele permanecerá, portanto, fora do alcance do sujeito e da análise.

Onde encontrar então o que pode colocar um termo à análise, se isso não pode vir do próprio inconsciente? A resposta deve, pois, ser buscada do lado do sujeito.

Freud já tinha se dado conta de como o sujeito toma gosto pelo processo analítico, ao ponto de adiar indefinidamente seu termo. Com efeito, o sujeito o saboreia não porque a espera de se curar o mantenha em expectativa, mas porque falar é, em si mesmo, causa de gozo. O inconsciente, “é que o ser, falando, goze”, diz Lacan em “Mais, ainda<sup>96</sup>”. Como tocar

89 Lacan J., “O ato psicanalítico”, em *Outros escritos*, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 372.

90 Freud S., “Die Traumdeutung”, em *Gesammelte Werke*, t. II-III, Fischer Taschenbuch Verlag, Frankfurt, 1999, p. 530.

91 Freud S., «Die Verdrängung», em *Gesammelte Werke*, t. X, *ibid.* p. 250.

92 Lacan J., “Televisão”, em *Outros escritos*, *op. cit.*, p. 517.

93 Lacan J., *O Seminário, Livro 19, ...ou pior* (1971-1972). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012. p. 548.

94 Lacan J., “Televisão”, em *ibid.*, p. 517.

95 Ver Lacan J., “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*”, em *ibid.*, p. 567-569.

96 Lacan J., *O Seminário, livro 20, Mais, ainda* (1973-1974). Trad. M. D. Magno, Rio de Janeiro, Zahar, 1982, p. 143.

então esse gozo ligado à fala? Uma coisa é certa: somente a interpretação que não alimenta de sentido o palavrório analisante terá uma chance de abalá-lo.

É comprovado que, no final, a análise não pode oferecer ao sujeito um saber articulado que dissipe a opacidade do sintoma que resiste, nem mesmo lhe permitir nomear o que não cessará de se escrever. Mas a análise pode tocar, sem dúvida, o gozo ligado à linguagem, “aquele que exerce a função de sujeito<sup>97</sup>”, ou seja, o gozo fálico e seu correlato de (eu) gozo-sentido [*joui-sens*], que poderá enfim cessar de não se escrever.

Se o gozo que liga o sujeito à decifração de seu inconsciente é modificado pelo dizer da análise, as formações de seu inconsciente podem, a partir de então, não ter mais impacto de sentido para ele. Isto quer dizer que o sujeito não gastará mais sua energia para manter o engodo da hipótese transferencial. A partir de aí, o sujeito adquire a firme convicção da *existência* do inconsciente, mas isso só acontecerá se a análise lhe tiver dado o suficiente para que ele saiba que este inconsciente fora de alcance é, apesar de tudo, o seu. Elementos de *sua alíngua* se depositaram nele ao léu de contingências (*tyché*), eles lhe são *heimlich*, mas sem nenhum Outro ordenador. Uma elucubração bastará assim para que uma *fixação* pare, enfim, a corrida pela verdade e satisfaça o sujeito.

Aí estão alguns dos pontos que gostaria de poder desenvolver mais adiante.

## Contribuição dos membros do CIG

### O que é nomear?

Marie-José Latour, Tarbes, França, CIG 2014/2016.

«A vida (bios) é curta, a arte (technê) é longa, a ocasião (kairos) é fugaz,  
a experiência (peira) é enganosa, o julgamento (krisis), difícil».

Hipócrates

Essa epígrafe, muito célebre, mas relida recentemente na breve e pertinente obra de Giorgio Agamben, *A Aventura*<sup>98</sup>, ressoou de uma forma nova com a definição que Lacan deu ao Passe em seu Prefácio na edição inglesa do *Seminário XI*: «colocar à prova a *histo-histerização* da análise». Não será muito difícil fazer valer os cinco termos evocados por Hipócrates, assim como sua conjugação ao modo não-todo, ao olhar do dispositivo da análise inventado por Freud e o do Passe inventado por Lacan. Não é da coincidência que esses termos provocam – a vida, a arte ou o saber-fazer, a ocasião, a experiência e o julgamento – na aventura, que poderia surgir esse clarão que, segundo Lacan, esperaríamos do Passe? Não é a contingência dessa coincidência que se precipita na nominação de um Analista de Escola?

### Uma vida psicanalisante.

Se não se pode ter critérios para orientar a decisão do cartel do Passe é melhor que esperemos alguma coisa que não seja da ordem do significante, algo diferente de um dito. No entanto, nós sabemos que esta alguma coisa só poderá ser dito-cernida pelo significante. O seminário da escola que se deu em Paris este ano, não colocou em evidência que o termo

97 Lacan J., “... ou pior”, em *ibid.*, p. 548.

98 Giorgio AGAMBEN, *L'aventure*, Paris, Payot & Rivages, 2016

da «histo-histerização», tal como Lacan o escreve, é sua forma de «colocar um grão de areia» dentro do declive da narrativa percorrido irremediavelmente por todo falaser?

Redefinamos, com Lacan no seu seminário sobre *O ato analítico*<sup>99</sup>, que a «histo-histerização» de uma análise não é a narrativa da vida privada de um(a) analisante. Aliás, nessa lição Lacan ironiza a vida privada: ela seria privada de quê? «A partir do momento em que fazemos uma análise, não há mais vida privada», ele provoca, lembrando a exigência de dizer que orienta a psicanálise. Aqueles que acreditam que aí há um gosto pela indescricção, o fazem às suas custas pois, o fato de não haver mais vida privada para aquele que faz uma análise, não quer dizer que ela se torne pública. E Lacan precisa o que isso quer dizer: que há «uma vida psicanalisante». Não é esta vida que está em questão no Passe? Falta esclarecer o que é uma vida psicanalisante. Freud e Lacan nos deram uma idéia do que poderia ser esta vida.

Definamos ainda que a colocação à a prova não incide tanto sobre a narrativa desta vida psicanalisante quanto sobre a *bis-torização*, ou seja, sobre a volta esquecida do dizer. A narrativa que vem ao cartel, via os passadores, terá talvez o traço do impossível que marca o dizer. Disso, a nomeação será o eco. É em todo caso minha experiência nos cartéis do Passe, em que nomeamos Analistas da Escola.

A colocação à a prova desejada por Lacan não indica que a narrativa endereçada pelo passante aos passadores, não será nem escrita, nem estabelecida previamente? Se cada um pode, em sua análise, ter a experiência da forma que um sonho se desintegra à luz da narrativa que dele fazemos, não se trataria no Passe colocar à prova essa experiência ela mesma? Não seria essa uma forma de reduzir seu caráter enganador assinalado na nossa epígrafe e sobre o que Lacan sublinhou o irreduzível paradoxo na sua conferência em Genebra sobre o sintoma?<sup>100</sup> Pois, certamente, se cada um reconhece a autoridade da experiência, é bem esta mesma autoridade que pode ser contrária ao surgimento do novo que não espera ser reconhecido já que não é conhecido.

### N<sup>o</sup>homenagem.

Nos pareceu paradoxal que a partir de certos testemunhos, os nomes próprios foram silenciados. Aqueles do analista, dos analistas, aqueles dos personagens essenciais da história do passante, particularmente quando estes se acham de ser nomes, se não célebres, os menos conhecidos. É, portanto a regra mínima da análise «dar nome aos bois», como Freud o lembrou à Dora! Como é que uma análise que conduz o analisando a demandar fazer a prova de um dispositivo que pode produzir uma nomeação, como é que ela poderia deixar na clandestinidade esta experiência singular de linguagem, propriamente humana, que conduz aquele que fala a nomear?

«Todo homem é um animal salvo quando se n<sup>o</sup>homeie», escreveu Lacan no quadro justo antes do começo de sua aula no seminário, dia 20 de março de 1968. Certamente enunciar um nome é diferente de nomear. De uma só mas genial disortografia, Lacan evidenciou essa distinção. Isso diz respeito a duas versões do nome, a inscrever numa banda de Moebius, a face significativa de um nome e o ponto onde o nome está enodado no dizer. A nomeação é própria do homem, a própria essência da linguagem. O nome é de certa forma a linguagem em intenção. No entanto, por definição, a linguagem exclui a possibilidade de uma pura nomeação. Nenhum nome pode ser dito «próprio», nem mesmo o de Analista da Escola,

99 Jacques LACAN, *Le séminaire livre XV, L'acte analytique*, inédit, leçon du 27 mars 1968

100 Jacques LACAN, « Conférence à Genève sur le symptôme », [1975] « C'est exactement ce que Freud nous dit – quand nous avons un cas, [...], il nous recommande de ne pas le mettre d'avance dans un casier. Il voudrait que nous écoutions en toute indépendance des connaissances acquises par nous [...]. C'est très difficile parce que le propre de l'expérience est évidemment de préparer un casier. »

ele é antes essa lenda, valendo tanto como pequena sequência de linguagem explicativa ao lado de uma figura quanto como narrativa fabulosa dando lugar ao que resta inominável. Por exemplo, a onomatopéia «crac», que valeu para a passante como lembrança de que, no coração da cadeia significante, o som passa o sentido, atravessando o testemunho de cada um dos passadores até o aviso de recebimento dado pelo cartel. Ou ainda, para outra passante, no rebus de um sonho, o consentimento à besteira do significante permitiu ao passo-a-ler produzir uma feliz separação, que chegou a ressoar em cada um dos passadores e, inclusive, no cartel. Um advento, uma onomatopéia, um rabisco, uma grafia, em todo caso, nada que possa ser modelizado, tem lugar no mais íntimo da fala e, num instante, a palavra acede a sua imediatez.

Para o pequeno humano, nomear é frequentemente produzido como pausa do esbanjamento jubilatório; súbito, uma coisa até então muda, consegue se dizer. Então «isso» tinha um nome! E isso permanece um mistério pois, como explicar re-conhecer o que não conhecíamos? Naquilo que os amantes chamam amor à primeira vista há esse mesmo encontro, de uma fulguração de antes da memória. De repente, um nome dá lugar na língua a uma fala de um outro tipo.

Encontrar o nome é, a cada vez, uma invenção. Nomear é uma modalidade da linguagem que faz crer no «esp de um laps» que já não há nada a acrescentar. Há em um nome a radicalidade de um «é isso». A nominação reata com a extensão que o nome indica mas não o contém, como um indicador apontado tentando curvar um pouco a linguagem em direção ao que ele não saberia dizer.

### **A razão (réson x raison) de um nome.**

Existe uma razão para um nome? Nosso Colegiado Intenacional da Garantia (CIG) tem sobretudo sustentado que, se há uma causa, não há uma razão, e isso nos conduziu a convidar o cartel do Passe a transmitir sua decisão sem a comentá-la. «O cartel composto por ..., o(a) nomeou Analista da Escola» ou «não o (a) nomeamos Analista da Escola».

A nominação aparece numa certa pressa e num fechamento, como dissidente quanto à designação e ao assinalamento. A nominação que se dá no Passe se produziria, à primeira vista, um pouco ao contrário do que é habitualmente um nome<sup>101</sup>. Com efeito, se um nome é esse sopro de ar que tem este poder de fazer qualquer um se voltar, o cartel do Passe produzindo esta nominação, só saberá no só depois se o singular do que foi chamado pode se voltar e responder a esta nominação.

Em um texto de rara fulgurancia, Michel Surya chamou nossa atenção sobre o fato que podemos não querer nos voltar, a partir de nenhum dos nomes com que nos chamariam. Em *Le mort-né*<sup>102</sup>, o biógrafo de Georges Bataille escreve sobre a devastação que se pode produzir ao ter que responder ao «chamado», reponder a seu nome era, para ele, uma vergonha. «Bastava que o chamassem pelo nome para que você lhes devesse, para que se fizesse toda desgraça que a ele se ligava e que o acompanhava até a escola, que com você nela adentrava». Mas como responder com nenhum nome? «Não responder a ninguém para não reponder por nada que teu nome nomearia», é a tarefa impossível com a qual aquela criança se confrontou. E isso, até quando decidiu se «denomear». Belo testemunho do saber fazer com *lalangue* que, de um mesmo impulso, sugere o apagamento do nome e a força da nominação, o vestígio e a ficção, a atribuição do nome que vem sempre do Outro e a solidão à qual se confronta por aí responder.

101 Vera IACONELLI, «Nomination et effets sur le lien» in *Mensuel de l'EPFCL*, n°108, octobre 2016.

102 Michel SURYA, *Le mort-né*, Al dante, 2016

Consentir em portar um nome, não é consentir em manter a separação entre o nome e o que ele designa? A *denominação*, que se dobra talvez um pouco sobre o efeito rótulo, etiqueta da nominação, indexa essa separação.

A ponto de concluir esta contribuição, me veio à memória o que Lacan nomeou ele mesmo de «o remédio cavalari» que ele havia pensado ter encontrado em 1968 no momento da criação da revista *Scilicet*, fundada sobre o princípio do texto não-assinado<sup>103</sup>, com excessão aos textos de Lacan. Não era uma forma de fazer valer a denominação? Aquilo não perdurou, o que necessitaria certamente de algum exame. Cada nominação produzida no Passe não poderá ser esperada como uma forma de «desatar a contorsão pela qual, em psicanálise, a experiência se condena a não abrir passagem a nada do que possa modificá-la»<sup>104</sup>?. O severo julgamento de Lacan nessa época, sobre as contribuições dos psicanalistas («lastimável confusão», «aborrecimento», «nocividade», são algumas das qualificações que ele emprega) poderiam ter o efeito de uma certa reserva ou inibição. Trata-se, sobretudo, de preservar a hiância que o nome assinala mais do que encobre, condição para que « a psicanálise se torne novamente o que ela jamais deixou de ser: um ato a vir, ainda»<sup>105</sup>. Não é essa a aposta sustentada por cada um daqueles que permitem o funcionamento do dispositivo do Passe de nossa Escola?

Outubro de 2016

*Tradução de Rosana Maldonado*

*Revisão de Sonia Alberti*

## O passador, seu AME, o passante, os cartéis... e seus impasses.

Sonia Alberti, Brasil, CIG 2014/2016.

Chegando ao final desses dois anos de trabalho num CIG que verdadeiramente assumiu a tarefa de retomar e repensar alguns impasses em nossa Escola – a ponto, por exemplo, de suspender, durante o período, a nominação de novos AME –, eu gostaria de apreentar, a partir de minha experiência, os impasses encontrados quanto ao que um cartel precisa para chegar a uma conclusão positiva sobre um passe. Faço-o em associação qo que já pude formular em Medellín, publicado novamente neste mesmo *Wunsch*.

### A 1a. questão que quero abordar: duas lacunas frequentes no relato dos passadores.

De saída, foi praticamente unânime a constatação de que muitos passadores são excessivamente, digamos, tímidos diante dos passantes. Alguns chegaram mesmo a dizer, quando perguntados pelo cartel, que não queriam intervir, atrapalhar, tirar a liberdade do passante que está lhes falando. Então não perguntam. Às vezes nem sabem quem foi o analista do passante! Não sabem dizer coisas simples sobre a vida do passante, coisas sobre as quais certamente eles próprios se questionaram, mas que têm receio de perguntar porque interviria no testemunho. Não é raro, por exemplo, que lacunas nos relatos impedem até

103 Jacques LACAN, « Introduction de *Scilicet* au titre de la revue de l'Ecole Freudienne de Paris », in *Scilicet* nº 1, Paris, Seuil, 1968, p 4.

104 7 Ibidem p 5

105 Ibidem p 9.

mesmo historizar a vida do analisante – aquela que é construída em análise –, de modo que até dá para identificar no testemunho que houve mudança, mas não *a maneira pela qual a análise foi responsável por essa mudança*. Se não é possível nem isso, como *hystorizar* uma análise? O passe, segundo a definição que Lacan lhe dá no Prefácio à edição inglesa do *Seminário XI* é “a colocação à prova da hystorização da análise”...

Ora, relembremos a função do AE: testemunhar na Escola o que a psicanálise pôde no seu caso. O cartel do passe não apenas verifica se houve ou não uma passagem a analista que pode ser transmitida através do testemunho, mas se há maneira de fazer dessa experiência um exemplo, apenas mais um, do que a psicanálise pode diante dos problemas cruciais. Com isso, fazer valer na Escola a impossibilidade de uma resposta toda e, ao mesmo tempo, a função da contingência de uma resposta – dada no exemplo – que permita fazer avançar a psicanálise na contemporaneidade. Se não há nenhum, ou praticamente nenhum dado sobre a própria análise do sujeito, senão o relato das mudanças pelas quais o sujeito passou em função da análise, como é possível garantir, minimamente, que o eventual AE poderá ensinar à Escola a forma como a psicanálise atuou? Pode até mesmo surgir a hipótese de que houve final de análise em função das mudanças relatadas, mas o cartel do passe se vê num impasse de nomear AE um passante que não relatou intervenções do analista e suas consequências para ele, ou mesmo interpretações em análise de sonhos ou sintomas. O que dirá quando for falar para a Escola como AE? Relatará sua história? Falará das mudanças de posição que assumiu em decorrência de uma análise? Mas qual análise?

Cada ato analítico é tão único quanto cada passante, e é na clínica cotidiana que ele emerge. É nela que podemos identificar como a psicanálise lida com os problemas cruciais. Estes terão sempre um impossível de dizer, mas como fazê-lo operar senão pelo que é dito?

## **2a. questão que quero abordar: A dificuldade de haver uma decisão unânime para uma nomeação.**

Dos cartéis de que participei, houve situações em que fomos unânimes para não nomear o passante. Estas nos permitiram trabalhar bastante em conjunto, levantando as questões que por vezes haviam rapidamente levado cada um a essa posição.

Bem mais difícil foi trabalhar situações em que alguns membros de um mesmo cartel julgavam que se poderia sim, chegar a uma nomeação, enquanto que outros membros não eram dessa opinião. E na medida em que uma nomeação implicaria a unanimidade decisória, ou seja, implicaria que todos os membros do cartel estejam convencidos da possibilidade da nomeação, que lições tirar dessa experiência?

Primeiramente gostaria dizer o que, para mim, justifica a necessidade de *todos* os membros do cartel estarem convencidos da possibilidade da nomeação: o trabalho do dispositivo do passe é um trabalho para a Escola, não o é nem para o passante, nem para os passadores, nem para o Secretariado do passe, nem mesmo para os membros do cartel, apesar de, é claro, cada um dos integrantes do dispositivo só terem a ganhar com ele, cerne do maior legado de Lacan à sua Escola! Ora, se é um trabalho para a Escola, é preciso ter em conta que a nomeação de um AE é também o legado que esse passe produz para os membros da Escola, independente de suas zonas linguísticas, um legado a partir do qual é possível trabalhar as questões contemporâneas e cruciais da psicanálise. Se um passe não logra a convencer disso os integrantes de um mero cartel, como é que este pode assumir a responsabilidade de supor que o mesmo passe porta as condições suficientes para permitir à Escola trabalhar o que pode a psicanálise?

Dito isso, é preciso pensar também as razões que levam cada membro do cartel a se



posicionar favorável ou desfavorável a uma nomeação. São múltiplas e nem sempre passíveis de identificar. Mas vejamos algumas:

A primeira delas é, sem dúvida, não o testemunho do passante, mas aquele dos passadores. Isso é de uma realidade absolutamente palpável quando se trabalha num cartel do passe! Aliás, Lacan foi o mais preciso, quando observou que o passador *é* o passe.

Essa constatação tem várias consequências: a indicação de passadores é uma atribuição do AME e, portanto, construir a lista de AMEs – também tarefa do CIG – não poderia ser mais exigente de responsabilidade. Falo aqui de uma responsabilidade analítica, que vela pelas provas que tal analista a ser nominado já tenha dado, para a Escola, de seu comprometimento com a clínica, com a orientação teórica e ética, e de sua disponibilidade de apresentar as provas disso a toda comunidade, participando dela ativamente com apresentações de trabalho, em cartéis e comissões a partir dos quais seja possível que *vários* membros da Escola possam verificar tal comprometimento. Porque mesmo quando tudo isso pode ser verificado, ainda assim não há garantias de que um passador por ele indicado cumpra a sua tarefa de modo a auxiliar o cartel do passe. Quantas vezes não aconteceu, em minha experiência nesses dois anos, de o cartel lastimar não ter tido a oportunidade de contar com tal auxílio, ao contrário, lastimar a dificuldade do passador... Os passadores não têm roteiros a seguir, mas precisam se dar conta dessas lacunas no momento dos relatos, pois certamente aparecerão quando farão seus testemunhos aos cartéis.

Uma terceira razão, para além dos passadores e dos AME, é o que visa o *passante*. Sim, ele quer contar sua experiência, ok. Mas ele a conta *para quê?* É uma questão cuja resposta nem sempre é clara mas, em princípio, não seria para que se verifique que houve um final de análise e que houve passagem a analista... Em minha experiência com meus colegas de cartel, em princípio, sua resposta para essa pergunta já deveria estar assumida e ele não precisaria do aval do cartel! Em princípio também, o testemunho de um passe *é para a Escola!* de modo que esta possa tirar consequências para afinar a função da psicanálise hoje, ou seja, qual sua eficácia no mundo hoje, de que modo age? Para o que, novamente enfatizo, é preciso saber como funcionou a análise, quais intervenções do analista do passante tiveram quais efeitos etc. Como localizar a entrada em análise, os sucessivos passes subjetivos, a travessia da fantasia, finalmente a destituição subjetiva, **eventualmente** o *sinthoma* e, pelo menos, a necessária passagem a analista – o que não quer dizer a necessária instalação como analista em consultório!

A quarta razão possível de identificar, mas ainda difícil para esclarecer, não é sem relação com uma maior ou menor resistência que, nesse caso, não é do analista, mas dos analistas que compõem o próprio cartel. De minha experiência eu diria hoje que tal resistência não é tanto a de nomear, mas talvez passe pela escuta dos passadores. Do discurso que lhes é próprio e que, portanto, é de cada um, como depreender um Novo? Não cabe, a meu ver, ao passante identificar um Novo, e sim, ao cartel poder depreendê-lo, para o que é preciso poder escutar. Estaremos à altura disso? em que medida já nos despimos o suficiente de *a priori?* como não tentar identificar o que se está escutando num cartel, com experiências anteriores? e deixar com que um relato possa sulcar novos caminhos? Falamos muito que um passe implica um Novo. Mas estamos nós, enquanto cartelisantes, realmente abertos para identificá-lo? Não seria essa questão uma possibilidade para relançar o trabalho? Problema a ser retomado no nível do CIG, a cada vez penso, em que um novo CIG se constitui.

Se uma nomeação nem sempre se dá a partir de um imediato consentimento de todos os cartelisantes, e se o cartel trabalha de verdade – enquanto cartel –, é possível que um ou mais membros de um cartel possam construir o que os convenceu de que houve não apenas uma passagem a analista mas que essa se demonstra na lógica do passe em questão. E

com essa construção, convencer então os outros membros do cartel que originalmente não estavam inclinados a nomear o passante. Isso é possível de acontecer e, por sua vez, depende de outros tantos fatores, também não sempre passíveis de identificar. Se eles nem sempre são passíveis de identificar, talvez poderiam ser objeto de um trabalho mais aprofundado cujo resultado poderia vir a identificar alguns. E, quem sabe, a Escola ganharia com isso?

## Via

Nadine Cordova, Paris, França, AE (2014-2017)

Desejo lembrar que nosso CIG escolheu constituir dois cartéis: um do CIG, permanente, que permite a elaboração dos pontos cruciais da psicanálise, e um cartel do passe, dito efêmero. Esta é uma maneira de insistir ainda uma vez sobre a necessidade de articulação entre a experiência do tratamento e o trabalho contínuo de elaboração. Além do mais, se nos propusemos redigir algumas linhas sobre as decisões tomadas quanto aos passes escutados, e os registrar no «caderno dos passes»<sup>106</sup>, é para se guardar os traços do trabalho efetuado e seus resultados. Assim, os testemunhos dos passantes nos colocam a trabalho. É então importante que os membros do CIG procurem comunicar à Escola aquilo que estas experiências ensinam e como, modestamente, contribuem com a psicanálise.

Quanto a isto, gostaria de dizer algumas palavras sobre o que eu retenho hoje dos cartéis do passe. Meu propósito é simples, trata-se de uma constatação relativa aos passadores. A partir de sua transmissão, produziu-se para mim algo não compreendido. Efeito, sem dúvida lógico, mas como sempre, o fato de viver a experiência permite que se aborde as coisas de outro modo.

Eu escutei muitos passes e, a cada vez, me surpreendo com duas coisas. A primeira concerne à distância entre o que transmite um e outro passador<sup>107</sup>. Esta distância pode mesmo, em certos momentos, aparentar que os passadores falam de dois passantes diferentes. O segundo ponto, que tem ligação com o primeiro, se relaciona com o efeito subjetivo que os passadores deixam ao longo de suas passagens. E, de resto, o que vai ocupar os primeiros trocas entre os membros do cartel, e mesmo os embarçar.

Ora, estas lacunas e estes estilos diferentes têm consequências. O modo como o passador transmite o testemunho de uma ausência, se apaga progressivamente para deixar emergir o que é do passe. Isto significa que, ao final de certo tempo os membros do cartel se separam das impressões deixadas pelos passadores.

Pode-se falar de um tempo lógico no passe. Isto supõe, certamente, o caminho do testemunho que leva em conta os espaços e os tempos diferentes do dispositivo, e inclui a presença e a ausência de corpos falantes com aquilo que há de subjetividade. Há uma espécie de movimento que se inscreve a partir do encontro do passante com os passadores depois daquele dos passadores e o cartel. Isto que vai além do que do que se escutou, do que é dito na presença do passante e dos passadores, em seguida dos passadores e dos membros do cartel, e vai mudar no cartel; isto quer dizer que o cartel vai ter sequência trabalhando unicamente sobre o conteúdo do que foi transmitido, e o trabalho se afunilar até a evidência da decisão. E é graças a este deslocamento das palavras e de corpos que vai se desenhar uma

106 Decidido ao longo do Simpósio de Medellín

107 O que foi evocado em *Ecos* n°7.

lógica do testemunho. Acrescentando-se a isto, as precisões que o cartel terá demandado aos passadores sobre certos pontos obscuros do testemunho.

Parece-me que ocorre, neste movimento, uma conexão entre o passador que «é o passe», o testemunho de quem o atravessa, e os membros do cartel. A exclusão visual do passante, seguida da dos passadores depois de sua transmissão, permite se passar aos ditos do passante, e de não se interessar senão por isto que foi dito via passadores.

Fora da presença dos passadores, o testemunho toma toda a sua dimensão.

Parece-me portanto que neste momento, pode-se falar de uma verdadeira *clipse*, pois no início, há uma espécie de momento um pouco «*flow*», transitório, onde algo se confunde; os ditos do passante são mais ou menos marcados pelas dobras do passador. Os membros do cartel, se eles se dão contas dessas dobras, não se deixam cativar. Elas são apagadas pouco a pouco, mais ou menos rapidamente, para se concentrar sobre o que foi transmitido.

O cartel busca então se orientar, a localizar a passagem a analista; o cartel se deixa surpreender. Com efeito, as duas versões do testemunho dos passadores vêm a se cruzar, se responder, se opor, levantar questões; cada membro do cartel vai capturar pontos do testemunho, confrontá-los uns aos outros, vai identificar o que falta, o que insiste, os momentos chaves do testemunho levantados pelos passadores.

Poderia se dizer que as duas maneiras de se transmitir evidenciam a divisão do sujeito, o que isto suscitou, mas, mais ainda asperezas, e afetos.

O que pode então aparecer no início como uma espécie de inércia, vai se apresentar como propício para se iluminar o percurso de análise do passante, e do que ela produziu. Mesmo se há zonas de sombra, aquilo que é perdido na transmissão, há uma espécie de reverberação que passa através do passador. Há qualquer coisa, um resto em movimento que atravessa todas as etapas do dispositivo.

Tenho então vontade de dizer posteriormente á experiência, que os cartéis do passe são, a cada vez, tomados pelas eclipses. Graças a este movimento, a matéria que é transmitida pelos passadores engata o trabalho dos membros do cartel cuja disponibilidade e atenção me tocaram. O cartel não se pronunciará em outro lugar antes do tempo necessário, tempo próprio a cada passe.

O passador que está «ainda ligado ao desfecho» de sua análise não faz mais que passar, mas com o que o fez passar e como passou o testemunho do passante. O testemunho porta as marcas de uma análise e por vezes a marca com uma virada. Sim, se o desejo do analista pode se deixar capturar é, talvez, também porque ele cava, ao longo da elaboração do cartel, um lugar para receber o que tem lugar.

Outubro de 2016.

*Tradução de Sonia Borges*

## Vale a pena fazer o passe, ainda.

Maria Luisa de la Oliva, Madri, Espanha, CIG 2014/2016

Com frequência Lacan se perguntava o que é que pode levar alguém a tomar a decisão de se dedicar à psicanálise e, às vezes, se frustrava ao não encontrar uma resposta que fosse satisfatória. Apesar disso inclusive, ou é possível que devido a isso mesmo, se animava nessa tentativa. Perguntava-se se o passe, como ocorre com o relâmpago, poderia por em relevo certo setor de sombras de sua análise. Esperá-lo não significa encontrá-lo necessariamente. Também esperava dos AE que esclarecessem “*alguns problemas cruciais nos pontos candentes em que estes se encontram para a análise...*”<sup>108</sup>, mas isso também não significa que ele obtivesse algum resultado.

O que leva alguém que fez uma análise a querer testemunhar sobre a experiência no dispositivo do passe? É uma pergunta fundamental para nós que fazemos parte do CIG, que participamos da experiência do passe no lugar de “jurado”. Este lugar implica um julgamento íntimo sobre o que foi ouvido nos testemunhos que transmitem os passadores. O julgamento implica certo a priori: algo se espera do testemunho para poder concluir se há ou não nomeação. Em relação ao que se espera do passe, Lacan nos deixou várias indicações para nos orientar ao longo de seu ensino.

Por outro lado, é também o inesperado, aquilo que surpreende, o que pode permitir que haja uma nomeação. Assim como no chiste, quando nos é contado, esperamos que ele nos faça rir, mas precisamente a faísca que provoca o riso, nunca se sabe de antemão de onde vai aparecer. Se o riso não se produz, pode ser porque o chiste é ruim, ou porque foi mal contado, ou porque não ressoa com o que a cada um provoca o riso, ou seja, algo da ordem dos afetos e do gozo. Isto porque existe uma conjunção de variáveis inevitável que outorga ao passe seu caráter de contingência. Em qualquer caso, só *a posteriori* podemos localizar esse ponto. É nesses momentos em que, no passe, podemos nos apoiar na teoria produzida para verificá-la ou não. Essa é a virtude que faz do passe sempre algo novo. E é por isso que não há passe *standard*.

Em *Ecos* n°7, M<sup>a</sup> José Latour apresenta um paradoxo para aqueles que estamos no “juizado”, pois para poder emitir um juízo íntimo, se trata de contemplar tanto aquilo que se sabe –saber textual do inconsciente do passante, e saber dos textos que nos orientam-, como o não sabido. A questão paradoxal é como não nos deixarmos guiar por nossa experiência - que faz com que classifiquemos as coisas em casinhas-, e poder detectar algo novo, diferente, quando, para orientar-nos necessitamos saber quais são as casinhas?

O jurado não deveria deixar-se cegar por um saber que obture a abertura necessária para captar algo novo, inesperado, uma faísca que surpreenda. O que sabe o passante de seu não saber? Como terá ordenado esse não saber, já que Lacan nos diz que “*o não sabido ordena-se como o quadro do saber...*”<sup>109</sup> Como se localizam, e inferem as bordas do não sabido? Como dar conta do limite ao que é testemunhável?<sup>110</sup>

Nossa AE Camila Vidal, nomeada por nosso CIG 2014-16, destaca este paradoxo do passe, já que nos diz que dele se espera poder clarificar a lógica do final da análise, e o que fez alguém se decidir por tornar-se analista, mas sua transmissão “*não se dirige a uma zona de saber clara e didática, mas a um limite além do qual só irrompe a profunda ignorância e onde todo sentido se esfuma*”

108 J. Lacan. Proposição de 9 de Outubro de 1967. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, J. Zahar Ed. 2003.

109 Op. Cit.

110 G. Agamben em seu livro *Lo que queda de Auschwitz*, apresenta os limites intrínsecos ao testemunho dos que estiveram em campos de concentração.

*em uma profunda neblina*”. “*Neblina*” é um significante com o qual ela nomeia a existência do impossível, aquilo do real que não se pode “*tocar*”, mas que, no entanto existe. Ela destaca a necessidade de que no passe se conserve certa “*névoa*”, de maneira que o sentido se mantenha no limite, não apague um setor de sombras que ficou esclarecido.

O dramaturgo espanhol Juan Mayorga, também filósofo e matemático diz: “*a da matemática é uma linguagem sem gordura, e o criador teatral deve aspirar a essa linguagem sem gordura*”. Talvez isso se possa transpor também ao passe: se esperaria de um testemunho que fosse o mais “desengordurado” possível. Isto é, o mais cerceado possível de sentido, e de teoria. No trabalho de hystorização do tratamento que implica o testemunho, se espera que dê conta da resolução daquilo que conduziu um sujeito a fazer uma análise – ainda que ele não tenha finalizado -; como encontrou a forma de arranjar-se com seus sintomas; o que teve que produzir-se para isso, e que mutações subjetivas supôs. Espera-se então, de acordo com certas coordenadas que nos orientam, mas não se espera nada de antemão no que diz respeito à maneira particular como cada passante o obteve, uma vez que isso é algo único e intransferível, como é uma cédula de identidade.

Apresentarei agora o que têm me ensinado a experiência de escutar passes durante meu mandato no CIG, e que não pode concluir com nenhuma nomeação. Experiência enriquecida com o trabalho de minhas colegas, tanto nos diferentes cartéis do passe, como no cartel do CIG.

- Em cada passe foi possível localizar um desejo particular pela psicanálise, articulado a uma transferência com a Escola que nem sempre estava instalada previamente. Neste sentido, é significativo como em alguns dos casos, o passe parecia ter uma função de “chave”, no sentido arquitetônico do termo.<sup>111</sup> Ou seja, uma função de sustentação. O que vai acompanhado de efeitos interessantes desde o ponto de vista clínico. Por exemplo, para alguns sujeitos o testemunho permite fazer a borda na qual a produção de sua análise pode ficar emoldurada, contida, de forma que não fique à deriva. Em ocasiões funciona como impulso para a escritura de um “matema” com o qual se espera poder dar conta da emergência de um Real experimentado, e que lhes permite um ponto de suspensão.

- Também pudemos observar como através do trabalho do testemunho, e através do encontro com os passadores, o passante pode vislumbrar que ainda resta uma volta analítica por fazer, ainda que inicialmente sustentasse que sua análise estava finalizada.

- Quanto ao que se espera da experiência de fazer o passe, alguns buscam ali uma resposta que os autorize a ser analistas. Outros esperam uma última resposta que lhes confirme ou verifique, se sua análise está finalizada. Espera que acreditem, estaria selada com a nomeação.

- O passe também é considerado como aquilo que retroativamente dá sentido a análise realizada. Ou seja, o passe como um S2 ao qual se articularia toda a cadeia de S1 da análise. Ou também como um lugar do qual interrogar-se sobre o que aconteceu na sua análise, como uma espécie de análise da análise.

- Em outros casos, o passe é pensado como o último passo a dar no processo de análise. Como se fosse algo prescrito, de maneira que marcaria de fato o final da análise.

Em Medellín se pode escutar que talvez o passe esteja chegando a seu ponto de limite. É complexo pensar em seu limite, uma vez que precisamente o passe se ancora no furo no Outro. Haveria então algo que pudesse conter a experiência? *Mutatis mutandis* isto me fez evocar as palavras do biólogo geneticista e teólogo Francisco José Ayala, que em relação à ciência se pergunta o que nos falta saber, e diz que nos falta mais do que nos faltava há 50  
111 Chave é a pedra que se coloca na parte mais alta da abóbada, no seu centro, ela transmite os esforços que faz uma metade da estrutura sobre a outra. Graças à chave, os esforços se compensam, e as duas partes da abóbada se sustentam mutuamente. É a última peça que se coloca na construção de um arco.

anos. Utiliza esta metáfora: “O conhecimento científico é como uma ilha, e aí está tudo o que sabemos. O oceano é o que não sabemos, e não podemos perguntar ao oceano, só podemos investigar na beirada, nas bordas da ilha. Se aumenta o perímetro da ilha, aumenta o conhecimento, mas também o que não sabemos. Podemos fazer mais perguntas, assim que há mais coisas que não sabemos”<sup>112</sup>.

Tomara que o passe continue colocando-nos questões! Tomara que continuemos esperando algo dele!

Setembro de 2016.

Tradução de Maria Luisa Rodriguez.

## Poesia e as línguas do passe.

Susan Schwartz, Melbourne, Austrália, CIG 2014/2016.

Escutar uma língua que é familiar que não seja nossa língua-mãe, é escutar com concentração especial na modalidade do orador do discurso, o tom e a facilidade de expressão, tudo isso afeta a recepção de ambos, o significado das palavras e sua ressonância. Para os membros de um cartel do passe, as coisas que são ouvidas, mal-ouvidas, ou até mesmo não ouvidas durante a transmissão de um testemunho não depende unicamente da questão da língua materna de cada membro. A língua é do Outro e, quando se escuta um testemunho, o efeito de uma certa distância da fonte linguística favorece equívocos e ambiguidades análogas ao material sonoro que é o fundamento de lalangue. O fato de que este material sonoro é produtivo é muito manifesto na série de discussões entre os membros do cartel após cada testemunho, colocando a receptividade de cada membro em evidência. Nosso papel, como membros do cartel é de ouvir o que escapou do discurso do testemunho do passante, mas que foi absorvido na transmissão do passante.

Nesta breve reflexão, gostaria de considerar o efeito da natureza plurilinguística dos cartéis do passe sobre o que é transmitido pelo passador ao cartel. Deve haver uma verificação dos índices dos pontos de virada na análise, mas é essencial que também haja um eco do desejo do analista ressonando no testemunho do passante. Há uma dupla dimensão do movimento de analisando a analista - a queda do Outro, e o desejo sem precedentes de suportar estar no lugar do um, causa do desejo inconsciente para o analisando. Para ser um analista, esta posição de “resto” deve ser retomada com entusiasmo, como Lacan nos diz na “Nota italiana”<sup>113</sup>. Cabe ao passante, se de fato ele ouve isso, tornar esse entusiasmo evidente para o cartel.

No *Seminário, livro XX, Mais ainda...*, Lacan diz que “tornou-se claro, graças ao discurso analítico, que a linguagem não é simplesmente comunicação”<sup>114</sup>. Ele está falando dos efeitos enigmáticos de lalangue que vão além daquilo que o ser falante consegue enunciar, a **ressonância poética** que indica seu nome singular. Em 1844, o poeta americano Ralph Waldo

112 “El conocimiento científico es como una isla, y ahí está todo lo que sabemos. El océano es lo que no sabemos, y no podemos preguntarle al océano, solo podemos investigar en la orilla, en los bordes de la isla. Si aumenta el perímetro de la isla, aumenta el conocimiento, pero también lo que no sabemos. Podemos hacer más preguntas, así que hay más cosas que no sabemos”.

113 Lacan, J. “Note italienne”, *Autres écrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 309.

114 Lacan, J. The Seminar of Jacques Lacan, Book XX, *Encore 1972-1973*, trans. B. Fink, New York, WW Norton & Company, 1998, p. 139.

Emerson escreveu sobre o poeta como o “Nomeador” (*Namer*) e o “Fazedor da linguagem” (*Language maker*), no sentido de ser o único que, num golpe de gênio, inventa cada palavra corrente, “porque por um instante, ela (a palavra) simbolizou o mundo para o primeiro falante e para o ouvinte”<sup>115</sup>. Ele comenta que a etimologia mostra que “houve um tempo em que a palavra mais morta foi, certa vez uma imagem brilhante” e por essa razão ele chama a língua de “poesia fóssil” (*fossil poetry*). Para mim, essas palavras sugerem o traço da qualidade poética e ressonante que localiza os fundamentos da linguagem no real. No testemunho do passante, o que podemos detectar do sujeito como um poema sendo escrito?<sup>116</sup>

Entre os membros de um cartel do passe pode haver três ou quatro línguas maternas diferentes, mas estas são línguas Latinas, e no caso do Inglês, derivadas do Latim, predominantemente a língua francesa. Mas cada um de nós pode ouvir de uma forma única, de acordo com nossas próprias lalanges, e o essencial é que algo é ouvido em comum, como o brilho do momento da invenção de uma nova palavra.

Além das línguas do passe, existem as contingências das várias formas de encontro, dos estilos singulares do passador e do passante, do efeito e do afeto. Colocar toda a análise para teste é um ato de coragem que acontece sem qualquer garantia. Sem dúvida é um risco, e parte desse risco tem a ver com o sorteio para o passador. O estilo do passador irá ter um efeito sobre o que é transportado do discurso do passante e a maneira pela qual é transmitido. Isso afeta, por sua vez, a recepção do cartel do testemunho. Mas, novamente, assim como ocorre com a pluralidade de línguas no cartel, essas diferenças são produtivas e mostram que algo está vivo. Essas contingências nos levam para além dos significantes, a questionar, discutir e localizar o que cai a partir deste cruzamento de discursos. Para reiterar: algo do real deve passar para o cartel do passante, algo que é capturado por todos os membros.

O que se manifesta em cada testemunho é o poder da narrativa do passante, a história de sua experiência vivida. O que nem sempre é tão poderosamente transmitido é a historicização da análise. Alguns passantes não conseguem pontuar suficientemente bem os momentos lógicos em suas análises, especialmente os pontos de virada e a queda do Outro. É evidente que o passe não é o lugar para testar se o passante finalizou sua análise. Tomando minha referência novamente a partir da “Nota italiana”, o que o cartel espera é a transmissão da ressonância do desejo do analista nas palavras da passante. Como Lacan enfatiza, o analista se refere ao “não todo” (*pas-tout*). Em outras palavras, o real deve ser levado em conta como a nossa fonte principal do saber incognoscível<sup>117</sup>.

Nossa escola é internacional e abraça uma pluralidade de línguas, culturas e experiências de psicanálise que se refletem em nossa associação. Mas para o cartel do passe, não é essencialmente uma questão de línguas, mas da lalange de cada membro. Esta é a força da nossa escola e faz do cartel um receptor particularmente sensível tanto ao discurso do passante como àquilo que passa para além do seu discurso. Um poema traduzido para outra língua pode capturar o sentimento e o significado do original, mas irá tanto subtrair como adicionar algo a ele no processo. Isso é inevitável. Mas embora tradução escrita seja o resultado da interpretação considerada, a tradução que ocorre no momento do encontro com o discurso do outro é uma interpretação cuja fonte é o real de lalange. Mais uma vez as palavras de Lacan em *Encore* são pertinentes: “A linguagem é o que tentamos saber sobre a função de lalange”<sup>118</sup>. A dimensão plurilinguística do cartel do passe dá uma profundidade

115 Emerson, Ralph Waldo. “The Poet”, 1844, <http://www.emersoncentral.com/poet.htm>

116 Lacan, J. “Preface to the English-Language Edition”, in *The Seminar of Jacques Lacan, Book XI, The Four Fundamental Concepts of Psychoanalysis*, trans. A. Sheridan, New York, WW Norton & Company, 1998, p. viii.

117 Lacan, J. op. cit., p. 308.

118 Lacan, J. op. cit., p. 138.

para o processo de verificação da passagem do analisante a analista, ao ato de nomeação e ao que podemos saber dos efeitos singulares de uma psicanálise.

*Tradução de Vanisa Santos*

## Visto dos cartéis do passe.

Colette Soler, Paris, França, CIG 2014/2016

Para alguém que, como eu, passou duas vezes pelos cartéis do passe, em 2006-2008, e mesmo antes na ECF, e depois em 2014-2016, é impossível desconhecer que o discurso dos passantes evolui ao longo do tempo, pois a incidência da doxa do grupo sobre o que se diz no passe, do lado dos passantes, passadores e cartéis, é patente. Para esquematizar, em 2006 e antes de 2006, na ECF, a questão a ser reconhecida era apenas a do fantasma e da travessia do luto. Mesmo a identificação ao sintoma não estava ainda em causa. Em 2014, o real, *lalíngua*, os equívocos, o som sem o sentido, a letra fora do sentido, o impossível, o nome próprio, etc., que foram desenvolvidos como testemunhos.

### O dispositivo e a língua do Outro

Este tema comparece às vezes na discussão dos cartéis concernente aos passes, sobretudo negativamente, pois aí se repara um sinal de inautenticidade. Do lado dos passantes é ainda mais nítido quando lemos seus textos após o passe, em que só podemos constatar que, ao menos atualmente, eles avaliam sua nomeação ou sua não nomeação à luz de temas em curso, os nomeados desdobrando-os para explicar sua nomeação, os outros para se surpreender com sua não nomeação, ainda que...E de se perguntar por exemplo sobre o que faltou, seria a letra, os equívocos de *lalíngua* etc.

Coloca-se, com isso, uma questão teórica. Considera-se como adquirido, com Lacan, que uma análise produz o que antes se chamava a « dissolução da transferência » e agora a queda do sujeito suposto saber. Ora, que os passantes falem na *lalíngua* desse Outro que é a comunidade reunida, que eles se ajustem sobre suas teses, indica sem dúvida que isso se coloca em função do sujeito suposto saber.

Eu termino por concluir que não há que se surpreender, nem o censurá-lo, pois é inevitável na estrutura do dispositivo inventado por Lacan. O que não quer dizer que isso não produza inconvenientes, e precisamente que favorecendo o fazer semblante de saber.

Oportunidade de retornar sobre o estatuto da fala no dispositivo, e fora dele, na Escola. Lacan ofereceu indicações preciosas, únicas, no início de *Televisão*, e que vão além do que *Função e Campo da fala e da linguagem* trazia a esse respeito. Lacan estabelecia fundamentalmente que na *Televisão*, assim como em seu ensino, ele falava em nome do “objeto” que é o público que o escutava. Sem distinção, portanto, entre o ouvinte de *Televisão* e o público de seu seminário, “Um olhar nos dois casos: a quem não me dirijo em nenhum dos dois”<sup>119</sup>, acrescentava ele. Disjunção assim do objeto que faz falar e do endereçamento. Por outro lado, ele diz “falar àqueles” que sabem disso, aos analistas. Esta

119 Lacan, J. *Televisão*. Rio de Janeiro, J.Zahar, 1981/1993. pp. 11-12. “Um olhar nos dois casos: a quem me não me dirijo em nenhum dos dois, mas em nome de que falo”.



distinção não vale apenas para Lacan, é a estrutura mesmo da palavra que implica distinguir entre aquele que escuta, o ouvinte objeto, que faz falar, e, de outra parte, aquele, ou aqueles, aos quais falamos. Aliás, como um analista que faz da escuta de analisantes sua profissão, e que, além disso, tem o «dever de interpretar», poderia desconhecer essa distinção já colocada em prática por Sócrates, o precursor?

Eu retorno ao dispositivo. O passante é convidado a falar de sua análise, num dispositivo de fala em que ele sabe, pois lhe foi prometido, que pode, talvez, uma vez que nada é assegurado, obter do interlocutor, o título de AE. Desta forma, é uma estrutura que supõe, indubitavelmente... a transferência. Não esqueçamos que a fala, a transferência, é demanda, endereçada a um parceiro que pode, e aqui que deve, responder. E a transferência, cito, “não tem outra finalidade senão a de obter...”<sup>120</sup>. Vocês reconhecem a frase da “Proposição sobre o psicanalista da Escola”. Em uma psicanálise, o parceiro analista se cala, obrigando assim o analisante a sacar suas cartas. Mas, no dispositivo, o parceiro júri deve dar a resposta, sim ou não. Estamos, sem dúvida, seguros de que uma psicanálise pode produzir a queda da hipótese de um sujeito suposto ao “saber sem sujeito” que é o inconsciente, e por vezes, a identificação ao objeto indizível, ou ao sem razão do sintoma, mas não significa o fim do endereçamento ao sujeito suposto saber na fala, quando o interlocutor é suposto responder. Certamente, muitos passantes asseguram ter outros fins que o «de obter» o título, por exemplo, de verificar por eles mesmos o término do percurso, e mesmo de prosseguir a experiência analítica por outras vias etc., e podemos acreditar neles, mas o fim transferencial que visa “obter” a resposta do cartel suposto saber avaliar o testemunho, não falta jamais. Decorrem daí, aliás, as decepções, sinalizando que a demanda estava lá, e que o testemunho participava, eu vou forçar o traço, da apelação.

Há certamente uma grande diferença entre o passante e Lacan na sua relação com sua audiência: ele não esperava retribuição por isso, conseqüentemente não era obrigado a lhe tomar emprestada sua língua, e sabemos bem até onde ele levou essa liberdade que só aquele que não demanda pode alcançar, grande diferença com o passante. Outra diferença de peso: a presença dos passadores. No dispositivo, os papéis são distribuídos: há aquele que vem se dizer, ao passador, o passante, aquele que escuta, o passador. Mas aquele a quem o passante fala em sua demanda é outro, não presente, é o cartel-júri, suposto saber... escutar, ou reconhecer, e para além, é a comunidade.

### Um Outro ampliado?

Em 1967, Lacan justificava a presença dos passadores através da ideia de que o passador estando próximo ao passante, em virtude do momento mesmo de sua experiência analítica, e eu acrescentaria, o passador não sendo o que decide, estaria suscetível de recolher testemunhos com uma autenticidade que nenhum júri tem jamais a chance de escutar, pois, para um júri, pelo fato de se lhe demandar um veredito, sob a forma da espera, tenta-se dizer o que se supõe que ele quer escutar. Então, e com o tempo, sabemos hoje que essa invenção do passador, que tem sem dúvida outros méritos, não terá sido, no entanto, suficiente para evitar esse efeito. O indício seguro disso é a evolução do discurso dos passantes em função da doxa, a própria injeção, nos testemunhos, por mais autênticos, de fragmentos de saber que estão em circulação nas produções da Escola.

Nos cartéis do passe, alguns o lamentam, mas é um erro, pois trata-se de um efeito de estrutura, portanto inevitável. Por vezes, concluem daí que, quanto menos o passante sabe sobre o que se trabalha na comunidade, quanto mais ele testemunha estar à margem do que se tenta elaborar nela, melhor é. Como se a ignorância do passante em relação à

120 Lacan J., “Proposition sur le psychanalyste de l’Ecole”, Scilicet 1, p. 22.

Escola e à doutrina fosse uma garantia de autenticidade. Creio que há nisso um engano, é esquecer de se perguntar nesse caso, “a quem ele fala?” esse passante virgem da doxa da Escola, para além daqueles que o escutam, pois, como todos os outros passantes, ele sabe o suficiente para estar na expectativa da resposta do cartel.

Para além dos passadores e do júri, pode-se perguntar que tipo de interlocutor é a comunidade reunida para escutar os nomeados, os não nomeados, e também os designados passadores. Constatamos que, em nossa Escola, somos ávidos desses diversos testemunhos, e é algo completamente inédito em relação ao que era o passe quando Lacan ainda estava vivo, em sua Escola, onde nunca foi questão que os AE apresentassem um testemunho de passe, após seus passes, na Escola. Lacan esperava que eles falassem da psicanálise. Foi a AMP que inaugurou esta prática, que coloca a comunidade num lugar a ser precisado, entre o lugar do passador que escuta e o lugar do júri suposto saber que decide. Evidentemente aquele que escuta, quer seja passador ou audiência da Escola, certamente também julga. Julga sem ser aquele que decide. E eis que se abre o espaço da possível disputa, não apenas imaginária, entre os julgamentos, e sob diversas formas: o passador que não aprova a decisão do cartel, o público que aplaude ainda mais forte o não nomeado que contesta as decisões do cartel, ou, ao contrário, o público que, desaprovando a nomeação, fica quieto. E os cartéis-júri protestando, sublinhando que os cartéis são soberanos, e que suas decisões, visando mais além das balanças, não podem ser discutidas alhures, lá onde só se conhece as pessoas. Sim, mas é preciso ainda que a comunidade da Escola os acredite. Acredite em sua capacidade de ultrapassar a balança. Ora, “a psicanálise hoje”, como se gosta de dizer, desenvolve-se em uma época na qual é notável que os processos de destituição estão na ordem do dia. Pode-se ignorá-lo? Seja como for, concluí que desde a Escola de Lacan o passe mudou e efetivamente, juntando ao público da Escola que quer escutar, cartéis, passadores, passantes nomeados ou não. Registro essa mudança que me parece, aliás, ir em direção ao espírito do nosso tempo, o qual é pouco favorável à delegação do poder de julgar, assim como de decidir. A questão é evidentemente de saber se, em consonância ao espírito do nosso tempo, essa mudança não seria contrária ao espírito da psicanálise? Não o acredito, finalmente. Com efeito, todos os membros da comunidade da Escola partilham, seja a que título for – analisantes, analistas, supervisonantes, supervisores –, uma parte da experiência da análise, a mesma que a dos membros dos cartéis do passe, pois o único motivo para justificar o poder de decisão que lhes é confiado é o de terem sido eleitos, após terem sido, é verdade, nomeados AME ou AE. O procedimento é democrático, nós não temos outro, mas não é em nenhum caso uma garantia analítica. Então, a que lugar apelar? Para a psicanálise, Lacan o havia notado, não há outro lugar a apelar senão à própria comunidade da experiência analítica. É preciso ainda que esse termo comunidade que eu emprego aqui designe, não apenas um simples grupo de psicanalistas membros, mas uma Escola, onde nos analisamos, e não simplesmente para fazer face aos avatares do cotidiano, que não têm fim, e suficientemente por longo tempo para não se contentar com os benefícios terapêuticos, e onde se trabalha, nos cartéis, nas supervisões e em outros locais, para questionar a psicanálise. Uma vez mais esbarro aqui na mesma conclusão: a prioridade é uma Escola que seja Escola.

### **A dita nomeação**

A expressão circula: se é ou não nomeado AE. Mas AE não é um nome, é um título, assim como, quando se é nomeado ministro, diretor de museu etc. E rigorosamente, isso não toca o ser; antes, participa da promoção de uma competência da qual aquele que é distinguido já terá dado, senão algumas provas, pelo menos alguns indícios. É no

testemunho do passe que os procuramos, antes de tentar dizer em seguida quais foram aprovados. De seu passe, Lacan dizia que ele era “fino como um cabelo”<sup>121</sup>. Por este título ele entendia “triar”, é seu termo, a aptidão possível para uma função, seja de se fazer “analista da Escola”, ou, em 75, de poder “pensar no que fazem”<sup>122</sup>, ou ainda em 76, de “*s’hystorizar* a si mesmo” como analista. E, no entanto, constata-se que esse título, quer ele seja ou não atribuído, ressoa para os sujeitos concernidos muito além desse alcance limitado. Não se pode ignorar isso e é bastante instrutivo.

É como se, com esse julgamento que atribui o significante AE, tocássemos no âmago, no ser do analista, o qual se encontra aí confirmado ou anulado, quando, na realidade, ele é, para cada um, sempre “improvável”, conforme o termo que Lacan aplicava à análise antes de ter introduzido a lógica da inconsistência do “não todo”. Não é a mesma coisa com um nome, um verdadeiro, que não concerne ao ser, mas o que nele ex-siste a título de um real, e que, não tendo significante, pode, apesar disso, justamente ter um nome. Lacan se disse bem surpreso<sup>123</sup> com essa irreduzível reação excessiva, assim como Freud, aliás, tinha ficado com o surgimento da transferência. Viria esta surpresa do fato de que todo julgamento de atribuição de um significante, aqui o de AE, “decreta, legifera, sentença, é oráculo”<sup>124</sup>? Gostaríamos de acreditar que o dano percebido resulta do fato de que o julgamento dos cartelistas do júri, como preferimos dizer “íntimo” – mas existem outros julgamentos que não sejam íntimos? – não diz suas razões. E demandamos aos cartéis do passe dizer suas razões. Mas não, eles não dirão, e por definição, pois se houvessem “razões” não haveria necessidade de um julgamento que... reconheça.

Quem reconheça o quê, senão uma singularidade, pois, para o que é da estrutura, nós a construímos, detectamo-la, não há que ser “reconhecida” por pares. Seria, no entanto, um erro idealizar a singularidade – mesmo se ela deve ser defendida contra as normas que a recobrem no discurso comum – pois ela é um destino. Que os cartéis a esperem, é o mínimo exigível, eles não têm que fazer disso um mérito, pois a estrutura só se realiza em singularidades, as quais aliás não precisam ser reconhecidas para existirem. Sua autenticação no passe traz, no entanto, uma mudança, e de peso: ela religa a singularidade unária a outras, tendo, assim, efeito de laço social. Quando se nomeia um AE, é toda comunidade que paga seu dízimo<sup>125</sup>, e que retribui a demanda daqueles, os passantes, que quiseram se utilizar do dispositivo posto por Lacan “à disposição deles”.

### O dever de autenticar

Um julgamento que reconhece então. Mas o que se trata de reconhecer? É a questão que cada membro do cartel se coloca, e sempre a partir de indicações dadas por Lacan e difundidas pela doxa da Escola. Existem muitas destas indicações, mas todas implicam que, no passe, não é o passante que se escruta, nem sua estrutura clínica, nem seu ser de desejo ou de sintoma que são o objeto de sua própria análise, mas não no passe. No dispositivo, o que está em causa é o testemunho que ele pode dar de sua análise, de seu percurso e de seus resultados e, especificamente, da mudança produzida para aquele que vem se dizer analista. Tratar-se-ia então, antes, de autenticar uma análise finita

121 N. da R.: (cf. <https://unproductivepoetry.wordpress.com/category/queneau/>). Referência a um poema de Queneau: “A explicação das metáforas”.

122 Lacan J., Conférence sur le symptôme, in *Le bloc-notes de la psychanalyse*, nº 5, 1985.

123 Ibid.

124 Lacan J., *Écrits*, Seuil, Paris, 1966, “Subversão do sujeito e dialética do desejo”, p. 822 na Ed Jorge Zahar.

125 Lacan J., “Joyce le symptôme II”, in *Joyce avec Lacan*, Navarin, Paris, 1987, p. 33 e meu artigo “L’Un tout seul et ses liens”, in *Stylus*, nº 33 et *Revue Champ lacanien* nº 19, no prelo.

e o processo de seus avanços particulares até seus “pontos de finitude”, ou melhor, a performance do testemunho, mesmo em caso de inacabamento do processo, ou seja, a capacidade do sujeito de pensar sua própria experiência, pois, segundo Lacan, não seria o analista o duplo, aquele que opera no tratamento e aquele que pensa sua operação? A questão está colocada e as indicações dadas por Lacan abrangem os dois aspectos.

Há inicialmente todas aquelas que concernem à análise do passante. A primeira, com ênfase especial no momento de virada a possível analista, com suas condições bem desdobradas na “Proposição sobre o psicanalista da Escola”: a travessia da fantasia, que assegura a passagem do romance familiar do traumatismo, se me permitem esta condensação, ao silêncio do “traumatisme”, palavras que faltam (mas não as imagens) quanto ao ser “objeto” – equívocos linguísticos ou não – e que faz ser, “singularmente e forte”<sup>126</sup>. Seria o fim da análise ou um momento de reviravolta aberto para a fase final? Foi dado início ao debate, muitas contribuições foram feitas sobre esse tema na nossa Escola e mesmo Lacan se pronunciou nesta data para distinguir a virada do passe e o fim de análise. No entanto, este mesmo debate está fechado hoje, de fato, pois todos falam agora de nomeação como sinal da análise terminada, e os não nomeados se admiram: mas eu pensava ter terminado... Aliás, o próprio Lacan acrescentou, em 1976, com seu “Prefácio à edição inglesa do Seminário XI”, considerações que se orientam menos em direção ao momento hipotético da mudança a possível analista, do que ao fim do processo analítico, não, dessa vez, com as palavras que faltam para dizer a verdade do objeto, mas com as palavras que não faltam, as do ICS sem sujeito, saber que está no nível do gozo, real pois fora do sentido, e com o que o analisante poderá se satisfazer de ter pego alguns pedaços, nada mais, sem que seja assegurado que ele possa transmiti-lo; “sabe-se, consigo”, e sem que tampouco seja assegurado o resultado que resta em suspenso em cada caso. Ao mesmo tempo, no entanto, confiando ao passante a tarefa de *histo-histerizar* sua análise no dispositivo, ele dava ênfase menos sobre a própria análise com seu fim que sobre a capacidade do passante de transmitir alguma coisa disso.

Nessa profusão de indicações, como não se interrogar sobre o que orienta os julgamentos de cada um no acolhimento de um passe, na medida em que isso possa ser identificado. Evidentemente, cada um só pode se pronunciar sobre o que lhe concerne e não a respeito de seus colegas. Eu, então, me arrisco.

### O que decide

Eu devo dizer que, frequentemente, nas discussões com os colegas de nosso CIG, na realidade um excelente CIG, com ótimas discussões, senti uma lacuna entre meus pontos de vista e alguns outros concernente ao que orienta as decisões de um cartel. Eu só posso dizê-lo a título pessoal, pois não há dúvida, no passe e alhures, de que o que o auditor (passador ou cartel) apreende é duplamente estruturado, tanto por seus pré-julgamentos, como pela sua visada. É o *ba ba* da estrutura da fala, exposta por Lacan desde *Variantes do Tratamento-Padrão* e que o levou a formular que aquele que escuta é o “mestre da verdade”, antes de dizer, mais tarde, que ele está em posição de sujeito suposto saber. E de fato está, pois é dele que depende isso sobre o que ele acomoda sua escuta, o ponto de focalização de sua atenção. Na análise, por exemplo, sabe-se bem que não é a mesma coisa se o analista visa as palavras para o dizer, os significantes, ou mesmo os fenômenos de *lalíngua*, e/ou o sentido, ou, ainda, se eu fizer um salto em direção às últimas formulações, o Um-dizer *sinthoma*.

\_\_\_\_\_  
126 Estamos de acordo para dizer que esperamos os testemunhos sobre o desejo da Lacan J., “Discours à l’EFL”, *Scilicet* 2/3, Paris, 1970, p. 21

análise. Duas observações sobre este ponto. Primeiro, uma de experiência: desde o início da Escola de Lacan, todos estão de acordo: não havia testemunhos sobre o desejo do analista. Lacan mesmo o disse: evidentemente, eu não recebi nenhum testemunho sobre isso. E é por uma boa razão, o dispositivo usa a fala e é um impossível que sustenta a fala. “Incompatibilidade do desejo com a fala”<sup>127</sup> dizia *A Direção do Tratamento...* O desejo é impronunciável, apesar de pronunciado. Na análise, buscamos cerni-lo pela decifração e pela interpretação. Mas no passe também? Conhecemos a famosa frase de Lacan a propósito justamente do desejo do analista: acreditar ter entrado aí, achar-se aí, é sair de vez dele, mas não é qualquer saída, e sim um retorno à via do analisante, justamente aquela em que se tenta formular o desejo, até esbarrar no impossível. É, aliás, por ser impronunciável, que só podemos autenticá-lo? Mas como?

Lacan adiantou uma resposta, seu índice é o ato analítico. O desejo do analista impronunciável é o desejo suposto no ato, que não é sem índices fenomenológicos, mesmo que, para ele, também haja “aporia” do relato, pelo fato de que o ato não é sujeito, mas subverte o sujeito. No entanto, o ato é atestado por “suas consequências”, diz Lacan. Na análise são as análises terminadas que testemunham o ato daquele que dirigiu a cura. É por isso que Lacan havia planejado nomear AE os analistas daqueles que eram nomeados AE. Mas quando se trata de um passante, as sequências do ato que o instituiu como analista não podem ser verificadas pelas análises que ele conduz ou conduzirá. Só se pode recorrer ao que antecede ao ato; sua própria análise que, somente ela, pode criar as condições, e nada mais do que as condições, antes que as sequências o verifiquem. Então, o que esperar de um testemunho de passe, que Lacan nomeou “hystorisation” da análise para pronunciar uma nomeação? Não é preciso, finalmente, abordar esta questão diretamente, quero dizer, sem rodeios?

Talvez vocês tenham ouvido dizer, é um tema de preferência há algum tempo, que não esperamos nada, salvo a surpresa. Que não esperemos nada é uma pura mentira, se não for um desconhecimento, não podemos escutar e julgar sem pressupostos – tese *princeps* sobre a palavra, tal como eu o disse. Quanto à surpresa, nós a esperamos certamente numa análise, já que buscamos surpreender o inconsciente, mas, no dispositivo do passe, não há que se esperar a surpresa, ela está sempre lá, em todos os casos, e nem sempre positiva. Todos, os nomeados e os não nomeados, surpreendem. E não pode ser de outra maneira, pois o dispositivo organiza o encontro mais íntimo das singularidades, e só há isso no passe. Ser surpreendido não é uma virtude, e nós até vimos o caso, não fictício, do cartel que esperava de tal modo outra coisa, que protesta contra o que o surpreendeu.

Então, eu procuro me assegurar, simplesmente, de que o testemunho do passante indique, ou, melhor ainda, permita perceber que sua análise foi levada até um ponto que condicione a possibilidade do ato. E quando eu escuto meus colegas, não duvido de que seja esse o caso na maioria das vezes. Como eu já disse, é a análise que está em causa no passe, não o ser sintoma dos passantes, ou, dito de outro modo, não as estruturas clínicas, ainda que o dispositivo seja um considerável mirante a esse respeito, pois não há apenas neuróticos que fazem o passe, todas as estruturas clássicas se encontram nele. Voltarei a esse ponto. Evidentemente, quando o testemunho não permite que nos asseguremos acerca do trajeto analítico, isso não prova que ele não tenha ocorrido, a experiência e o testemunho sobre a experiência sendo duas coisas bem diferentes, mas, neste caso, a insuficiência da “hystorization” bloqueia a leitura do trajeto analítico, e isso faz obstáculo à nomeação.

*Hystorization*. Quanto sucesso este termo teve ultimamente! Aplicado a uma análise,

127 Lacan J., “La direction de la cure”, *Écrits*, Seuil, Paris, 1966, p. 641 e p.647 na Ed Zahar.

comporta conotações precisas e múltiplas, mas ele significa inicialmente que se trata de narrar o que adveio sob transferência, se possível da entrada à saída. S'hys-torizer, ainda que escrito com esse traço de união que divide o termo para evocar o toro da neurose – não é mesmo? é fazer o romance de seu próprio toro –, a histeria sempre conta histórias, faz parte da sua estrutura e é esse o seu mérito, razão de eu retomar o termo freudiano de romance. Mas eu não preciso do traço de união. Não se pode negar que um testemunho de passe seja uma narrativa diante deste público desdobrado que são os dois passadores. Tem, portanto, uma estrutura tanto de fala, quanto de linguagem. É por isso que, tal como o chiste, o testemunho pode atravessar o filtro dos passadores – salvo quando eles colocam entraves, o que às vezes acontece – e deixar escutar o que não é narrativa, mas, que sem ela, não se fará ouvir. O passe não sai da estrutura da fala. Os enunciados da narrativa podem certamente manifestar, de um lado, os Uns do ICS, o som sem sentido, e a letra que contrasta com os sons e, de outro lado, a impossibilidade de preencher o *troumatisme*, a falta de saber e o impossível de dizer, enfim, todos disfarces do real segundo nossa língua comum do momento. Mas o que se procura é justamente o que não é comum, o que é próprio àquele passante. O ICSR é certamente próprio a cada um, mas não pode nos chegar sem uma narrativa na qual, como em todas as narrativas de história, o sentido não pode estar ausente. Daí que nenhum elemento pontual, local, errático do ICS, e mesmo nenhum dizer de conclusão, pode ser suficiente para tornar o trajeto analítico legível. Desde que a ênfase foi colocada sobre a função de *lalíngua*, faz-se caso demais do além do sentido; há seguramente o fora do sentido, que se nomeia o real, e uma análise pode, ou mesmo deve, visá-lo. Dei grande importância a isso, mas nada detém “a fuga do sentido” na fala. Enfatiza-se, com razão, o reconhecimento do fora de sentido, insiste-se sobre a necessidade de emergências linguísticas equívocas, das letras reais enigmáticas. Não vou dizer que não. O inconsciente feito de *lalíngua* é o tecido do fora de sentido, elementos erráticos o constituem e condensam o gozo. Mas há um porém: de uma parte, o que se captura disso é sempre “elocubração”, tentativa de saber sobre *lalíngua*. É valioso, pois é um índice, no analisante, de seu acesso ao inconsciente real, mas não se poderia fazer disso a chave das performances analíticas, especialmente porque certos sujeitos têm acesso a eles de origem, ou seja, estruturalmente.

Eu tomo o seguinte exemplo para me fazer entender. Muito se comentou sobre a frase de Lacan “eu sou poema e não poeta, é o que eu teria levado ao passe se eu o tivesse feito”. Bem, ele não teria certamente sido nomeado, se ele não tivesse dito mais sobre isso. Pois aqui está uma proposição bem condensada, precisa, que cai, nós o sabemos, como conclusão de um vasto trabalho de elaboração. É propriamente um “dizer” que não implica simplesmente que ele tomou consciência de que o inconsciente fala sem ele, que implica uma concepção de inconsciente, e de suas relações ao sujeito, a qual é inferida e esclarecida por todos os dizeres prévios de seu ensino, e é por isso que carrega essa convicção. Mas imaginemos um passante que apresentasse um tipo de conclusão tão condensada, sem nada dizer sobre o trajeto que o conduziu até ela? Seria de esperar que ele tornasse sua asserção confiável fundando-a sobre o que se modificou ao longo do trajeto, nas transformações e esclarecimentos retroativos trazidas pelo trabalho da análise ao *sint-trauma* de entrada, e que ele mesmo indicasse o resto de sintoma opaco que não pode faltar. Caso contrário, como poderíamos reconhecer aí um dizer, um dizer que a análise fez “ex-sistir”? e mesmo o Um-dizer *sintboma* de sua análise, se ele não dá a perceber que os grandes ditos desdobrados no curso do trabalho analítico encontram nela sua unidade, e até mesmo seu ponto de estofo? O significante fora de sentido é constituinte, mas a análise procede pelo dizer em ato e, em particular para o analisante, o da demanda, visando, além disso, fazer “ex-sistir um

dizer” pela via da sucessão de ditos de verdade do sujeito. Estes nunca deixam de veicular a castração do sujeito, e através de seu meio-dizer não deixam de instaurar o postulado do sujeito suposto saber. Mas o Um-dizer tem outra função, digamos mais englobante, carrega o Um nodal do metabolismo do desejo e do gozo próprio a cada um. Estas formulações, produzidas no fim do ensino de Lacan e não por acaso, possuem a vantagem de ter um alcance transcultural. Como já disse, todas as estruturas clínicas clássicas se encontram no passe, e aí se deixam reconhecer muito facilmente, de acordo com minha experiência. Mas, em todos os casos, é a análise que está em questão. No testemunho de um passante psicótico, por exemplo, ao menos que acreditemos que há curas variantes próprias às diversas estruturas, pediremos, tal como na do neurótico, que ele transmita o que foi sua análise, o que ela operou sobre seus sintomas identificados na entrada, sejam quais forem, de que maneira ela inflexionou, eventualmente no fim, o desejo que sua interpretação fantasmática continha, e qual é o saldo.

Eu termino utilizando uma analogia, ainda para me fazer entender. Falando das biografias, Lacan dizia que, por vezes, quando uma é bem feita, pode-se vislumbrar a frase única que ordenara toda uma vida. Há disso na *hystorisation* que alguém faz, não de sua vida já *hystorisada* pela análise, mas de sua análise: pode-se perceber aí a unidade de todas as suas opções, e de todos os seus ditos, qualquer que seja *lalíngua* na qual essa unidade se produziu, e perceber assim, ao mesmo tempo, o que religa entre si os sintomas singulares de entrada e as mudanças de fim que o sujeito atesta com seus efeitos retroativos. Essa visada do Um, quer se a transmita simplesmente evocando “a frase” que orienta uma via, ou pelo dizer-*sinthoma* de acesso mais difícil, em todos os casos vale para todas as estruturas. Deve-se fazê-la ex-sistir numa análise, segundo a expressão de Lacan, para ser lida em um passe. E somente ela permite a suspensão, nos julgamentos do passe, não apenas de todas as normas sociais do discurso, a começar pelas normas sexuais, mas também das normas vindas da psicanálise, que se mascaram às vezes na preocupação com as estruturas clínicas, as quais têm certamente de ser identificadas, mas que não têm de ser avaliadas no passe. Compreende-se, com efeito, ao menos eu o espero, que para aquele que permite, em seu testemunho, ler o Um-dizer, o que não implica que ele o enuncie, seu “Um-dizer” a inferir de seus ditos, homólogo no fundo do “Eu sou poema e não poeta” que eu evocava, para este, não é mais necessário perguntar se sua castração foi suficientemente assumida, sua credulidade transferencial suficientemente reduzida, se sua relação ao saber é a boa, se ele assumiu suficientemente a dimensão do “não-saber”, se sua fantasia foi atravessada, se sua relação-sintoma ao parceiro foi afrouxada, se sua estrutura é compatível com a análise etc. É a prova pelo Um-dizer – ela também a ser verificada por suas sequências.

Paris, 09 de janeiro de 2017.

*Tradução de Daniela Scheinkmann e Juliano Moreira Lagôas*

*Revisão final de Sonia Alberti.*

## Traço de gozo, interpretação e final<sup>128</sup>.

Ricardo Rojas, Medellín, Colombia, CIG 2014/2016.

Voltarei a um sonho tomando-o na textualidade do testemunho de uma de nossas AE da EPFCL, apresentado em Vigo em 1 de outubro de 2015, testemunho que ela denominou de *Névoa...*<sup>129</sup>: “Estou sentada em uma cama rodeada de *cucarachas* (baratas), quero abaixar-me, mas não posso porque se me abaixasse pisaria nas baratas e se piso nelas elas fazem ‘CRAC’... E o que é CRAC?, pergunta a analista, ‘um ruído’. Fim de sessão”.

Nesse mesmo testemunho<sup>130</sup>, a então passante adianta para a comunidade analítica uns elementos importantes em relação ao significante *cucaracha*. A trama fantasmática construída pela AE é a seguinte: a mãe na ocasião de escolher um nome para ela tem dificuldade para fazê-lo e escolhe seu próprio nome acrescentando o nome da madrinha da passante e mais o nome do santo do dia de seu nascimento que era o mesmo de um tio, resultando um nome composto de três nomes e qualificado de estrambólico pela passante. Nome esse que a mãe nunca usou pois sempre chamou-a de *Cucaracha* que termina sendo simplificado por seus irmãos como *Cuca*. Em seu testemunho, acrescenta o sentido que conseguiu extrair desta atuação materna explicando-o como o “oxímoro” constituído de um lado pela dificuldade da mãe em assumir um nome e sobrenome de casada, o mesmo da passante e, de outro, não ser necessário para a mãe ser sustentada por nenhum significante, fato manifestado pelo desejo de que em sua lápide não se escrevesse nome algum. Com essa insígnia tomada do Outro – conclui ela – se faz ou se constrói um nome, como defesa “*frente ao real do sem nome, do Outro que não existe, fazendo existir Cucaracha*”.

Sua vida é centrada neste significante, que se manifesta, segundo ela, em um desejo desfalecente que não lhe servia para a vida, com um chamado ao outro em busca de apoio e sustentação “cuja consequência era indefectivelmente o sentimento de sentir-se sempre achatada em – sua existência – pelo peso desse outro sob um significante – pobre *Cuca* – que fechava um círculo infernal”<sup>131</sup>. Primeiramente lhe foi permitido: “longe das lamentações e das reprovações sustentadas nas significações diversas que o sobrenome de *Cucaracha* sustentou durante toda a análise, poder vislumbrar o objeto que havia sido para o Outro materno”.

Conformar-se com esta parte como se fora o todo, poderia ter sido o destino final desta análise, isso caso se ficasse fixado a uma certeza obtida por esta significação capturada do sintoma. Porém, um giro a mais, uma trama a mais e surge a colocação em dúvida de uma significação última, qual seja; ver que há um mais além de uma significação com a que se pode interpretar a vida. Trabalho de elaboração do inconsciente intérprete da passante a partir de vários sonhos separados e a seguir reunidos ao trabalho interpretativo de sua analista.

Com o passar dos meses o cartel número 3 do CIG foi tendo diversas experiências vindas de outros cartéis do passe e recolhendo testemunhos de outros passes, enquanto em nosso cartel nos aproximamos dos textos principalmente os de Lacan, pois evidentemente a experiência sem uma referência aos textos seria uma simples experiência mítica. Pude constatar ali, neste cartel do CIG, como a experiência das análises retirada dos testemunhos ilustram de maneira clara as elaborações teóricas que nos orientam em nosso trabalho. Sentimento que eu já havia experimentado durante os Cartéis do passe quando manifestei que em um dos

128 Produto individual do trabalho do cartel 3, do CIG 2014-2016, sobre o tema “O saber que passa”.

129 Camila VIDAL, Testemunho de passe, «Niebla», Vigo, 1º de outubro de 2015, inédito.

130 *Ibíd.*

131 *Ibíd.*



dois testemunhos escutados nessa ocasião existiam alguns elementos que eram praticamente uma ilustração de certas indicações de Lacan com respeito ao final das análises e presentes na última lição do *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*<sup>132</sup>.

Nossas leituras no Cartel nos levaram ao Seminário de Lacan em Santa Ana *O saber do psicanalista*<sup>133</sup> e para a lição de 9 de maio de 1972<sup>134</sup>, que nos ocupa hoje. Ali Lacan dá importantes indicações tanto para os analistas quanto para os que escutam o testemunho de um passante pela boca dos passadores. Insiste em que não se deve compreender muito rapidamente, e nem passar à subjetivação compreendendo-se o significante nos efeitos dos discursos, portanto, precipitando tudo em um mero formalismo significante que ordena os efeitos de saber. Lacan diz que “não devemos pular um significante”, pular esse elemento essencial, não se pode pular esse significante “que possibilita essa troca de nível” assim, por um instante de “uma impressão de contradição”<sup>135</sup>. Lacan enfatiza que devemos nos deter nesse significante, não pulá-lo, pois passar ao largo implicaria compreender demasiado rápido.

Olhemos o sonho desta analisante levada ao passe como passante e a interpretação por parte do analista. Se o analista tivesse compreendido rápido demais enchendo de sentido o significante *cucaracha*, esse compreender seria apenas um “saber ingênuo” que encobriria o traço de real imposto ao gozo. A analista teria se comportado como uma “nominalista” que só pensa nas representações do sujeito “sua montagem imaginária”. Seria o caso de um analista que, por exemplo, tivesse interpretado o que significa esse CRAC como a representação do achatamento de sua existência pela predominância da frase fantasmática “pobre Cuca”. Porém, a analista dessa passante não interveio acrescentando mais sentidos, mas sim, de acordo com a indicação de Lacan nesta lição do *Seminário*, indicação em relação ao que se chama interpretação, esta analista interveio “em seu discurso fornecendo-lhe um suplemento significante”<sup>136</sup>.

É muito interessante neste caso a interpretação sobre quem disse à sua analisante: “Que é CRAC?”. O analista se detém em um significante: *CRAC*, o analista não passa por cima do significante *CRAC* que possibilita essa troca de nível, significante contraditório, onomatopéico de algo que se rompe e que é claro encobria o traço de gozo. É além disso uma interpretação que em termos do *Seminário 11* mantém a distância entre I, ideal do Eu e o *a*<sup>137</sup>, do objeto *a* minúscula, o que conduz o analisante a abandonar sua idealização edificante. Uma interpretação que mantém a distância entre a chamada Cuca... insignia tomada do Outro, que olha ser olhada pela *cucaracha*, horrorizada pela circulação mortífera do traço de gozo.

A psicanálise o que é? Lacan responde dizendo que: “é a localização do obscurecido que se compreende, do que se obscurece na compreensão, devido a um significante que marcou o corpo”<sup>138</sup>». O obscuro da névoa e o significante *cucaracha* que marcou o corpo.

Por isso, para terminar a lição do *Seminário O saber do psicanalista*, Lacan se pergunta se a partir do esquema do Discurso psicanalítico se pode responder a pergunta: o que se produz a partir da colocação do sujeito no nível do gozo de falar? E assinala que o produto é uma

132 Lacan J., *Seminario 11 Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, Editorial Paidós, Buenos Aires, 1989, p. 279-284.

133 Lacan J., *Seminario 19b El Saber del psicoanalista*, 3 primeras lecciones y media publicadas como texto independiente llamado “Hablo a las paredes”, Paidós, Buenos Aires. El resto de las lecciones fueron llevados por el transcriptor al Seminario ...o peor, Editorial Paidós, Buenos Aires 2012.

134 Lacan J., *Seminario 19 ...o peor*, Editorial Paidós, Buenos Aires 2012, p. 147-164.

135 Ibid., p. 149.

136 Idem.

137 Lacan J., *Seminario 11 Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*. Ibid., p. 281.

138 Lacan J., *Seminario 19 ...o peor*, Ibid., p.149. Ibid., p.162-163.

produção significativa, a do S1, um significante novo, no caso particular que examinamos *crac*, um significante sem significação, Um da diferença absoluta, Um da repetição simplificada que põe fim à repetição vã, sempre a mesma, repetição vã do sintoma, sintoma que termina posto contra a parede, sem mais escolha que isso... o pior, pois não há mais saber que o Um.

Só resta para concluir esta reflexão comprovar o que Lacan adiantou no *Seminário 11*: “Ou seja que, depois da instalação do sujeito em relação ao *a*, a experiência da fantasia fundamental torna-se pulsão<sup>139</sup> – um olhar ser olhado pela olhada se vê tornar voz, um *CRAC* S1 significante novo sem sentido – Lacan nos fala do passe como uma maneira de abordar a relação opaca com a pulsão e de saber como depois da travessia da fantasia, em um mais além da análise, o sujeito vive a pulsão, tema que será abordado no *Seminário 23 O sintoma*<sup>140</sup> com o *saber-fazer-aí com* e no *Seminário 24*<sup>141</sup>, com a *identificação ao sintoma* e o lugar da letra no final de análise. E quanto a esse mais além, esta passante nos mostra ainda todo um trabalho com o significante *névoa* tanto em sua análise quanto em sua experiência do passe. Enxame significante do final com vários significantes, pois no enxame não há só um significante, nem no final de análise há uma só interpretação, uma volta mais para chegar a: queda do sujeito suposto saber com esse...” há algo do real que não foi tocado – interpretação do analista – que produz de forma quase simultânea o atravessamento da fantasia e a queda do Outro; o tempo que transforma esse significante - *cucaracha* - em *sintoma*<sup>142</sup>, resolução da equação desejo do analista.

*Tradução de Elisabeth da Rocha Miranda.*

## Experiência CIG.

Maria Teresa Maiocchi, Milão, Itália, CIG 2014/2016.

“... Então, afinal, a única coisa que pode ser feita pela Escola – pois, um desejo de Escola, nós o gostaríamos de difundir! –, a única coisa que pode ser feita é colocá-la em função; e é o mesmo que podemos dizer da psicanálise”. C. Soler, Milão, 17 de maio de 2015.

“Quanto mais somos santos mais rimos, é meu princípio, e até mesmo a saída do discurso capitalista –, o que não constituirá um progresso se for somente para alguns”. J. Lacan, 1974<sup>143</sup>.

No momento de concluir o percurso de dois anos desse CIG 2014-2016, quero fazer um balanço – para mim, para o trabalho feito em conjunto e, também, para os Colegas italianos que me elegeram – e compartilhar o que foi para mim o CIG como experiência de Escola e de uma incidência particular: do lado institucional – na objetividade dos desenvolvimentos e do trabalho realizado – e de grande ensinamento do lado pessoal: as contribuições de Colegas verdadeiramente “singulares” – conforme as nuances impressionantes que, com

139 Lacan J., *Seminário 11 Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, Ibíd., 281.

140 Lacan J., *Seminário 23 El Síntoma*, Editorial Paidós Buenos Aires, 2006.

141 Lacan J., *Seminário 24 L'insu*, Não publicado.

142 Vidal C., Niebla..., Ibíd.

143 Lacan, J. (1974). *Televisão*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1993, p. 34.

Lacan, devemos atribuir a esse termo – e o afeto da Escola que daí se gerou, imprevisível. Sustentação decisiva, relançamento incansável, do qual Colette Soler é capaz.

O que é o cuidado da Escola, em sua dimensão intensiva epistêmica e nessa realidade ‘social’, que se apresenta nos laços regulados e vivos de analisantes? Nos ‘cartéis do CIG’ e no efêmero dos cartéis do passe, há um experimentar, experiência, prova de uma realidade que se faz psíquica, que se faz estilo de vida e *forma... mentis*, colocação à prova de uma amarração e reenodamento das diversas dimensões, num grupo não pequeno: 16 pessoas, cultura e experiência de proveniências muito diferenciadas, cuja geografia é ampla como se sabe...

*Trabalho*, trabalho exigente, mas sobretudo *encontro* novo, até traumático algumas vezes, numa elaboração de saber que fez emergir sua natureza gaia. Afetiva experiência de laço.

Loucura recusar que ao grupo nos identificamos..., Lacan o diz, mas “não estou dizendo com isso a que ponto do grupo eles devem se identificar...”<sup>144</sup>

Terá sido a resposta original de cada um a assumir até o fim essa interrogativa, lacaniana? “...apórie particular ao grupo analítico” como o diz Colette Soler, entre a dimensão do ‘se associar’ e aquela da singularidade radical: questão – e ensino – que o trabalho desse CIG constantemente visou colocar em jogo: “O início de todo nó social se constitui, digo, a partir da não-relação sexual como furo”, diz Lacan, no mesmo passo.

*Ecco*, é exatamente aí que se dá *uma* Escola: um grupo atravessado, de esparços disparatados, que, no entanto, podem fazer laço, não *apesar*, mas justamente *por* isso. Nem associação, nem massa, nem mesmo um anti-grupo, mas lugar “em que os dispositivos originais privilegiando a transferência com a psicanálise, poderiam [do grupo] compensar a obscenidade”<sup>145</sup>. Então a Escola é seus dispositivos, quer seja no sentido de seus Dispositivos Locais, quer seja no sentido dos dispositivos em ato, que são eles mesmos atos, constituindo – da Escola – a dimensão mais própria, o *passe*, o cartel: *Kern unseres Wesen*, de nosso ser-fazer Escola.

Ao longo desses dois anos, reuniões densas e regulares – duas jornadas inteiras a cada três meses e um trabalho mensal de cartel intercontinental, graças ao bom uso do Skype –, uma assiduidade se afirmou que já por si só coloca em jogo, a título pessoal, e verifica. Série que faz sério. Confrontar em detalhes – frente aos instantes de ver, tempos para compreender e momentos de concluir decididos pelo toque do real em jogo – temas e progresso do *admir* (da) Escola, advento Escola, é a política, a única que nos interessa, a política da psicanálise e, em particular, os *pases* estudados, cada um implicando a escuta da *diz-mensão do particular* – a história sintomática do passante – e a *histo-histerização* singular de seu percurso, enquanto *sinthoma*, escrita bem sucedida de uma amarração nova, escrita nova de um furo, para consentir a acumulação de um saber próprio à dimensão original de *nossa experiência de Escola*.

Na *discrição* a eles requerida no âmbito dos órgãos institucionais, qual a relação entre os membros do CIG e o dispositivo que os elege? Me parece um tema crucial e que o trabalho dos cartéis do CIG evoca, antes de mais nada, evidenciando o cartel como laço

144

Cito a passagem por inteiro: “A identificação em Freud, é simplesmente genial. O que desejo é: a identificação ao grupo. Porque é claro que os seres humanos se identificam com um grupo. Quando eles não se identificam a um grupo, bem, estão bem ferrados, a encarcerar. Mas eu não digo com isso a que ponto do grupo eles devem se identificar. O começo de todo nó social se constitui, digo, pela não-relação sexual como furo. Não dois: ao menos três e, o que quero dizer é que, mesmo vocês sendo apenas três, isso fará quatro. A ‘mais-uma’ estará lá...” (J. Lacan, *Le Séminaire XXII, R.S.I. (1974-75)*, lição de 15 de abril de 1975). Inédito. Ver: <http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-RSI-1974-1975,288>

145 C. Soler, *Les affects lacaniens*, Paris, Seuil, 2011, p. 158.

inédito, novidade e nó do CIG, que chega a forçar as incompatibilidades de espaço e tempo. O cartel constituiu a referência, o *modus operandi* do conjunto do trabalho, seja na formação dos carteis do *passé* que na fórmula dos cartéis do CIG. Sem enfatizar, o cartel tornou-se, efetivamente, o ponto de radicalização da experiência de um saber que mostra, em ato, o seu ponto vital de esvaziamento, saber que passa, que *pasa*, que *ad-viene*, *avènement de réel* ... Os relatórios parciais do trabalho desenvolvido, mesmo em suas suspenções, dos resultados colocados a céu aberto, em uma mesa em Barcelona, *em quanto cartel*, os sucessivos retornos aos textos, mostraram aquele “fazê-la funcionar” que o ex-sistir da Escola requer. O trabalho de uma Escola é uma Escola trabalhando.

Dou-me conta que foi de lá, do trabalho em cartel, que tirei muito das forças para avançar no caminho em meu Dispositivo, do lado das iniciativas a serem postas em ação e do estilo das mesmas, marcado propriamente pela experiência do cartel, na vertente do seminário de Escola e da realização de *Espaços Escola* locais: trabalhos de construção de um lugar para nos confrontarmos sobre a especificidade da experiência e da contribuição dos membros de uma Escola, aquele lugar, base operacional para nos confrontarmos sobre a especificidade da experiência e da contribuição substancial de outrem, ao qual Lacan deu o nome de *Escola* exatamente para aplicar uma tensão entre a dimensão associativa e aquela de um encontro e de uma elaboração à moda antiga, que requer uma experiência localizada, na qual se anime e se encarne um desejo de saber, para “se referenciar ... na estrutura”<sup>146</sup>, o que quer dizer “não sozinhos”<sup>147</sup>. A solidão do ato não é solidão de seus efeitos, só não quer dizer “sozinhos”. Nisso, a atualidade, do *Discurso à EFP de 6 de dezembro 1969*, é extraordinária.

Em outras palavras, podemos ficar realmente animados com o provérbio “Em]<sup>148</sup> Quanto mais somos santos mais rimos”<sup>149</sup> que Lacan nos mostra, em sua lógica, em *Televisão*. Uma pluralidade gaia pertence à experiência de Escola: Lacan não se poupa, seus termos são explícitos, dizendo-se até “moleque”<sup>150</sup> ao usá-los: *alegria dos nossos saberes, bom humor, entusiasmo, alegria naquilo que constitui o nosso trabalho, satisfação de fim, passe* como *Witz* etc. Com essas palavras-chave – observações e indicações [dadas] em particular nos anos 70, com o *passé* ativado e... não completamente bem-sucedido – precisamos nos confrontar, pois uma Escola do *passé* é uma escola do respeito, do entusiasmo do discurso: pelo saber dos textos, pelos novos significantes e as práticas que deles derivam, que eclipsam a fadiga, privilegiando aquela *chance* “de se referenciar (...) na estrutura”<sup>151</sup> que faz – do inconsciente – casa, “lugar para se viver”<sup>152</sup>.

Estar “no trabalho do inconsciente”: modo de evocar o *trabalho* enquanto *travaglio* [como *trabalho de parto*<sup>153</sup>], termo que, etimologicamente em italiano, é da ordem de uma *separação*, de um *se parere* do Outro, mesmo daquele absoluto, que ainda assim nos fixa até o fim na sua órbita vazia, como ouvimos recentemente em Paris. Trabalho que dá frutos, para que não se

146 J. Lacan, *Televisão*, in *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 2003. p. 524.

147 “On n’est pas si seuls. Somme toute” (Afinal, não se é assim tão só), segundo a famosa dedicatória de Lacan ao volume dos *Escritos* de Philippe Sollers.

148 N.d.T.: Foi necessário acrescentar a preposição “em” para equiparar a tradução brasileira àquela francesa, que diz exatamente: “Plus on est de saints, plus on rit, c’est mon principe, voire la sortie du discours capitaliste, — ce qui ne constituerait pas un progrès, si c’est seulement pour certains.” (J. Lacan, *Télévision (1975)*, in *Autres écrits*, Paris, Seuil, 2001. Trad: “Quanto mais somos [em] santos, mais rimos, esse é o meu princípio, ou até mesmo a saída do discurso capitalista — o que não constituirá um progresso, se for apenas para alguns”. J. Lacan, *Televisão*, in *Outros Escritos*, cit., p. 521

149 J. Lacan, *Televisão*, in *Outros Escritos*, cit., p. 524

150 J. Lacan, *Alocução sobre as psicoses da criança*, in *Outros Escritos*, cit., p. 361

151 J. Lacan, *Televisão*, in *Outros Escritos*, cit., cit., p. 524

152 Veja-se, neste mesmo *Wunsch 16*, a contribuição de M.N. Jacob-Duvernet, apresentada em Medellín, *Cores do passé*.

153 N. da T.: em italiano a palavra *travaglio* é reservada ao trabalho *de parto*.

reste prisioneiros de uma *doglia*<sup>154</sup> infinita, como as dores infinitas da “*bela alma*”, especialmente nas condições atuais, em que a psicanálise é atacada, frequentemente e em vários modos, por parte dos mesmos psicanalistas: um trabalho de transferência sem “Transferência de trabalho” dirigida à psicanálise corre o risco de ficar suspenso no imaginário (“terapêutico”) de um Outro garantido, enquanto aquilo do que se trata é de chegar a uma escritura singular, ao singular de uma escritura, que toca o real com o poema que cada um é.

*Tradução de Carolina Cecci Robles e Sonia Alberti.*

## O Passe e a clínica: A questão sobre a “*hystorização*”

Gabriel Lombardi, Buenos Aires, Argentina, CIG 2014/2016.

A *Proposição* de Lacan vai completar meio século, sua prática efetiva, um pouco menos. Nosso trabalho no CIG 2014-2016, tem sido árduo e apaixonante, surpreendeu-me por suas consequências, e também tive a impressão de que outras consequências ainda estão sendo elaboradas. O dispositivo freudiano, menos complexo em sua composição, exigiu muito dos praticantes e um *laps* de tempo maior para que sejam parcialmente esclarecidos seus resultados; as mudanças que implicou a nível da clínica, da concepção sobre as posições do ser e da ex-sistência real do falasser, assim como de seu “único objeto concebível”<sup>155</sup>, a causa do desejo, tiveram que esperar mais de 60 anos para serem parcialmente esclarecidos.

Gostaria de testemunhar sobre algumas impressões e algumas questões que permaneceram abertas, após este meu segundo período no CIG.

1. Uma perspectiva renovada de análise. A elaboração, as perguntas e a decisão do cartel do passe se centram *na transmissão*. A questão sobre o que está em jogo no final de uma análise e no acesso ao desejo do analista deixou de ser respondida conforme critérios que seguem a doutrina em voga; as respostas tenderam em direção ao que o cartel-juri considera que tenha passado ou não através dos passadores, quanto à experiência de análise do passante e, eventualmente, de seu passe de analisante a analista.
2. A *ausência de critérios válidos ‘para todos’ os casos* sugere voltar sobre a insuficiência radical de toda a predicação em relação ao analista. Nada, ninguém, nenhum sujeito pode ser predicado analista, dizia Lacan, e a nomeação de AE recorda o *forcing* com que se resolvem algumas questões na lógica coletiva (asserção da certeza antecipada por Lacan) como na lógica matemática (axioma da escolha ou a hipótese do contínuo por Cohen). O tempo de reflexão do cartel do passe é breve, umas horas, dois ou três dias no máximo, sua decisão implica em um limite temporal finito, se realiza no modo temporal da pressa, restrito por sua composição internacional e pela urgência de voos de regresso.
3. Por outro lado, a força deste dispositivo é notável e também diferente à do tratamento. *Deixa de lado as questões da clínica clássica da psicanálise*. As perguntas essenciais giram em torno da posição da “placa sensível” do passador, sua aptidão para transmitir um desejo novo do passante, um efeito de entusiasmo, ou bem sobre os obstáculos interpostos pelo passador na transmissão, entre os quais: a aversão e/ou a identificação do passador para com o passante. O que recorda o dito de Lacan: *o passador é a essência do passe*. Fascinante, por nos brindar com um esboço acerca do que se trata na análise em sua fase resolutória para quem opta por esse desejo do analista, enquanto que esclarecê-lo, mesmo se parcialmente,

154 N. da T.: em italiano indica, especificamente, a dor que, no parto, é mais ampla do que a das contrações.

155 J. Lacan, *Préface* de 1976, *Autres Écrits*, 573.

deveria também poder atravessar um testemunho indireto.

4. Por outro lado, é surpreendente a desconexão entre o passe e o que eu chamaria de a “antiga clínica de Freud e de Lacan”. As particularidades, essas que todavia pesam forte na clínica (neurose, psicose, perversão simples, homem, mulher, hetero ou homossexualidade etc.), pouco fazem parte dos debates nos cartéis do passe dos que pude participar, mesmo quando eles pronunciaram 4 nomeações de AE. Esta *pureza do momento do passe, liberado das particularidades clínicas*, foi cuidada meticulosamente nos cartéis e também no CIG – a instância que os estabelece e que recebe e registra os resultados mais marcantes colhidos por esses cartéis.
5. Outra surpresa, certamente relacionada com a anterior, foi a precariedade das reflexões sobre a *hystorização* (neologismo introduzido por Lacan no *Prefácio de 1976*), nos debates internos da CIG<sup>156</sup>. A ideia lacaniana convida a voltar sobre os passos de experiência, para situar o apoio que encontrou a análise na *histerização* do sintoma, o empuxo a passar pela posição histórica, que se especifica por constituir o único tipo de sintoma (sujeito dividido) que interroga a posição de semblante ou de agente no laço social. A produção dessa passagem não se restringe às mulheres, inclui os homens, os histéricos e os obsessivos, e talvez sujeitos de outros tipos clínicos têm de passar por lá para terem uma verdadeira experiência de análise<sup>157</sup>. Os resultados recolhidos até agora fazem eco com a expressão *esparsos desparatados* do *Prefácio*, todos singulares, o qual não está mal, mas insuficiente quanto à *hystorização* pretendida, que requereria retomar o sintoma, e *o sintoma se cinge apenas em sua particularidade*. Os resultados do passe apenas se conectam com o fato de que não-todos os AE são do mesmo tipo clínico, do mesmo sexo, da mesma posição em referência ao real mítico e fundamental do pai, nem do mesmo tipo de relação de objeto, heterossexual ou homo? Todos esses dados estruturais, nos testemunhos, costumam permanecer no armário.
6. Essa *hystorização sugerida por Lacan, evidentemente diz respeito à sua ideia da histerização na análise*, com esse “y” (*ípsilon*) de origem grega, uterina, que o francês normalmente emprega para a histeria, mas não para a história (que em grego vai com *iota*). Qualquer que seja o tipo clínico de origem, qualquer que seja o sintoma fundamental, o analisante teve que passar, em sua experiência analítica como tal, não só pelo discurso do analista que o põe a trabalhar desde sua divisão de sujeito ( $a \diamond \$$ ), mas também por sua reação analisante a um outro discurso e, particularmente, ao discurso histórico ( $\$ \rightarrow S1$ , o discurso efetivamente sustentado pelo analisante).
7. O parentesco do discurso histórico com o da ciência converge com o fato de que “todo

156 “D’où j’ai désigné de la passe cette mise à l’épreuve de **l’hystorisation** de l’analyse, en me gardant, cette passe, de l’imposer à tous parce qu’il n’y a pas de tous en l’occasion, mais des **épars désassortis**. Je l’ai laissée à la disposition de ceux qui se risquent à témoigner au mieux de la vérité menteuse. [...] Je l’ai fait d’avoir produit la seule idée concevable de l’objet, celle de la cause du désir, soit de ce qui manque. Le manque du manque fait le réel, qui ne sort que là, bouchon. Ce bouchon que supporte le terme de l’impossible, dont le peu que nous savons en matière de réel, montre l’antinomie à toute vraisemblance”. J. Lacan, *Autres Écrits*, 573.

157 «J’entends beaucoup parler de discours de la psychanalyse, comme si cela voulait dire quelque chose. Si nous caractérisons un discours de nous centrer sur ce qui est sa dominante, il y a le discours de l’analyste, et cela ne se confond pas avec le discours psychanalytisant, avec le discours tenu effectivement dans l’expérience analytique. Ce que l’analyste institue comme expérience analytique peut se dire simplement – c’est l’hystérisation du discours. Autrement dit, c’est l’introduction structurelle, par [P 36.] des conditions d’artifice, du discours de l’hystérique, celui qui est ici indiqué d’un grand H. J’ai essayé de le pointer l’année dernière en disant que ce discours existait, et qu’il existerait de toute façon, que la psychanalyse soit là ou non. Je l’ai dit d’une façon imagée en lui donnant son support le plus commun, celui d’où est sortie pour nous l’expérience majeure, c’est à savoir le détour, le tracé en chicanes, sur lequel repose ce malentendu que, dans l’espèce humaine, constituent les rapports sexuels». J. Lacan. *Séminaire L’envers de la psychanalyse*. Leçon du 17 décembre 1969.

analisante” deve passar por esse modo de laço social. De todos os modos, a pergunta que se coloca para mim é a seguinte: se a *hystorização* da própria análise inclui ou não o apoio encontrado pelo passante em seu *sintoma fundamental*, aquele que precede e permanece subjacente a sua colocação propriamente social, quer dizer, histórica.

8. Nos dois períodos do CIG dos quais participei, só escutei falar de psicose no caso de alguns pedidos de passe que não foram admitidos. Os que foram admitidos são considerados explícita ou tacitamente casos de neurose, como se a passagem pelo discurso analisante excluísse outras opções, ao menos para ser admitido no funcionamento efetivo do passe. Mesmo a pergunta que metodicamente poderia colocar-se acerca do posicionamento subjetivo quanto ao pai como referência real, não parece ser uma preocupação atual para os integrantes do CIG. E de perversão no homem, não se fala mais. Seria *o diagnóstico quanto ao tipo clínico* considerado como um saber de classificação que implica um juízo de valor, desqualificador, ou até mesmo injurioso se não se trata de neurose? O que é contrário ao modo em que trabalhamos em nossa Zona, onde estudamos não somente os déficits, mas também os benefícios a respeito do laço social que fornecem as perversões e as psicoses. Esses três grandes tipos clínicos de sintomas integravam, para Lacan, não apenas o conjunto dos sintomas analisáveis, mas também as três formas normais do desejo.
9. Uma *crítica do juízo psicanalítico* me parece convir para evitar no futuro a atual perspectiva segundo a qual, no passe, tudo devemos à neurose, e que essa é a melhor procedência para o analista, se não a única. Há escolas menos abertas a esse tipo de questão, é claro. Uma integrante da Escola Freudiana da Argentina denuncia como inadequado o fato de que os AE falem de seu passe em público. Não está de acordo que se tome como material de trabalho o que os AE têm publicado de seu próprio passe. Crê combater, assim, o risco de obscenidade com o obscurantismo, esquecendo a sugestão lacaniana, de que entre a vida pública e a vida privada, está a via analisante, que nada tem de assustador; sobretudo se em lugar de contentar-se com fantasias, leva-se em conta a referência essencial da clínica, o sintoma nas neuroses, perversões e psicoses, e o sintoma enquanto analisável, aquele que pode ser descolado de suas aderências fantasmáticas. Esse sintoma se iguala à divisão do sujeito enquanto que, no tratamento, ele se torna intolerável, impossível de suportar, tendo pois chances de se resolver.
10. Seria bem interessante podermos voltar a essa pendência pela qual Freud e Lacan souberam trançar a heurística que os guiou com a *hystorização* própria a cada um, e não precisamente a partir da neurose. Lá incidiram Fliess, Aimée, e também as possibilidades não neuróticas de cada um deles: “se eu fosse mais psicótico, seria talvez melhor analista”, dizia Lacan, e talvez não fosse um chiste. Essa Nova Crítica do Juízo não só requereria, como no tratamento, pagar com o juízo íntimo, mas também com o que podemos explicitar nos debates internos de nossa Escola e, particularmente, nos debates do CIG. As referências atuais seriam não somente aquelas levadas em conta por Freud e Lacan, mas por Kant e Brentano, entre outros. Há reflexões atuais que podem ser levadas em conta nesse debate, por exemplo, para nos afastarmos, a título de amostra, a posição que diverte Pascal Quignard: “O que eu perco em faculdade de julgar (comparar) eu ganho em capacidade em pensar (meditar). Não há mais ponto de vista em minha visão. A ideia de matar, ou de hierarquizar, ou de eleger, se retirou”.
11. Pode-se argumentar que *a destituição subjetiva termina em ato com a divisão do sujeito*. Para que então a *hystorização* sugerida por Lacan para a experiência do passe? Para que voltar sobre a conexão com as coordenadas do começo do tratamento e as referências familiares nas quais a dimensão do sintoma se constitui? Uma explicação possível: o que se joga no passe não é tanto da ordem da *hystorização* do *pathos*, do que da destituição subjetiva, condição

do ato à que a análise brinda acesso. Outra explicação possível, é a insuficiência dos passadores. Mas me parece evidente a incidência da questão em nosso CIG e daqueles que virão depois do nosso.

12. A destituição subjetiva não é um estado permanente, mas uma condição estrutural do ato. Depois do qual, a divisão, condição existencial do sujeito, retorna – qualquer analista o sabe muito bem, e com isso sabe lidar. O próprio Lacan se sentia culpado, réu, do sintoma, e foi por isso que tinha que passar a vida passando o passe. A articulação entre uma e outra dessas posições, destituição e sintoma, seria não somente interessante, mas também pertinente para nossa concepção do passe, que tem a estrutura de um julgamento, não de atribuição mas de existência – do desejo do analista.

Yacanto, 6 de janeiro de 2017.

*Tradução de Maria Helena Martinho e Sonia Alberti (para a 2a. versão).*

## PRODUTOS DOS CARTÉIS DO CIG

### CARTEL “O PASSO DE ENTRADA / A NÃO ENTRADA”

#### *A histerização de entrada em análise.*

Colette Soler, Paris, França, CIG 2014/2016.

Fala-se frequentemente da histerização do sujeito como condição de uma entrada em análise. Minha questão diz respeito à histerização do histérico.

A noção de histerização na entrada poderia levar a pensar que o passo de entrada em análise é uma passagem para o discurso histérico? Será esse o caso? O sujeito histérico, diz Lacan, é “o inconsciente em exercício” e, com efeito, o sujeito barrado da histeria é o suposto das formações do inconsciente, dos sonhos, lapsos e, além disso, sintomas. Concebe-se que a histeria seja predisposta à transferência na qual o falante se endereça ao outro a partir do significante de seu sintoma,  $S \longrightarrow S_q$ , e que a transferência tenha, ela mesma, uma estrutura que avizinha em muito aquela do discurso histérico, do modo como Lacan o escreve finalmente a partir de 1970,  $\$ \longrightarrow S1$ . Não é a mesma estrutura do discurso analítico, no qual a posição do sujeito não interpela seu outro, e sim, o próprio sujeito está submetido à “questão do mais de gozar”, em que é solicitado, portanto, a produzir uma resposta e não de esperá-la do outro. É uma importante mudança de posição.

Ora, a histeria, masculina ou feminina, quer colocar o outro a trabalho, “o que o Senhor diz disso, professor?”, o outro que, certamente, ela ceva com seu amor mas apenas para solicitar e interrogar seu desejo e, notadamente, seu desejo de saber o que ela é, essa amorosa, e não se pode dizer que Freud não foi sensível a isso.

Sobre esse ponto a tese de Lacan na Yale University, em novembro de 1975, é radical: foi porque suas históricas afetaram Freud que ele inventou as regras do dispositivo e, diz ele, a título de uma proteção sadia contra essa solicitação diante da qual ele não podia não estar



afetado<sup>158</sup>. Conhecemos essas regras. A primeira dentre elas, a fundamental, é a associação livre que convida a “dizer bobagens”<sup>159</sup>, ou seja, significantes, já que o significante é bobo. Ela convida a suspender a visada da interlocução a fim de dizer apenas o que se tem na cabeça, o que se formula em nosso espírito, não mais falar para, ou falar por, mas falar sem pensar, falar por nada de alguma forma, o que exige uma certa forma de desistência do ego em suas relações com o outro. É o que Lacan chama de trabalho analisante e sobre esse ponto a histeria é, antes, resistente, sobretudo quando os primeiros enlaces do amor de transferência começam a esmorecer.

Quanto a Freud, apesar das regras do dispositivo, solicitado pelos histéricos, podemos dizer que ele colocou a interpretação a trabalho, e é isso o que Lacan chama de “seus amores para com a verdade” na *Carta aos italianos* de 1973. Colocar a interpretação a trabalho consiste em não apenas se fazer a causa do trabalho de articulação da verdade pelo analisante,  $a \longrightarrow \$$ , mas também em se trabalhar a si mesmo nessa articulação, o que coloca o analista no lugar do S1 no DH,  $\$ \longrightarrow S1/S2$ . Eis porque Lacan pode formular, sem irreverência, que o discurso analítico supõe a queda do modelo freudiano. Os amores de Freud com a verdade, o colocavam do lado da parte articulável da verdade. Ora, é pelo impossível de articulá-la toda que ela toca o real. Quando Freud percebeu a medida dessa outra parte, isso que remói do lado do impossível de dizer, o que produziu foi a pulsão de morte. Maneira de aproximar o que vai contra o princípio do prazer, que chamamos de gozo, mas cujas formas são múltiplas e bem mais variadas do que permite supor esse único termo, aporético: pulsão de morte.

Em outros termos, a histerização na entrada é necessária até mesmo para o histérico, e se produz somente com o ato analítico pois essa entrada violenta a estrutura do histérico que, no fundo, é quase a mesma que a da transferência. De uma certa forma e contrariamente ao que se pensa em geral, é mais fácil ao obsessivo abrir mão da interlocução, pois ele se satisfaz tanto com seus pensamentos íntimos que já está habituado a falar com seus próprios botões. Mas para ele também há dificuldade, pois falar com seus botões ele o faz, geralmente, em voz baixa, e agora é preciso falar em voz alta, mas em voz alta o hábito que tem é o de fazer falar seu ego e seu inchaço narcísico. Mesmo assim, o falar por nada, se posso dizê-lo assim, da associação livre, que reduz o vetor da intensionalidade, lhe convém muito bem, enquanto que a falação histérica jamais quer falar por nada, apesar das aparências, ela quer sempre tocar o outro.

Ela chegou a sê-lo, com Freud, esperemos que, com Lacan, lhe ocorra mais frequentemente a ser [a isso] forçada pelo ato analítico.

20 de dezembro de 2016.

*Tradução de Sonia Alberti.*

158 Conférence aux USA.

159 LACAN, J. *Le Séminaire, livre XX, Encore* (1972-73). Paris, Seuil, 1973. p. 25.

## CARTEL “O SABER QUE PASSA”.

### Uma difícil relação com o saber<sup>160</sup>.

Sol Aparicio, Paris, França, CIG 2014/2016.

“Todo pasa y todo queda,  
pero lo nuestro es pasar,  
pasar haciendo caminos [...]”  
Antonio Machado (1875-1939).

“*O saber que passa*” é o que nos demos pelo trabalho a fazer em cartel. Originalmente, a ideia desse título era a mais simples: interrogar o que, do saber ics em jogo no curso de uma análise, do que ali se elabora e se modifica, *passa*<sup>161</sup>. Interrogar, pois, repito, o que, no momento do testemunho do passante que os passadores têm a tarefa de escutar e de transmitir, logra se fazer ouvir junto ao cartel que tem a função de juri. Digo “logra se fazer ouvir”, pois é o *falasser* que está em jogo com o dizer que sua fala veicula. Mas também poderíamos formular isso em termos de leitura, dizendo que o saber que passa é aquele que se dá a ler, se torna legível.

“*O legível, é nisso que consiste o saber*”<sup>162</sup>. Por Lacan ter dito isso, nós o tomamos como uma evidência. A experiência nos mostra, no entanto, que isso não é evidente, ela faz aparecer o quanto o discurso do analisante é, antes e sobretudo, confuso, quanto tempo e trabalho são necessários para que o saber próprio do sujeito se torne legível.

“*O saber que passa*”<sup>163</sup>.

Evidentemente, rapidamente nos demos conta que um tal enunciado contém equívocos. “O saber que passa” é também aquele que não fica, aquele que se esquece. Esse esquecimento, aliás, é precisamente o que o passe é chamado a contrariar. Tanto em um quanto em outro sentido, esse saber que passa diz respeito ao passe.

Mas, que um saber se esquece, que ele não fica, que ele passa..., quer também dizer que ele se apaga? Não. Pois onde é que ele pode cessar de ficar esse saber, se não é na consciência? O saber insabido que é o ics, este não se apaga<sup>164</sup>. Ele fica, permanece e em nada se apaga, pois ele não cessa de se escrever – é por isso que Lacan o diz Real (com efeito, Lacan terminou por considerar que o Real se escreve, que ele não cessa de se escrever e que é somente graças a isso que ele aparece<sup>165</sup>.)

Dito isso, em 1972, falando do “saber do psicanalista” durante as “Apresentações em Sainte-Anne”, Lacan observava que: “o saber do qual se trata (na psicanálise) não passa facilmente<sup>166</sup>” (Nosso cartel se interessou, naturalmente, por essa série de apresentações que Lacan tinha intitulado “o saber do psicanalista” e que ele seguia naquele ano paralelamente a seu *Seminário ...ou pior*). Ele sublinhava então o fato de que o discurso analítico coloca o

160 Retomo o título dado à breve contribuição publicada no n°6 do Boletim *Ecos*.

161 N. do T. Em francês, *passer*.

162 J. Lacan, Séminaire “Le moment de conclure”, 10/01/1978.

163 N. do T. Em francês, *passer*.

164 Não nos esqueçamos do que Lacan insitia em lembrar ainda no final de sua vida: “O ics permanece sempre Outro”. Cf. ... ?

165 J. Lacan, *Seminário “O momento de concluir*”, 10/01/1978: “Qual é o laço, se não o lugar, da representação do escrito? Temos a sugestão de que o Real não cessa de se escrever. É pela escrita que se produz a força. Isso se escreve, do mesmo modo, o Real. Pois é preciso dizê-lo: como o Real apareceria se ele não se escrevesse?”

166 J. Lacan, “O saber do psicanalista”, 4/11/1972.

psicanalista numa posição difícil e ele precisava o que queria dizer com isso: “o que é difícil é a relação do psicanalista com o saber<sup>167</sup>”.

É próprio do saber, explicava ele, ter uma consistência tal que quando se sabe alguma coisa, se sabe que se sabe. Mas era do eu que Lacan falava quando fazia essa observação, para sublinhar a novidade da psicanálise, o desafio que nos lança sempre, aquele de um saber irremediavelmente insabido de mim.

É essa subversão na função do saber que não passa, que não passa na consciência comum, poderíamos dizer. E é porque o novo estatuto do saber inaugurado pela descoberta freudiana traz, necessita, de uma nova modalidade de discurso. Essa novidade que inicialmente ele havia qualificado de acontecimento, “o acontecimento Freud”, o acontecimento do dizer de Freud, talvez os psicanalistas ainda têm dificuldade de integrá-lo. O jogo ainda não está ganho.

Nesse discurso, a *Verneinung* freudiana ocupa um lugar de primeira importância. Inicialmente Lacan o traduziu falando de “denegação”. Depois, ele o assimila à mentira, na medida em que a *Verneinung* nos mostra que “é preciso dizer uma coisa falsa para conseguir fazer passar uma verdade<sup>168</sup>”. Ora, o próprio da consciência é precisamente “sustentar com sua consistência esse falso”. A consciência se presta à falsidade. Daí é preciso concluir que ela se opõe ao verdadeiro, e situar o verdadeiro do lado do saber que não se sabe. Mas que pode se dizer.

Aí nos damos conta de como já não se trata para nós, como Freud o quis inicialmente, de fazer passar o ics ao consciente, mesmo se isso sempre constitui uma boa parte desse *fazer* analítico – no qual Lacan distinguia a tarefa analisante e o ato analítico. Trata-se, dirá ele *no fim das contas*, de “saber se virar”, saber se virar com o que permanece insabido, com o insabido que fica, o real do ics. *No fim das contas analíticas*, se posso dizer, é esse saber se virar aquele que é testemunhado por certos passantes.

Há algo do saber-fazer nesse “saber se virar”. Um saber-fazer que é aquele do analisante, mesmo se convém acrescentar que ele deve alguma coisa ao saber-fazer do analista. Pois, tal como Lacan o observou, a análise é praticada em par, há o “interempréstimo<sup>169</sup>”, um interempréstimo de significantes. Eis, sem dúvida, porque Lacan falou de um “saber-fazer analítico”, um saber-fazer que devemos ao discurso analítico<sup>170</sup>.

Quanto ao saber-fazer, Lacan evocou tanto o escravo quanto o artista, ambos submetidos a serviço do Um<sup>171</sup>. Picasso o formulara de sua maneira, quando declarou: “a pintura é mais forte do que eu, ela faz de mim o que ela quer”. Artista e escravo ao mesmo tempo. Mas foi sobretudo a arte de Joyce como escritor a que chamou a atenção de Lacan, ele saudou o saber-fazer de Joyce com a escrita e observou que os poetas não sabem o que dizem...

O que Joyce sabia de seu saber-fazer? A questão tem o sentido de colocar em relevo que há saber no saber-fazer. O saber-fazer atesta um saber passível de ser dele extraído. Isso para dizer, mais uma vez, de nossa dificuldade nessa questão de saber. Se partimos do ics, a distinção entre saber e saber-fazer se mostra menos evidente do que parece. Lembremos o que

167 Ibid., 1/06/1972.

168 J. Lacan, Seminário “L’insu que sait de l’une-bévue s’aile l’amour”, 15/02/1977.

169 “A interpretação deve ser presta para satisfazer o interempréstimo”. J. Lacan. *Televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993. p. 81.

170 Cf. J. Lacan, *Séminaire XVII, L’envers de la psychanalyse*, 17 décembre 1969, Seuil, 1991, p. 38: «É (do lado do analista) que há S2, que há saber – quer ele adquira esse saber escutando seu analisante, quer se trate de um saber já adquirido, localizável, e que, a um certo nível, podemos limitar ao saber-fazer analítico».

171 O que sugere a observação de Lacan quanto aos escravos de Miguel Angelo, é que a obra torna escravo e faz esquecer *quem* comanda. Ver a última lição de *...ou pior*.

Lacan dizia no final de seu *Seminário Mais, ainda*, passagem bem conhecida em nossa Escola: “o ics é um saber, um saber-fazer com a *lalangue*. E o que sabemos fazer com *lalangue* excede em muito aquilo de que podemos dar conta a título da linguagem”. Sempre somos excedidos por esse saber-fazer do ics, excedidos, reduzidos à tarefa, à tentativa de torná-lo um “saber enunciado”!

E, no entanto...

Há um saber que funda o saber-fazer, um saber do qual o saber-fazer deriva. É o caso, me parece, quando se trata do psicanalista. Isso supõe que admitamos a ideia de um saber-fazer *do* psicanalista, distinto do saber-fazer *de um* psicanalista, ou seja, sua forma particular que cada analista pode ter de se colocar no manejo da transferência com cada um de seus analisantes.

De início podemos dizer que “o saber do psicanalista” é aquele que lhe vem de Freud, de Freud tal como Lacan pode dá-lo a ler para nós. Citemo-lo: “Para dizer a verdade nua e crua que se inscreve a partir dos enunciados de Freud sobre a sexualidade, não há relação sexual”<sup>172</sup>. Lacan qualifica o saber do psicanalista de saber da impotência. Mas também é um saber do impossível. Esse saber da não-relação, específico do discurso analítico, se encarna na experiência que é a nossa no real com o qual ela lida: o sintoma. Ora, o que é que a experiência nos ensina a propósito disso se não que contra o gozo que faz consistir o sintoma somente o desejo do saber opera? Esse é o saber-fazer do psicanalista.

Somos sempre excedidos... mas se o analista está presente, há o desejo..., o desejo curto e grosso, pois intransitivo por definição, “curto” e que corre e discurto, se me permitem essa brincadeira fácil. O desejo corre e discurto relançado como é pelo insabido...

### **Para terminar.**

Sabemo-lo, é porque há o insabido, porque o saber falta, também no que concerne a passage ao analista, que Lacan propôs o passe. Foi uma oferta, no sentido literal. É importante levar isso em conta. O passe é uma oferta de testemunho de sua experiência que o passante faz à Escola. E não, tal como isso é frequentemente dito, uma demanda<sup>173</sup>.

*Tradução de Sonia Alberti.*

172 J. Lacan, *Compte-rendu du séminaire ...ou pire, Autres écrits*, p 549.

173 É então que a gente encontra pessoas que se sentem, como dizia Lacan, “retocadas”. (Cf. J. Lacan, *Conferência em Genebra sobre o Sintoma*, 1975.)

## O saber adquirido/para quem<sup>174</sup>

Jean-Jacques Gorog, Paris, França, CIG 2014/2016.

Argumento: esse saber insabido, dito inconsciente, em que se modifica por ter sido mexido em análise, ou melhor, o que é que muda? O sujeito? E o que podemos saber desse saber insabido quando passa pelo relé de um passador? Encontramos nele algum traço do saber-fazer do psicoanalista?

É sobretudo esse último ponto que submeto à atenção de vocês. E em primeiro lugar, como encontrar um traço desse saber-fazer? A partir do que é instaurado pelo dispositivo como eco de um tratamento – aquele que os passantes transmitem –, a resposta consiste no que diz o testemunho quanto ao saber-fazer do analista. Gostaria de voltar às referências que a clínica nos oferece e pelas quais podemos ter uma ideia do saber-fazer do clínico. Várias situações nos vêm à lembrança.

A primeira é a apresentação de doentes na qual, uma das coisas que se aprendem, diante desses doentes que frequentemente já encontraram muita gente, inclusive analistas, ao longo de seus percursos movimentados, inclusive analistas, é: como os clínicos que os escutaram souberam lidar com eles. Conforme o caso, a diferença é visível, e testeunha que houve ou não um saber-fazer com a clínica. Evidentemente que aqui não se trata de psicanálise... no entanto, do ponto de vista de Lacan, a questão da psicanálise podia se colocar e até mesmo se colocou com frequência, por exemplo quando o paciente quando o paciente estava em análise antes da hospitalização.

Na mesma orientação, há a questão da análise, quando se é segundo. Lacan tinha sensibilidade para isso e me a confessou, quase se desculpando, em relação a uma pessoa que não estava bem, quer dizer, visivelmente estava bem mal, observando que uma análise fracassada é irreversível, que ele mesmo não pode recuperá-la. Que essa observação evoca o fracasso dele em nada desmerece a questão sobre o saber-fazer ou não do analista que o precedeu.

Há também a supervisão, oferta para que cada um dos jovens ou menos jovens analistas, aprenda a ousar e adaptar seu saber-fazer próprio, e isso, em cada caso, ou seja, que o autorise a inventar “seu” saber-fazer. Eis certamente a razão de Lacan ter sustentado o ponto de vista do analista em supervisão, dando-lhe sempre razão.

E por fim há o passe. A referência aos psicanalistas do passante, um ou vários, é essencial aqui. Insistiu-se muito sobre a presença ou não, no testemunho, das intervenções/interpretações do analista. De fato, acontece que estas têm um papel importante no testemunho do tratamento, mas também acontece que não tenhamos disso qualquer traço. Não pode ser um elemento decisivo: o saber-fazer pode se fazer discreto, é o que depreendo da fórmula de *Televisão*:

“A interpretação deve ser presta para satisfazer o interempréstimo”<sup>175</sup>

Um pouco de lógica. Se o “não faço você dizê-lo” é a fórmula da interpretação, então é legítimo pensar que o analisante que se deu conta do que enunciou sem sabê-lo – e no momento em que o descobre – não o atribua ao analista, mas a sua própria produção.

Essa fórmula de Lacan contem um equívoco entre duas partes, uma relativa ao saber insabido do inconsciente, é o “você o disse” que remete diretamente para as formações do inconsciente. Mas há algo mais, outra dimensão dessa interpretação que Lacan sublinha:

174 N.do T.: Homofonia entre as palavras «acquis», adquirido e «à qui», a quem.

175 J. Lacan. *Televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993. p. 81.

“Tanto menos o assumo por minha conta que, uma coisa assim, não o fiz dizê-la por quem quer que seja”<sup>176</sup>.

Essa segunda parte diz respeito a quem intervém, o psicanalista, e sabemos que há essa dificuldade atestada sem cessar pela clínica, independentemente do que o psicanalista tenha efetivamente dito: “meu psicanalista disse que...”, marca a dimensão na qual a interpretação é a interpretação da transferência no sentido em que se trata de reduzi-la, reduzir o engano imaginário. É quanto a isso que se requer o saber-fazer do psicanalista como o mostra bem o fato de Lacan evocar o “manejo” da transferência.

Se retomamos essa dupla entrada, que toda palavra do analista requer, tentando situá-la em relação aos quatro discursos que regulam os laços sociais, devemos reexaminar a função do saber em cada um deles, o que não é sem certa dificuldade.

A primeira concerne ao status do saber no discurso do inconsciente. Sabemos que esse discurso duplica de forma idêntica o Discurso do mestre. Ora, neste último, está claro que o saber do escravo não é um saber insabido, mas um saber-fazer.

$S_1$	→	$S_2$	
-----		-----	Discurso do mestre
§		<i>a</i>	
Mestre		Escravo	

Esse saber é, sem dúvida, insabido, mas apenas para o mestre, com a ressalva de que nada quer saber do saber de seu escravo. O escravo trabalha para o mestre e sabe o que tem que fazer. O que então acontece com o saber no Discurso do inconsciente? Poderíamos pensar que está aí o saber insabido das formações do inconsciente, mas me parece que o saber não pode ao mesmo tempo ser um elemento do discurso e o discurso ele mesmo, daí, o que seria o discurso inconsciente se não o próprio saber inconsciente? Também levantei a ideia, frente à insistência de Lacan em descrever o inconsciente como o trabalhador<sup>177</sup>, que o que se escreve como S2 nesse discurso provém, também, paradoxalmente, do saber-fazer.

A coisa fica mais simples nos outros discursos. Assim, no Discurso universitário, o saber S2 é um saber já depositado, ocupa as estantes da biblioteca e está disponível. Não é nem saber-fazer, nem insabido.

$S_2$	→	<i>a</i>	
-----		-----	Discurso universitário
$S_1$		§	
§	→	$S_1$	
-----		-----	Discurso histórico
<i>a</i>		$S_2$	

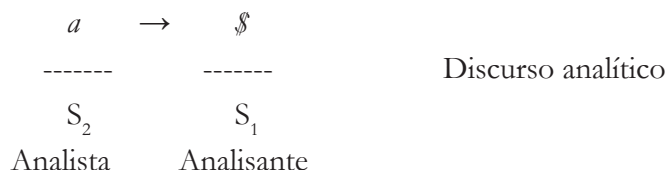
Quanto ao saber do Discurso histórico, é um saber *in progress*, um saber a ser produzido. Trata-se da busca pelo saber do mestre, certamente insabido por este, um saber que ele deve fabricar para satisfazer a demanda histórica. Eis porque Lacan o aproxima do discurso da ciência, com a ressalva de que o homem de ciência não tem ninguém que o questione (em

176 Cf. J. Lacan, L'Étourdit, *Autres Écrits*, p. 492.

177 Cf. J. Lacan, Télévision, *Autres Écrits*, p. 518.

princípio, porque a questão sempre vem do Outro) que o questione e o force a fabricar um saber novo.

Sossobra o discurso analítico.



É aqui que o S2 assume seu valor de saber inconsciente, de saber insabido. Ele é o que vem no lugar da verdade sem que o analisante o saiba de antemão, à medida em que endereça sua fala ao analista e que o analista faça de sua interpretação um corte, no sentido acima definido. Isso deveria surpreender-nos moderadamente porque, para Lacan, o deciframento do inconsciente somente é possível no tratamento, quando essas duas dimensões estão presentes: as formações do inconsciente e a transferência. Lacan aqui se separa de Freud para quem bastava reconhecer a existência do inconsciente. Foi necessário que Ferenczi impusesse que o analista tenha ele próprio feito uma análise. É necessária a prova da transferência durante toda duração do tratamento.

Essa retomada, pouco aprofundada já que seria necessário verificar a função de cada um dos termos presentes conforme os lugares que ocupam, nos permite perceber que o equívoco em questão a propósito da interpretação comporta bem essa ordem S1//S2 do discurso analítico onde aparece o saber insabido do inconsciente. Ao mesmo tempo, essa coisa central e distinta, o saber suposto atribuído ao analista no registro do que se chama transferência, outra vertente do equívoco, por dizer respeito a um outro modo do saber. Se necessitará de todo saber-fazer do psicanalista para reduzi-lo.

Poderemos discutir o que proponho aqui como relativo a um instante e que não implicaria o fim nem a passagem ao analista. Mas são precisamente tais momentos os que, por poderem indicar uma mudança, nos interessam especialmente.

O que ganhamos com essas precisões sobre as formas do saber a propósito do passe? Parece-me que distinguir as duas modalidades de saber descritas aqui, enunciadas pelo equívoco interpretativo, permite melhor avaliar suas presenças nos testemunhos do passe, mesmo quando aparecem sob forma um pouco mais ou menos mascarada.

Dessa maneira, por exemplo, as mudanças de analista implicam de-suposições de saber, mas como o mostra a continuação da análise com outro, não necessariamente se trata de uma de-suposição de fim, mas, por exemplo, da crítica a uma observação do analista que o sujeito não reconheceu como sua. É interessante observar o fato de que algumas vezes os passadores não se interessam tanto por essas passagens de um analista a outro.

21 de janeiro de 2017

*Tradução de Sonia Alberti.*

## O saber-fazer do analista e o toque.

Maria Luisa de la Oliva, Madri, Espanha, CIG 2014/2016.

Assim como Menon pergunta Sócrates se a virtude se ensina ou não, nós podemos nos perguntar se ser analista é algo que se ensina ou não e, portanto, se isso pode ser aprendido. Podemos responder que ser psicanalista não é da ordem da mestria. Não há mestres nem alunos, e o que se transmite não é o saber mas o desejo de saber. Por isso, o que se ensina não depende do saber acumulado, mas da maneira pela qual esse saber foi preso, enodado, incorporado por aquele que transmite um ensino que é enodadoem sua própria experiência em análise.

A pergunta que Lacan se coloca desde cedo é sobre o lugar que o analista deve ocupar e quais são as condições para isso. Ao longo de seu ensino, vai edificando pilares em referência a essa coisa difícil de cingir que é o saber do psicanalista. No Seminário sobre a *Transferência*, situa esse lugar em relação a certa operação que implica a ordem de um vazio.

Nas conferências que Lacan deu em Sainte Anne em 1971 sobre o saber do psicanalista, ou seja, dez anos depois do Seminário sobre a *Transferência*, observa que “a questão do saber do psicanalista não é de modo algum saber se isso se articula ou não, mas *saber em que lugar se deve estar para sustentá-lo*”<sup>178</sup>. Mas uma coisa é saber em que lugar se deve estar para sustentá-lo e outra, saber sobre esse mesmo lugar no qual se está, já que o discurso do analista não é da ordem do conhecimento por não haver uma relação entre o conhecimento e o objeto *a*. O importante, de novo, para Lacan é que é preciso estar em um lugar determinado para que esse saber possa ser sustentado.

Na “Nota italiana” (1974), afirma que, apesar de a análise ser uma condição necessária, não é suficiente para ser analista. Deduz disso que ser analista não é para qualquer um. “De onde surge o analista é do não-todo” e, para isso, é preciso levar em conta o real como resultado da nossa experiência com o saber.

O real que interessa à psicanálise é o sexual. Se o analista pode circunscrever a causa de seu horror ao saber, horror frente a existência desse real, então “ele saberá ser um dejetivo”. Quer dizer, poderá ocupar a posição daquilo que, para o sujeito, se apresenta como causa de seu desejo.

O que não pode ser apanhado e que chamamos *a*, é o que ocupa o lugar do semblante no discurso do analista, resultado da operação que se produziu em sua própria análise. Precisamente isso é o que está escrito na parte inferior do dito discurso. Ali, o que ocupa o lugar da verdade é o saber, saber do analista, podemos dizer, e que é feito com os efeitos da constatação – através das voltas em análise – de que entre S1 e S2 há um abismo. Esse abismo vai ser o Um que insiste, e que tem como consequência que a verdade só pode meio dizer-se. Podemos dizer que esse é o núcleo essencial do saber do analista. É um real que precisamente é o que o faz se sustentar como discurso.

Vale a pena ressaltar a diferença entre saber-fazer (*savoir-faire*) e saber se virar (*savoir y faire*). Saber-fazer é o conhecimento prático de alguma atividade. É um componente essencial de uma arte ou ofício, mas não cabe num livro de receitas. Aponta para a experiência, mas não apenas, já que inclui o tato, a mão esquerda, que acrescentam algo a mais à experiência. Por outro lado, o saber se virar (*savoir y faire*), se refere à capacidade de manejar algo, de se saber manejar algo, saber dar seu jeito.

Podemos dizer que o saber-fazer do analista está articulado em parte ao saber do

178 Conferências de J. Lacan em Sainte Anne, 4-11-1971. Ed. Paidós. P. 44



analista. Observava acima que o analista é um produto contingente da operação analítica e, portanto, nem sempre sobrevém. O saber que se extrai da experiência analítica é o do inconsciente levado até o limite do não sentido, do não sabido que se goza. É um saber que já não é suposto, e é um saber sem sujeito, e que também implica saber como se embaralhou em seus sintomas, e um certo saber se virar com isso. O que foi produto de um ato e que não é da ordem nem do conhecimento, nem da informação, ideais de nosso tempo, isso é ensinável? O passe nos mostra que há algo disso que passa e que também nos ensina<sup>179</sup>.

Do que depende a questão do tato, ou do *toque*, implícita no saber-fazer do analista e que não é algo que se pode ser atribuída ao conhecimento? Podemos dizer que tem a ver com o saber extraído da sua experiência como analisante. É o tratamento o que pode conduzir ao saber se virar: um saber fazer com o sintoma, que acompanha, par e passo, as voltas necessárias numa análise para localizar as zonas obscuras, impossíveis para o saber, cujo território é o real. Atrevo-me a dizer que o saber do analista é um efeito de saber de sua própria análise, sobre o não sabido, que pode permitir, contingencialmente, um saber-fazer como analista, e operar como tal, dado que sua própria análise o conduziu a algo da ordem de um dejetivo, de um esvaziamento do gozo imprescindível para poder oferecer vacante esse lugar a outro analisante, como o diz Lacan no Seminário sobre a *Transferência*. Apesar de se darem as condições necessárias para poder operar, penso que é preciso acrescentar outra coisa a esse saber-fazer. Trata-se do *toque*<sup>180</sup>. Podemos chamá-lo estilo? É aqui que levanto a hipótese de que seu estilo deriva de seu saber se virar [*savoir y faire*], da identificação com seu sintoma. Isso é o que pode lhe dar ainda um certo *savoir* – palavra feita com sabor (*savour*) e saber (*savoir*) – um determinado sabor do saber, um certo paladar, e que pode conduzir os tratamentos com um toque pessoal, um quê. Isso que, na elaboração de um prato, não está na receita. Assim coloco uma trança entre o saber do analista (*savoir de l'analyste*) – saber-fazer do analista (*savoir-faire de l'analyste*) – e saber se virar com seu sintoma (*savoir y faire*). É esse último que daria o toque particular ao saber-fazer como analista, resultando disso que não há modelos para os analistas. Não há um igual ao outro.

Saber se virar do qual os artistas nos ensinam qual é seu «instrumental». É esse justamente o título do livro de James Rhodes em que testemunha da maneira pela qual, com a música, pode construir um nó que lhe permite viver em vez de se suicidar.

Esse saber se virar também está tanto do lado do analisante quanto do analista, na medida em que ambos são seres falantes, submetidos, portanto, ao mesmo impossível da falta de saber do sexual. Ambos se posicionam diante dos adventos do real. A diferença reside no fato de que o analista é suposto estar advertido da existência do dito real, e ter chegado a saber como se embaralha com seus sintomas, e como se desembaralha; é suposto ter encontrado uma maneira não tão sofrida para lidar com esse impossível, para o que, em sua análise, teve que abrir mão de seu horror a saber e incluí-lo como parte da constituição de seu núcleo sintomático, e não se deixar enganar demasiadamente por aquilo que o vela. Isso pode lhe permitir seguir a pista do analisante quanto à sua maneira de enodar-se ao longo do tratamento. Precisamente no Seminário do *L'insu*, Lacan diz que o passe consistiria em reconhecer o que é um nó borromeano no passante.

Não se trata de saber o real, pois isso é inacessível, mas levá-lo em conta na medida em que existe. Existe o real e existe o gozo. Isso é da ordem do Um que insiste, do que não

179 Há uma analogia entre ensinar e mostrar.

180 Encontro com surpresa que no *Seminário sobre o desejo e sua interpretação*, na lição de 18 de março de 1959, Lacan utiliza a palavra *toque* para dizer que a representação de uma obra é diferente de sua leitura, pois isso introduz a dimensão do corpo, ou seja, aquilo de que o corpo se provê. De modo que observa uma certa afinidade entre o que precisa representar e seu inconsciente. Isso que acrescenta, não é o que constitui o essencial do comunicado na representação do drama.

cessa de existir até a morte. O real é inamovível, a análise não o modifica justamente porque ele é da ordem da existência. Mas a análise pode produzir mutações na posição frente ao real. Essa é a aposta. (Um analisante conta como o aparecimento do sangue ao urinar foi uma quebra em sua vida, algo que produziu um antes e um depois, algo que mudou a narrativa de sua vida. Foi diagnosticado com câncer. A partir desse acontecimento, cada vez que vai urinar, não pode deixar de fixar-se em se há ou não sangue, porque não quer voltar a se encontrar com outra quebra em sua vida. Quanto mais quer evitar que advenha o real, tanto mais fica obsedado para olhar se há sangue. É impossível poder controlar isso).

O real é sem remédio, como diz Camila Vidal, expressão que gosto muito, pois isso implica que não há nem cura, nem correção, nem auxílio. Apenas a advertência. Estamos advertidos diante do real, e isso, tomando emprestada a tese de Gilles Lipovetsky em seu último ensaio, produz um efeito de “leveza”<sup>181</sup>.

Em *O saber do psicanalista*, Lacan define a psicanálise como “a referência do que se obscurece na compreensão, devido a um significante que marcou um ponto do corpo”<sup>182</sup>. A psicanálise então é uma zona *entre* luzes e sombras. Então, se no passe se dá o testemunho do que aconteceu em uma análise, também aqui é necessário que esteja a meia luz, como na letra do tango.

Se o Real é “o mistério do corpo falante”, desse corpo “parasitado pelo significante”, se com ele só podemos nos virar na obscuridade<sup>183</sup>, a pergunta para Lacan é como reconhecer nessa obscuridade o que é um nó borromeano, dado que ele afirma que é disso que se trata no passe. Como deduzir, extrair o que é um dizer, já que não é o mesmo que o que se diz. Em seu livro “O que resta de Auschwitz”, Agamben diz que nos testemunhos dos que estiveram no campo tem uma “lacuna”. Davam testemunho de algo que não podia ser testemunhado. Para Agamben, comentar esses testemunhos inclui escutar essa lacuna, quer dizer, “tratar de escutar o não dito”. Para o que seria necessário que o testemunho seja bem contado<sup>184</sup>.

Janeiro de 2017.

*Tradução de Sonia Alberti.*

## Ler uma carta não é saber encontrar seu caminho

Marie-José Latour, Tarbes, França, CIG 2014-2016.

Se o saber-fazer é essa virada que não se encontra na receita, não é ele também tanto o índice do limite do saber lisível e a promessa de um achado?

Depois de ter trabalhado por dois anos no CIG, tanto nos cartéis do passe quanto no cartel permanente que nos reuniu até hoje (menos nosso colega de Medellín, Ricardo Rojas que não pode vir se juntar a nós aqui em Barcelona), fiz a aposta de encontrar essa aporia a partir do que uma criança soube me passar, até o título de minha intervenção que julguei possível inferir de seu dizer.

181 Lipovetsky, Gilles. De la ligereza. Ed. Anagrama

182 Lacan, el saber del psicoanalista, 4-5-1972

183 Lacan, Seminario XXIV, L'insu. Lição de 15-2-1977

184 N. do T.: observação de Jorge Semprún Maura, aliás, Federico Sánchez (1923-2011), conforme assinalado pela tradução francesa deste texto de Maria Luísa de la Oliva.

## 1.

Teseu foi vítima de uma afasia importante que, no entanto, não o impediu de aprender a ler. Sua professora, ao prepará-lo para a escola, soube propor à sua mãe que o acompanhasse até meu consultório pois esse/se<sup>185</sup> saber ler não lhe permite encarar a separação da mãe sem que ele seja tomado por uma terrível angústia. É por ficar em pé atrás da poltrona na qual poderia se sentar, vigiando com um olho a porta atrás da qual consentiu em deixar sua mãe nos aguardando que adivinhou que ele me diz estar com medo de estar ali, na respiração inarticulada que ele me endereça.

Roman Jakobson – linguista e estudioso de poesia, presente nos seminários de Lacan que o reconhecia como aquele que não fala bobagens sobre a linguagem – estabeleceu a importância da função distintiva dos sons e das consequências da perda dessa função. Em sua obra *Langage enfantin et aphasie (Linguagem infantil e afasia)*,<sup>186</sup> ele lembra que não são os sons isolados que importam, mas as distinções entre eles e «antes de toda e qualquer relação de cada som com todos os outros sons do sistema». O nominativo é a forma gramatical que melhor sobrevive nas afecções afásicas. Com efeito, que eu posso dizer os nomes e sobrenomes de sua professora, que eu me interesso pelos nomes daqueles com os quais convive, produz um primeiro efeito que torna possível para ele se aproximar da mesa em que se põe a desenhar.

Aliás, mais pinta do que desenha, e o traço vai se espessando à imagem de sua dificuldade de elocução. Tenho dificuldades de entender o que ele diz, mas entendo que ele me endereça sua fala. Onde encontrar o instrumento que lhe permitiria a distinção, a separação? Percebo sua docilidade na representação e seu esforço para encontrar uma forma de tornar eficaz a distinção. Conforme a escrita do signo saussuriano, no verso de cada desejo, ele lhe dá o nome: «mar», «camping», «carrossel», «painel». Em outras palavras, esse exercício de denominação não propicia a narrativa. Teseu não conta histórias, poderíamos dizer que ele me toma como testemunha de suas dificuldades com o uso da fala?

Algumas sessões mais tarde, ele escreve no verso de um dos desenhos: « Para Jasão », seu irmão. Acreditando estar advertida de que isso poderia indicar uma tentativa de anulação da função de corte entre as sessões e o mundo, lhe digo que os desenhos que faz aqui não são desenhos que ele pode levar consigo sem que isso levante uma questão... Sem me deixar perder mais tempo, com um largo sorriso e uma inesperada segurança, ele me diz: «OK!, o deixo aqui, mas posso escrever 'Para Jasão'». Formidável! Teseu entendeu, com rara clareza, o efeito ansiolítico da representação e do universalizável do saber. Separar-se da mãe não é mais um problema e ele agora continua sua escolaridade, sem maiores problemas no que se convencionou chamar de aprendizagens.

## 2.

No entanto, ler uma carta não é então encontrar seu caminho. Pois, se o significante é o que distingue, separa, o significante é também a causa do gozo. Teseu certamente não desmentiria Lacan escrevendo, em «A direção do tratamento», que não é necessário conhecer o plano de uma casa para bater com a cabeça contra as paredes, acrescentando ainda que, por fazê-lo, nos damos bastante bem<sup>187</sup>. Não seria possível ler nisso uma das primeiras ocorrências do saber-fazer? Cada um tem, certamente, a experiência disso, não basta saber alguma coisa

185 N. do T.: Jogo de palavras da autora entre esse/se em francês: *ce/se*

186 Roman JAKOBSON, *Langage enfantin et aphasie*, Paris, Minuit, 1969, p 72

187 Jacques LACAN, « La direction de la cure et les principes de son pouvoir » in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p 608

para saber fazê-la. Se, como escrevia Georges Perec, «Viver é passar de um espaço a um outro tentando, o melhor possível, não esbarrar<sup>188</sup>», Teseu nos desenha sua versão nessa espécie de espaço, hésée va nous dessiner sa version de cette espèce d'espace, sua declinação. Tendo agora 8 anos e meio de idade, ele desenha com um traço vivo e sem pausa, não sem gozo, portanto, o caminho que ele atravessa para chegar até meu consultório.



Desenho 1

A sinalização se confunde com a zona assinalada. Não há muito espaço por onde avançar, pouco para se ficar. Então, de forma um pouco estúpida – pois, onde eles poderiam pisar? – espanto-me sobre a ausência de personagens, e Teseu replica: «Eles ainda não chegaram.» Lição frente a minha impaciência! Teseu me lembra o inédito da experiência da fala e a articulação do saber necessário junto com sua igualmente necessária suspensão.

Ainda uma vez, não é tanto o cenário que conta, mas o inventário desses painéis, cada um com sua significação própria, de alguma maneira, Uns, lisíveis como cada uma das letras do alfabeto. Há um *gap* entre os Uns da linguagem e do saber. Contrariamente ao que o discurso do mestre leva a crer e ao que o discurso do histérico faz sonhar, alguma coisa não se encadeia entre S1 e S2. Com efeito, percebe-se o caminho que falta percorrer para que esses sinais se organizem num sistema suscetível de indicar uma orientação, orientação requerida para a leitura.

De volta à minha tarefa, contento-me em constatar a que ponto a estrada pode se mostrar impraticável, de modo que talvez seja necessário encontrar uma via. Sabemos como Lacan insiste, várias vezes em seu ensino, que pensamos com nossos pés. Colette Soler colocou em relevo essa observação aparentemente rápida em seu comentário da «Nota italiana». Teseu não está, de alguma forma, me lembrando que não se trata tanto de elucubrar, mas de encontrar uma via nesse mundo incômodo? Ele não se empenhando ardentemente no que poderia ser um pensamento operatório?

De sessão em sessão, de desenho em desenho, ele vai estreitando a zona em trabalho, e o painel adquire a função de uma borda.

188 Georges PEREC, *Espèces d'espace*, Galilée, 1974/2000, p 16



Desenho 2

Desde seu primeiro seminário, Lacan reposicionava a função do analista em relação ao saber: «Não devemos guiar o sujeito para um saber, mas para as vias de acesso a esse saber<sup>189</sup>». Aqui o analista assumiria ares de desbastador a fim de permitir uma subtração que teria por função cingir o furo na linguagem? No labirinto com o qual se defronta Teseu, em torno do furo, um caminho se desenha e, fazendo isso, o pátio da escola se torna, para Teseu, um lugar frequentável.



Desenho 3

3.

Leitora fiel da *art press*, qual não foi minha surpresa quando, próxima de uma nova sessão com Teseu, descobro no interior de um número, a fotografia de uma instalação de Annette Messenger, *Les interdictions*<sup>190</sup> (*As interdições*):

189 Jacques LACAN, *Le séminaire livre I, Les écrits techniques de Freud*, Paris, Seuil, 1975, p 306

190 Annette MESSAGER, Exposition *Dessus dessous*, Musée des Beaux-arts, Cité de la dentelle et de la Mode, Calais, du 17 octobre 2015 au 15 mai 2016



Desenho 4

Não se trata de deduzir dessa contingência o que quer que seja concernente a Teseu, mas ela nos dá o ensejo de situar o saber-fazer na experiência analítica, cuja primeira função é a de fazer do saber uma questão «é d'eles/dois [d'eux] que isso fala?»<sup>191</sup> Em uma dessas últimas ocorrências repertoriadas num tesaurus para as Jornadas em Barcelona neste mês de janeiro de 2017, Lacan, em 1977, recorre à fala de uma criança para esclarecer a sutileza do que está em jogo nas distinções entre saber, se virar<sup>192</sup> e saber-fazer.

Convidando-nos «esvaziar a evidências»<sup>193</sup> desses «eu sei» que nada querem dizer, mas que pontuam tantas afirmações que fazemos, ele lembra «évidement»<sup>194</sup>, de uma palavra infantil. Aquela que o deixou embaraçado alguns setenta anos antes, e que ele escutou de sua irmãzinha Madeleine, afirmando sem pestanejar, não exatamente «eu sei», mas «Manene sabe». Se o saber-fazer está no princípio do que permite enodar o real – que não fala – com o simbólico – que, falando, mente – e com o imaginário – que sempre se engana –, ele não poderia ser, esse saber-fazer, um assunto do «eu (moi)». Aqui, o mais importante não é «o que» Manene sabe, mas que «ela» sabe.

A língua francesa é aquela que permite interrogar homofonicamente «qui sait qui c'est?»<sup>195</sup> e «qui c'est qui sait?»<sup>196</sup> Que nós o saibamos<sup>197</sup>, é o que torna difícil a transmissão desse saber-fazer, que não é um significante, ao mesmo tempo em que é para fazê-lo conhecer que o Passe se propõe. Temerosa aporia essa que conduz o cartel à busca do que ignora.

Na sequência dessa mesma lição do seminário *L'insu*, Lacan fala do Passe como «alguma coisa que não quer dizer nada além de «se reconhecer entre si/saber, entre si»<sup>198</sup>».

191 N. do T. Tendo essa passagem do texto ficado bastante obscura para a tradutora, ela tomou a iniciativa de solicitar um esclarecimento à autora. Segue a tradução de um recorte de sua resposta: «A contingência do uso dos painés por Teseu e por essa grande artista, não faz de Teseu um artista mas testemunha que ele tem um certo saber-fazer. Quanto ao saber-fazer da experiência analítica, ao acompanharmos Lacan no *Seminário XX, Mais ainda...*, seria de **fazer** do **saber** uma questão, pois ele lê S2 (o saber) da seguinte forma: 'é d'eles/dois [d'eux]?', ou seja, ele o lê como uma questão». Em seguida, a autora retomou a passagem no Seminário, na última lição, de 23 de junho de 1973, observando: «É no início, depois de ele ter dito 'o saber é um enigma...', que ele desenvolve: 'Chamo isso de S2. É preciso saber escutá-lo – é bem d'eles/dois [d'eux] que isso fala?' (p. 126 da edição francesa). Então a primeira função do saber-fazer é de fazer do saber uma questão. Se não há apenas um saber assertivo, é possível fazer uma análise? É disso que se trata para esse menino, de fazer uns furinhos no saber do código para que ele aí aloje seu caminho...»

192 *Savoir y faire*

193 Jacques LACAN, *Le séminaire livre XXIV, L'insu-que-sait-de-l'une-bévue-s'aile-à-mourre*, leçon du 15 février 1977, inédit.

194 *Evidentemente* mas também *esvaziamento*.

195 Quem sabe que é isso/esse?

196 Quem é o que sabe?

197 Jacques LACAN, «Préface à l'édition anglaise du séminaire XI» in *Autres écrits*, Paris, Seuil, 2001, p 571

198 Lacan coloca entre parênteses parte da palavra *s(av)oir*, saber, reduzindo-a a *soi*, si, ou ainda *soir*, que traduzo por sir.

E não é um erro de impressão, nem um lapsos! É difícil ler nesse reconhecimento «entre si» uma capacitação habilitadora qualquer. É uma fórmula enigmática então, mas que chama nossa atenção sobre um possível erro de perspectiva, aquele de um falso s(abe)r que produz o impasse sobre o paradoxo de reconhecer o que não se conhece. O «se» de «se reconhecer entre *soi*» não deve muita coisa ao *moi* (eu), nem à visibilidade imaginária. O talento de Lacan de saber fazer um uso pouco ordinário da língua não deveria, no entanto, nos levar a modelar o que não poderia sê-lo. Com tal formulação, estamos, razoavelmente, ao abrigo, parece-me!

\*

Se, no seminário *Mais ainda*, Lacan esclarece o que é o inconsciente enquanto saber-fazer com *lalangue*, é no seminário *O sinthoma* que ele retorna, várias vezes, ao saber-fazer do artista. Conhecemos a importância desse seminário para o que Colette Soler chamou de «uma psicanálise reinventada».

Na primeira lição desse seminário<sup>199</sup>, aquilo que tínhamos até então o hábito de ler como o saber na escrita dos discursos, S índice 2, torna-se o índice da divisão introduzida no sujeito. S2 escreve o caráter duplo do símbolo, a cifra da peça que partiu em duas e que servia de signo de reconhecimento aos portadores de cada uma das metades.

Que a linguagem seja esse «sistema único composto de elementos que são ao mesmo tempo significantes e vazios de significação<sup>200</sup>», não é isso o que torna possível o desdobramento do registro do simbólico em símbolo e sintoma? Esse desdobramento caracteriza, para Lacan, o saber-fazer de Joyce, conjugando o «fazer do sintoma» com o «saber» do símbolo.

O saber-fazer, a própria locução, incluindo o hífen, não faz escutar de alguma forma esse desdobramento? Lembrar-nos-emos que o «fazer» é inicialmente poema?

Barcelona, 21 de janeiro de 2017.

*Tradução de Sonia Alberti*

199 Jacques LACAN, *Le séminaire livre XXIII, Le sinthome*, Paris, Seuil, 2005, pp 18-19

200 Roman JAKOBSON, *Six leçons sur le son et le sens*, Paris, Minuit, 1976, p 78

## EVENTOS MARCADOS

### Simpósio Interamericano da EPFCL “Sexuação e identidades” Rio de Janeiro, 7 a 10 de setembro de 2017.

#### Tema:

No Simpósio “Sexuação e identidades”, os psicanalistas poderão demonstrar como a psicanálise, longe de ser normativa - segundo algumas acusações injustificadas – dá toda a relevância à singularidade das sexualidades. A psicanálise traz o questionamento das identidades ditas sexuais. Uma sexualidade é a conjunção complexa das “disposições sexuais” (Freud), dos encontros ao acaso, das identificações, e da construção da fantasia fundamental como resposta ao enigma do desejo do Outro. O resultado é o *sinthoma* que, ao amarrar os três registros (Real, Simbólico e Imaginário) de cada ser-para-o-sexo, condensa a forma como cada um goza sexualmente a partir de seu inconsciente. Cada sujeito tem sua forma única de ser homem ou mulher, de utilizar os semblantes dos gêneros, de se situar em relação à partilha dos sexos e de circular nas diversas posições de gozo. Eis o que aprendemos no *divã* a partir da prática do Inconsciente. A política da psicanálise é a política do *sinthoma* – sustentada pela ética de bem dizê-lo. A partir da sexuação lacaniana e de uma releitura da sexualidade inaugurada por Freud no início do século passado, convidamos os analistas a trazerem suas contribuições com sua clínica e essa nova lógica às questões atuais das ditas novas sexualidades e questionamentos sobre gênero e orientação sexual.

*Antonio Quinet.*

#### Resumo do Programa:

07/09	9h às 17h – Jornada de Escola 17h – Assembleia da EPFCL-Brasil (1a chamada às 17h e 2a, às 17h30)
08/09	9h à 18h Simpósio Interamericano e Encontro da EPFCL-Brasil
09/09	9h à 18h Simpósio Interamericano e Encontro da EPFCL-Brasil
10/09	9h à 18h Simpósio Interamericano e Encontro da EPFCL-Brasil

#### Informações:

Data: de 7 a 10 de setembro de 2017

Local: COLEGIO BRASILEIRO DE CIRURGIÕES

Rua Visconde Silva, 52 – Botafogo / Rio de Janeiro

Contato: <http://www.simposiosexuacao.com.br>

E-mail: [sexuacaoidentidadesrio2017@gmail.com](mailto:sexuacaoidentidadesrio2017@gmail.com), Telefone: +55 (21) 2286 9225



**Valores das inscrições:**

Período	Profissionais	Estudantes
<i>Até 15 de abril de 2017:</i>	R\$ 380,00	R\$ 190,00
<i>De 16/04/2017 até 30/06/2017:</i>	R\$ 420,00	R\$ 210,00
<i>De 01/07/2017 até 31/08/2017:</i>	R\$ 460,00	R\$ 230,00
<i>No Local:</i>	R\$ 500,00	R\$ 250,00

**Formas de pagamento:**

Depósito bancário em nome de Formações Clínicas do Campo Lacaniano-RJ

Banco Itaú Ag: 5622 C/C:18237-5 CNPJ. 03.137.219.0001-25

**Enviar cópia do depósito por e-mail para:** [sexuacaoeidentidadesrio2017@gmail.com](mailto:sexuacaoeidentidadesrio2017@gmail.com)

**Comissões**

**Coordenação geral:** Antonio Quinet e Rosane Melo.

**Comissão de organização:** Maria Anita Carneiro Ribeiro (coordenadora), Andrea Bruneto, Bárbara Zenicola, Beatriz Maya, Florencia Farias, Gloria Patricia Jaramillo, Julie Travassos, Katarina Ponciano, Katia Botelho, Luciana Piza, Maria Helena Martinho, Mariano Daquino, Rosane Melo, Robson Melo e Sandra Mara Dourado.

**Comissão científica:** Sonia Alberti (coordenadora), Ana Laura Prates Pacheco, Dominique Fingeremann, Gabriel Lombardi, Gabriela Zorzuti, Ida Freitas, Kátia Botelho, Maria Vitória Bittencourt, Ricardo Rojas e Vera Pollo.

**Comissão da Jornada de Escola:** Clara Mesa, Marcelo Mazzuca, Sandra Berta, com os membros da CLGAL.

**Comissão de divulgação:** Local: Leonardo Pimentel (coordenador), Elvina Maciel, Felipe Grillo, Marcela Laboissière e Taoana Padilha. Para o Brasil: Coordenadores dos Fóruns locais. Para as Américas: Coordenadores dos Fóruns americanos do Sul e do Norte.

**Comissão de posters e de videos:** Sonia Borges (coordenadora), Geisa Freitas, Felipe Grillo e Sandra Chiabi.

**Comissão social:** Adriana Dias Bastos (coordenadora), Gilda Mesquita, Heloene Ferreira da Silva, Silvia Lira e Tati Torres.

**Tesoureiras:** Gloria Justo e Luciana Piza.

## **Encontro Internacional da IF-EPFCL: “Os adventos do real e o psicanalista” Barcelona, 13 a 16 de setembro de 2018**

Vinte anos terão sido atravessados desde a criação da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, depois da iniciativa lançada em Barcelona em julho de 1998, novo passo que, seguindo o caminho traçado por Sigmund Freud e Jacques Lacan, adveio como movimento de contra-experiência visando a criação de uma Escola de Psicanálise que nasceu, efetivamente, em 2001.

Vinte anos depois, nós nos reencontraremos novamente em Barcelona, aqueles e muitos outros, por ocasião do X Encontro Internacional da IF-EPFCL e do VI Encontro Internacional de Escola. Dispomos do essencial: a impulsão do desejo da Comunidade internacional, o compromisso dos Fóruns de Barcelona e do resto da Espanha para que sua organização chegue com segurança à realização, e o título do Encontro que funcionará, até lá, como eixo estruturante do trabalho dessa Comunidade.

“Os adventos do real e o psicanalista”. Um título enigmático em razão de sua semântica de “adventos”; em razão de seu plural – pluralidade da diversidade dos elementos do que é real e pluralidade de suas diferentes acepções – de “o que retorna sempre ao mesmo lugar”, obstaculizando o bem-estar, até o real do que pode transbordar –; enigmático ainda pela complexa relação entre ambos os termos, pela dependência do segundo em relação ao primeiro, mas não só isso... Se, como Lacan o afirma em “A Terceira”, o futuro da psicanálise depende do que advém de real – e não ao contrário –, quais são as consequências desses adventos – sustentados pelo discurso científico – para os laços sociais e, em particular, para o discurso analítico, aquele que adere o analisante ao par analista-analisante? Um título que introduz questões, nos mantém despertos, um título que nos fará trabalhar.

Não há advento de real que não venha truncar o ilusório e esperado na experiência de continuidade no falasser, quer se trate do traumatismo do Outro como constituinte, quer se trate do real do gozo do corpo, aquele do acidente, ou ainda, disso que produz o avanço da ciência. O que quer dizer que todo advento do real implica um efeito, efeito imediato que é de afeto – a angústia – ou efeitos mais silenciosos, incalculáveis, que se difundem no social e que, constatamos, não cessam de produzir novas segregações. Não está nas mãos do psicanalista reduzir os adventos do real; o psicanalista pode responder, ele pode, nos diz Lacan, contrariá-lo.

*Rosa Escapa e Ramon Miralpeix,  
Presidentes da Comissão de Organização.*

## INFORMAÇÕES GERAIS

**Local:** CCIB<sup>200</sup> (Centre de Convencions Internacional Barcelona)

**Inscrições:**

<b>TARIFAS</b>	<b>2 dias</b>	<b>3 dias</b>
<i>Antes de 30 de abril de 2017</i>	200 €	240 €
<i>Antes de 30 de abril de 2018</i>	240 €	290 €
<i>Até 13 de setembro de 2018</i>	290 €	330 €

### Comissão de Organização

**Presidentes:** Rosa Escapa e Ramon Miralpeix

**Membros:** Jacqueline Ariztia, Jorge Chapuís, Carmen Dueñas, Ana Martínez, José Sánchez, Teresa Trías

**Contatos:** miralpeix@copc.cat e rosaescapa@gmail.com

200 Comissão de Organização

Presidentes: Rosa Escapa e Ramon Miralpeix

Membros: Jacqueline Ariztia, Jorge Chapuís, Carmen Dueñas, Ana Martínez, José Sánchez, Teresa Trías

Contatos: miralpeix@copc.cat e rosaescapa@gmail.com